



Serra da Berinjela:

A Terra Onde Nascem as Águas



Cícero Miranda
Robson Marques
Joaquim Novaes
Juracy Marques
(ORGANIZADORES)







SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECOLOGIA HUMANA

CNPJ: 21.200.341/0001-80

Contatos: 75.99217 6860

E-mail: editora.sabeh@gmail.com

Site: www.sabeh.org.br

Revisão:

Rubervânio Lima

Diagramação e capa:

Rubervânio Lima (Ed. Oxente)



Fotos:

Bruna Izabelly Barbosa, Tatiana Pureza, Heberte Guedes, Juracy Marques, Alzení Tomáz, Robson Marques, Joaquim Novaes, Isac nascimento.



NOVA CARTOGRAFIA DOS
POVOS E COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO BRASIL
PROJETO QUILOMBOS

PNCSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia



CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



FORD
FOUNDATION

UF
B
Universidade Federal do
Rio Grande da Bahia

Catálogo na publicação (CIP)
Ficha Catalográfica

Miranda, Cícero, Marques, Robson, Marques,
Juracy, e Novaes, Joaquim, ORGs.

M672s

**Serra da Berinjela: a terra onde nascem
as águas** / Cícero Miranda, Robson

Marques, Juracy Marques e Joaquim Novaes,
Organizadores. Paulo Afonso: Editora SAbEH,
2020.

176 p.; il.

ISBN: 978-65-5732-013-6

1. Influência da comunidade Rural
2. Ecologia Humana 3. Juracy Marques.
I. Título

CDD: 155.94

E-BOOK

Cícero Miranda
Robson Marques
Juracy Marques
Joaquim Novaes
(Organizadores)

Serra Da Berinjela:

A Terra Onde Nascem as Águas



2020

CORPO EDITORIAL

Brasil

Dr. Juracy Marques dos Santos (NECTAS/UNEB)
Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida (UFAM/PPGAS)
Dr. João Pacheco de Oliveira (UFRJ/Museu Nacional)
Dra. Maria Cleonice de Souza Vergne (CAAPA/PPGEcoH/UNEB)
Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira (NECTAS/PPGEcoH/UNEB)
Dr. Fábio Pedro Souza de F. Bandeira (UEFS/PPGEcoH)
Dr. José Geraldo Wanderley Marques (UNICAMP/UEFS/PPGEcoH)
Dr. Júlio Cesar de Sá Rocha (PPGEcoH/UNEB)
Dra. Flavia de Barros Prado Moura (UFAL)
Dr. Sérgio Malta de Azevedo (PPGEcoH/UFC)
Dr. Ricardo Amorim (PPGEcoH/UNEB)
Dr. Ronaldo Gomes Alvim (Centro Universitário Tiradentes–AL)
Dr. Artur Dias Lima (UNEB/PPGECOH)
Dra. Adriana Cunha – (UNEB/PPGECOH)
Dra. Alpina Begossi (UNICAMP)
Dr. Anderson da Costa Armstrong (UNIVASF)
Dr. Luciano Sérgio Ventin Bomfim (PPGEcoH/UNEB)
Dr. Ernani M. F. Lins Neto (UNIVASF)
Dr. Gustavo Hees de Negreiros (UNIVASF/SABEH)
Dr. Carlos Alberto Batista Santos (PPGEcoH/UNEB)
Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida (UFRPE)

Internacional

Dr. Ajibula Isau Badiru – NIGÉRIA (UNIT)
Dr. Martín Boada Jucá – ESPANHA (UAB)
Dra. Iva Miranda Pires – PORTUGAL (FCSH)
Dr. Paulo Magalhães – PORTUGAL (QUERCUS)
Dr. Amado Insfrán Ortiz – PARAGUAI (UNA)
Dra. María José Aparicio Meza – PARAGUAI (UNA) Dr.

EQUIPE DE PESQUISADORES E PESQUISADORAS

Juracy Marques, Alzení de Freitas Tomáz, Robson Marques dos Santos, Gisele da Silva Conceição, Danilo Borges e Silva de Araújo, Vanessa Silva Santos, Bruna Izabelly Barbosa, Ravy Leandro, Isabele Tavares de Andrade Ribeiro, Marco Antônio Galvão Martins, Tatiana Pureza, Diulli Pureza, Guilherme Freitas, Gustavo Negreiros, Ícaro Maia, Lilian Pinto da Silva Santos, Joaquim Alves Novaes, Maria Rosa Almeida Alves, Jakeline Alves Silva Muricy, Ana Paula Silva de Arruda, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Maria de Fatma Santos de Lima, Patrick Pacheco Almeida, Nacho Vega Fernández, Nilma Carvalho Pereira, Pâmela Peregrino da Cruz, Paulo Wataru Morimitsu, Sílvia Janayna de Oliveira Veriato, Suana Silva.



Dedicamos este livro aos Moradores e Moradoras da Serra da Berinjela.

Este livro é parte das atividades do Projeto Quilombos, financiado pela fundação FORD, coordenado por Dr. Juracy Marques (Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana – GPEHA-PPGECO/UNEB), Franklin Plessmann de Carvalho (NEA Nova Cartografia Social / UFRB) e Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza (LACC/UPE). Trata-se de uma pesquisa que integra as ações do Projeto Nova Cartografia Social do Brasil, coordenado pelo Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida. Esta publicação é feita em parceria com a Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH e com o Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGECO/UNEB).



**NOVA CARTOGRAFIA DOS
POVOS E COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO BRASIL
PROJETO QUILOMBOS**



PNCSA
Projeto Nova Cartografia
Social da Amazônia

Sumário

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO 1	15
1. NARRATIVAS DA COMUNIDADE I	
1.1. SEO ZÉ LINO	17
1.2. INÁCIO LAURÊNCIO DE SOUZA E JOSEFA ARAÚJO DE SOUZA	26
1.3. DONA MARIA VILMA	34
1.4. JOSÉ INÁCIO DA SILVA (ZÉ BLÉO)	41
CAPÍTULO 2	55
2. CARTOGRAFIA	
2.1. A VIDA DE JOSÉ GONÇALVES	57
Capítulo 3	59
3. Narrativas da Comunidade II	
3.1. MARIA DA CONCEIÇÃO LEITE DA SILVA	61
3.2. DONA SILVINA E SEO PEDRO	80

Capítulo 4	99
4. Cartografia	
4.1. AS FERIDAS DAS MONTANHAS: DESTRUIÇÃO DA CHAPADA DIAMANTINA PELA ATIVIDADE MINERADORA	101
Capítulo 5	111
5. Narrativas da Comunidade III	
5.1. SEO MIGUEL	113
5.2. ANTÔNIO GOMES DA SILVA (TONHO BÃO) E MARIA LEITE DA SILVA	123
5.3. CÍCERO MIRANDA (BEBÉ)	143
5.4. SEO FRANCISCO	152
5.5. ANTÔNIO ANDRELINO DA SILVA (TANGARÁ)	157
5.6. DONA AMÉLIA	162



A Água é o Veículo da Natureza

Leonardo da Vinci

APRESENTAÇÃO

Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras. Liberdade caça jeito.

Manoel de Barros

“Aqui nascem as águas¹”. A Serra dos Morgados de Cima, hoje, Serra da Berinjela, é o local onde estão situadas importantes nascentes do Rio Itapicuru e do Rio São Francisco. Seo Pedro, morador da Serra de Cima, faz um relato que mostra a situação das águas nessa região: **“Vou começar daqui do Quererá, uma; Caiçara, duas; Olheiro, já vai três; Caititu, quatro; tinha a Lagoa, cinco; tinha o Junco, seis; tinha a Olaria, sete; aqui o Olho D’água (Amarelo), oito; outro olho d’água aqui atrás da serra que a água é vermelha também, nove; e hoje só o Olho D’água Amarelo tá vivo. O Caititu nunca tinha secado, as mulheres lavavam roupa lá. Tinha dia de ter dez, doze mulheres lavando roupa lá. Aí, veja! O Rio Estiva começava aqui nessa travessa do Popó. Aqui descia água direto desse brejo do Popó, caí na Cachoeira da Serra, forte, saia na baixa e ia sair na Juacema. Dá pra acreditar que tudo isso tá seco?!”**

Como mostram as narrativas dos moradores e moradoras desse lugar lindo da Caatinga, ao longo dos anos, as serras daqui vêm sofrendo agressões de várias formas. Antes desmatadas para servir como local de plantação de cana e de outras culturas, como pasto para gado, foi daqui que saíram milhares de mourões (troncos grossos de árvores) para instalação das linhas férreas. Mas a devastação não parou por aí. As perfurações de poços irregulares mataram quase a totalidade das nascentes e rios dessa localidade que, hoje, vive momentos recorrentes de falta d’água. É um contrassenso, mas a região que produz água para várias comunidades do Semiárido, passa sede.

1. Fala de Zé Bléo, homenageado na capa.

Se não bastasse os recorrentes ataques contra a natureza dessa comunidade, mais recentemente, a região é vítima da estranha implantação de mineradoras licenciadas² pelo município de Jaguarari, sobretudo. Outro fantasma que passou a desosssegar os moradores locais é a notícia da instalação de um parque eólico nessa bela paisagem, nesse singular corredor de ventos, caminhos das neblinas sagradas, como dizem.

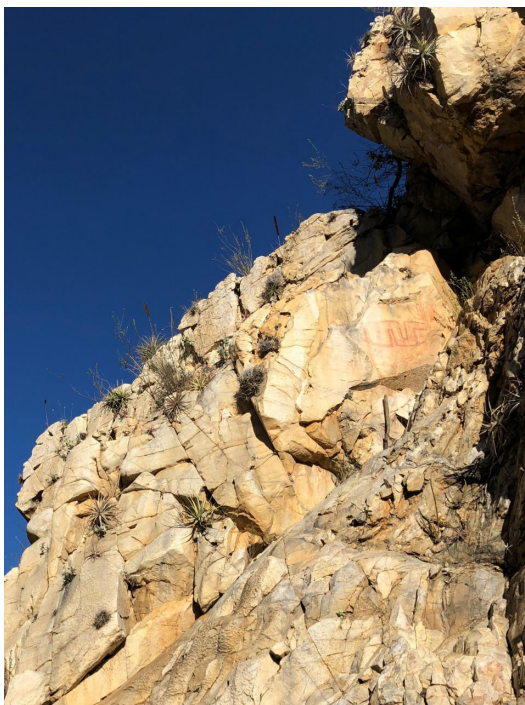


Figura 1: Patrimônio arqueológico na rota das mineradoras (GUEDES, 2018)

2. Importante destacar que é bastante questionável o fato do município que dispõe de um sistema municipal que não tem em seu corpo uma equipe multidisciplinar, conforme as exigências legais, tenha licenciado quase uma dezena de mineradoras para o município em um ano. Essa problemática hoje faz parte de denúncias que estão sendo analisadas pela equipe da Fiscalização Preventiva (FPI) e pelo Ministério Público. Conforme o Princípio da Precaução, espera-se que sejam evitadas suas implantações ponderando seus desastrosos e irreversíveis danos.

Como depõem os locais, trata-se de um região com grande potencial turístico, pois é uma das mais frias do Sertão. Como diz nosso amigo Bebé, atual presidente da Associação dos Moradores: “Aqui poderia acontecer um festival de inverno com feiras de literatura, amostras de cinema e outras artes como acontece em outros lugares de serras, né? Também poderíamos ajudar a melhorar a produção orgânica de alimentos sustentados pela agricultura familiar e pelos quintais agroecológicos que já são ricos aqui. Já pensou? Mas não! A turma só olha para cá com coisas para destruir, tá difícil, ó!” De fato, os poderes públicos que historicamente negligenciaram a vida dessa comunidade só tem olhos para poços, mineradoras, parques eólicos, ou seja, atividades que destroem para sempre essa bela paisagem da nossa Caatinga. Ele está certo! Hoje, apesar de testemunharmos as consequências dessa forma voraz de destruição da natureza, ocasionando situações como a pandemia que atravessamos, nada cessa essa insana forma de lucrar com a destruição dos solos, das matas, das águas.

A nomeação “Serra da Berinjela” foi para diferenciar da comunidade co-irmã Serra dos Morgados, situada um pouco abaixo. Ainda é possível proteger a vida, a biodiversidade e a paisagem desse local. A comunidade tem buscado alternativas para reverter a devastação florestal e os danos causados pela perfuração de poços artesianos que secou nascentes e rios. Participa, juntamente com a Serra de Baixo, de um projeto que será financiado pelo Comitê da Bacia do São Francisco (CBHSF), para a recuperação dos olhos d’água e do Rio Estiva. Aos poucos, estão replantando os topos das Serras e protegendo os locais das nascentes.

A Nova Cartografia das Serras da Caatinga, realizada por nosso Grupo de Pesquisa (GPEHA³), tem a grata felicidade de

3. Grupo de Pesquisa em Ecologia Humana.

entregar mais um livro a um das comunidades cartografadas: **Serra da Berinjela – A Terra Onde Nascem as Águas**. Nosso intento é mapear a presença negra e indígena nessas regiões. Como provam as narrativas da comunidade, esta área foi espaço de ocupação indígena em tempos imemoriais, bem como cenário da presença negra, sobretudo, a partir do cinturão de engenhos instalados nessas terras úmidas do Sertão. Entretanto, a escravidão e suas marcas se escondem nos escombros da violência colonial que ainda vive nessas terras.

O “mapa textual” que é esta Cartografia, antes de tudo, ventila o sonho de que, juntos, encontremos um caminho para, ao mesmo tempo que asseguramos condições de vida digna para as pessoas que moram aqui, também protegemos as árvores, os animais e as águas que são a alma viva da natureza dessas Serras Encantadas.

Equipe da Cartografia

An aerial photograph of a rural community, likely in a tropical region. The scene is dominated by lush green vegetation, including palm trees and dense foliage. Several small, simple houses with red-tiled roofs are scattered across the landscape. A dirt road winds through the area. In the background, rolling hills and mountains are visible under a hazy, overcast sky. The overall atmosphere is peaceful and natural.

CAPÍTULO 1

1. Narrativas da Comunidade I

1. Narrativas da Comunidade I

1.1. SEO ZÉ LINO



Figura 2: José Lino Gomes, “Zé Lino” (ALZENI, 2019).

Eu fiquei nesse campo, aqui, e nesse campo eu tô, né? Pois bem! Tem um documento aí alegando que eu tenho 92 anos. Agora, naquele tempo que eu nasci, aquele tempo era um muito trapaíado. O povo era à toa, o povo era besta. Num ligava as coisa. É tanto que eu tenho meu registro (certidão) de nascimento aí, mas esse registro, quando eu fui tirar, eu já era rapaz. Eu sei lá quantos anos eu tinha! Eu não vou mentir. Eu não sou homem de mentira, né? Eu não sei quantos anos eu tenho. Agora os dados que estão dando aí diz que eu tô dentro dos noventa e dois ano.

Rapaz! Meus pais eram daqui mesmo. Agora os avô eu acho que já eram de fora. Meu pai era José Lino Gomes. E minha mãe era Maria Morata de Jesus. Sobre meus avós, esses aí eu já num dou, né? Esses dados eu não dou. Ói! Eu só posso dá meus dados de quando eu me entendi, quando eu já tava mais ou menos com dez anos, porque a gente já tendo dez anos, passando para os doze, já pode, já vai assuntando as coisas que há. Os mais velhos vão dizendo e a gente vai assuntando. Pois bem! Eu só posso te dá

minha identidade daí pra cá. Dai prá lá eu não posso dá.

Eu nasci na Serra de Cima, numa roça que nós tinha ali. Moremo um tempo na roça, tinha uma casa lá e eu nasci na roça. Mas nasci aqui! Agora, essa Serra aqui tá com esse nome, mas isso aqui não era nosso.

Ói! Um dia eu brincando mais um cara que tem os documento daqui, ai ele disse: “Oh rapaz, tu mora aonde?” - Eu moro lá na Serra. Na Serra da Berinjela. “ E é?” - É! “Pois aquele terreno lá é nosso!” - É de vocês aquele terreno? “Óia! Nós tinha escritura daquele terreno (nesse tempo o pai dele era vivo, ai depois disso o pai morreu) e nós temos o documento daquele terreno, se nós chegar lá, nós bota vocês tudinho pra fora! Porque eu levo minha escritura debaixo do braço, de primeiro eu vou até o juiz, eu jogo minha escritura debaixo do meu braço aqui, chegar a mesa tá aí, a gente faz a reunião (como nós tamo aqui), eu jogo minha escriturona em cima da mesa. Joga a de vocês! Vocês num têm um taquinho de papel!” Num botava pra fora? (risos). Nós sem ter um taquinho de papel escrito. Ele com a escritura dele, ele não botava “nóis” pra fora? O dono da escritura chamava Zé Morgado. Zé Morgado. Mas eu brincava, e ele brincando era mais um filho conhecido meu, o Senhorzinho. O Zé Morgado, esse cara, eu acho que era do lado das Caatinga daí. Negociava boi, carneiro. Esse cara eu não dou notícia não.

SERRA DA BIRINJELA



Figura 3: Espaço onde estão as duas comunidades (MARQUES, 2020).

O nome da Serra de Baixo era Cabeça do Nêgo! Aí laivem, laivem, laivem... E virou Serra de Baixo.

Esse tempo dos negos, ai não é do meu tempo. Não é do meu tempo, não! Mas aí, nessa baixa tinha um fazendeiro que tinha uma fazenda de gado aí, tinha casa, tinha engenho, tinha tudo aí, nessa baixa. Mas esse terreno aí num tá nesse contrato desse terreno pra cá. Esse terreno pra lá é outra coisa. Agora do arame pra cá, essa conversa é Serra da Berinjela. O fazendeiro era Eduardo! Você num alcançou, mas num ouviu falar, num ouviu? (dirigindo-se ao Antônio Gomes, “Tonho Bão”)

DESENHANDO JAGUARARI COM A MEMÓRIA



Figura 4: Foto antiga de Jaguarari (Domínio Público).

Pois bem! Agora nós vamo mudar esse sentido pra outro! Ói! Quando eu tinha uma base de dez pra doze anos, veja bem a conversa, aqui tinha sete casas. Sete casas com essa do fazendeiro ali. Sete casas era as casas que tinha aqui quando eu tinha de dez pra doze anos, tinha sete casas assim: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete. Tinha sete casa.

O povo foi vendendo, as fâmias foram crescendo, foram casando, o povo fazendo mais casa e lá vai, lá vai passando o tempo, vai passando tempo, vai passando tempo até que chegou agora, né? Agora, nessas alturas já tá tendo sessenta e duas ou sessenta e quatro casas. Sessenta e quatro aqui, né? Pois bem! Aí é como diz, eu pra dá os dados de outros cantos eu num dou. Dos outros cantos tem gente da minha idade que pode dá.

E aí, mudando de pau pra cacete (risos), eu conheci Jaguarari não tinha 400 casas! No Jaguarari não tinha energia, de jeito nenhum. A energia, tinha uns tais lampião. O lampião é um negócio de flande com uma lâmpada dentro num pau esticado no chão.

O Custódio Barbosa¹ foi prefeito. Primeiro o pai dele foi, o Alfredo Barbosa era o pai dele, foi prefeito. Alfredo morreu, né? Custódio Barbosa ficou. Aí teve outra política, o Demóstenes era irmão do Custódio Barbosa e entrou o Demóstenes. O Demóstenes ganhou. Agora, sabe o que o Demóstenes fez? Enfiou um bocado de poste no meio da rua. Agora era um negócio bem acabado, de gente sabido, né? E em cada um pau daquele um lampião com uma lâmpada dentro e um motorzão trabaiaando dali da delegacia pra baixo. Tinha uma casa danada com motorzão à óleo!, pra gerar energia à óleo.

Tá bom! Saímos por Jaguarari, ganhamo um dinheiro por lá e tal e tal. Uma turma de rapaz novo daqui. Eu tinha um irmão que morava em Jaguarari. Nós ía trabaiaar e dormia na casa daquele homem lá, um bocado de rapazinho. Aí, quando é um dia, o Sol se pondo, chegou o Zé do Inácio. Conheceu o Zé do Inácio? O pai do Tarcisio, do Bedeu?. Ele chegou e disse: “Rapaz! Eu vim aqui, vocês estão num trabaio certo? - Nós tamo por aqui e trabaia por aí. “Pois nós tem um trabaio grande pra fazer.” - Tem? “Tem! Mas não é muito bom. O trabaio, não é muito bom de fazer não.” - É não? “Não! É ruim de fazer. Eu

1. Em 1933 Custódio Barbosa foi nomeado prefeito de Jaguarari. Governou por 12 anos quando foi assassinado, em 1946, em virtude dos conflitos políticos. Segundo dados do livro História na Mão, foi o coletor Rômulo Saldanha, seu adversário político, quem arquitetou sua morte.

tenho contato com o Zé Batata, Zé Batata dirigente da Leste, ele vai ter um entendimento com o governo a respeito destes poste que estão caindo aí, e aí tiveram lá um acordo desses poste de pau desses lampião, é pra tirar esses poste todinho de pau, jogar fora pra lá, queimar e botar tudinho de trilho.” Ele disse: “Ói! Eu falei porque o Zé Batata falou comigo, que falou, em Salvador, com o governo que tá acontecendo isso aqui assim [porque não podia serrar os trilhos sem entender com o governo, porque ia dizer que tava invadindo, né?] Pois bem! Aí o governo falou que podia o Zé Batata procurar um homi pra procurar o povo e fazer o trabaio de serrar os trilhos.” Cabou! - Rapaz, nós vamo mermo fazer esse trabaio? Nós vamo? Ai ele disse: “Esse trabaio é numa ruma de trilho que tem umas cumbuca.” Nesse tempo era trenzinho à lenha (tem muita gente que nunca nem viu aquele trem), o trilho era estreito. Num era aqueles trilhos danado como daqui na igreja não. Tá bom! Quando é uns três dias o Zé Inácio chegou: “Como é, tão de acordo?” – Tamo! Vamo fazer o trabaio! “Pois é pra levar água e um cavador, cada um tem um facão, eu vou mais vocês.” Passemos na Aroeira, chegando lá tinha um rapaz e uma ruma de trilhos. Aquele trilho que não ia servindo o garimpeiro botava no tróio pra jogar na ruma. “Essa ruma que tá aqui, vocês vão serrar esses trilho aqui, bota uma furquia lá, bota outra aqui que tem praça pra três trabaiair!” Na serra de aço, botando água. Com isso nós trabaíamos quase um mês. Mas serramos seiscentos trio. Quando o trilho tava serrado, eu não sei se tinha um carro no Jaguarari ou se esse carro veio de fora. Eu sei que pegaram um caminhão e foram ver os trilho. botaram no Jaguarari: “Agora nós vamo arrancar esses poste de pau todinho com tudo aí, jogar pra lá”, ele disse! Arranquemos e cavemos outra vez, mas na bitola, né? Tudo certinho, que tinha os dirigentes, né? Tudo certinho. Enfiemos umas carreira de trilho aonde tinha de ser. Enfiemos os poste tudinho. Antes disso, o Ferreira furou os poste pra poder botar os lampião nos poste. Butemos as carreira de trilho lá. Agora é a vez de vocês pra lá. Ai larguemos de mão, né?

Óia! Se tem algum que mora no Jaguarari, do Papelão² pra sair da cerâmica, aquilo podia roçar e fazer uma roça de plantação. Era uma caatinga que só entrava catende, calango e esse tipo de coisa. Não tinha uma casa pra fazer um remendo. Tinha umas casas onde desce para a Aroeira, ali da laje pra baixo, ali tinha umas casas que eu conheci até o cara, o dono das casa ali. Pois bem! Aí, na Rua do Engenho. Eu conheci a Rua do Engenho com duas casas. Tô dizendo, digo e digo mesmo. Só num provo porque não tem outro do meu tempo, pra eu contar ele dizer: “era bem assim”. Ele contar e eu dizer: “era bem assim”. Tinha duas casas na Rua do Engenho. Uma do “Joaquim Célio” e outra do Nem Véio. Conhecia o povo todo. Agora esse negócio desse Engenho já era mais pra lá. Ali pra um terreno do “DEMOC” ali. Tinha um brejo de cana, mas fora já da cidade. Mas hoje, o lugar do engenho já ta “dento” da cidade, já. Era ali no lugar que chama Fonte Velha. Onde tem aquela barragem. Era da Fonte Véia voltando ali pelo caminho que vem pelo Licuri. Era uma voltona danada, um Brejão. Esse engenho era do Demostene. É! Óia! Ali na Rua da Cajazeira, eu conhecia aquilo ali, tinha umas quatro ou cinco casa. Ali tinha uma sapataria de fazer sapato de todo tipo: fazia preto, fazia branco, fazia repartido, o que quisesse, fazia sapato. Pois bem! Aí pra cá, pro lado do Poeirão não tinha casa nenhuma, nenhuma, nenhuma pra fazer remendo. A Rua do Matador, podia roçar do lado e de o to, fazer roça de plantação, só não porque comia, tinha bicho solto. Num tinha uma casa. A maioria das casas era ali dos Barbosa (se ninguém sabe, vocês deve saber dos Barbosa), a delegacia ali, o Chalé do Raul, ali a igreja grande (agora a igreja, nesse tempo num era daquele tamanho. Depois aumentaram aquela torre, não sei se cresceu a igreja). Ali pelo Arlindo da Marica, por ali, mais embaixo tinha a laje que chamava até a laje do Zé Liberto. Ali descia uma carreira de casa pra baixo. Ali vinha pros Conceição ali. Vinha aquela carreira de casa, acompanhando pra vim pros Conceição como quem vem pro jardim. Tem uma casa ali na frente do jardim, aquela casa era onde nós votava. Agora tem um bocado de

2. Bairro Odilon Gonçalves

eleição que nós votemo lá. Pois é! E ali pro Mané do Cândido³ num tinha uma casa ali. Nesse tempo não tinha nenhuma casa. Ali na Estação tinha aquelas casas, nesse tempo eu não sei. Umas casas do governo, porque tinha a Estação, tinha uma casa grande de dentro da Estação, tinha mais outras, aquelas casas ali foram feitas no tempo da Leste. A rua da lama, dos operários, que aquelas casas ali foram feita no tempo da Leste. Que fizeram a Estação e fizeram aquela casa grande.

SUBINDO E DESCENDO A SERRA

Eu trabaivava na roça. Plantava mandioca, mio, feijão, abóbora, melancia, andú, mamona. Tudo isso a gente trabaivava com isso, num era? Ah! Bom! A mercadoria que a gente não precisava em casa, ia vender no Jaguarari. Na feira. Porque, ói, naquele tempo passado, quem não viu não acredita não, diz que é mentira. Oh! Eu só tô falando essa besteira à vocês porque vocês vieram e eu num vou fazer fiura de dizer que num vô dizer, né? (risos). Mas nós vem do tempo do jegue. Quem quiser, entenda o dizer. Nós encangaiava quinze ou vinte jegue aqui, nera Tônho? Descia todo mundo com carga pra Jaguarari. Tudo carregado! Antes sabe como era? Uma muiê com um cesto na cabeça de Jaguarari pra trazer pra cá. Um homem com um bocapiu cheio, calcado de carne e arroz. Lá no Jaguarari, hoje onde é a delegacia, é onde era o açougue, onde “nóis” comprava carne. Jogava no ombro e pra Serra, pra Serra. Do Jaguarari trazia pra cá. E a muié com um cesto na cabeça, oh! Agora hoje, o povo tá numa civilidade, ali tem uma fonte que nem pra ir lá buscar água vão.

A CULTURA

Reis? Samba de Véio, nós brincemo muito, aqui. Aqui tinha uma casa de uma muié, que ela tinha uma famia meia grande e tinha uma sonfona de samba, aí, de quinze em quinze

3. Manoel Marques Conceição, filho de Cândido e avô de Juracy Marques, que morava na Rua dos Operários, também conhecida como Rua da Estação.

dias, tinha um samba na casa dela. Quando num tinha aqui, tinha no Sitio do Meio. Quando não queria brincar aqui, ia brincar no Sitio do Meio. Os meninos do Sitio do Meio quando num queriam brincar lá, vinham brincar mais nós aqui. Na casa da Teodora. Ali dijuntinho daquelas casas lá no fim. Da primeira casa pra cá, um tiquinho. Bem ali pertinho da finada Eva, num era? Bem ali pertinho. E Reis era no tempo das lapinhas, nera? Seis de janeiro.

LAMPIÃO

O Lampião? Não, o Lampião num é comigo, né? Ói! Veja bem! O Marcolino era meu padrinho e a Xexeca era minha madrinha. A minha madrinha casou com o Raimundo e foi morar numa casa aqui do Antônio Conceição, aqui. Eu era moleque, não sei quantos ano eu tinha, eu sei que eu num era moleque grandão, era moleque pequeno. Eu ia prá lá, prá casa da minha madrinha ali na baixa onde tinha o engenho, tinha casa, tinha currali, tinha tudo ali e eu ia pra lá, né? Mas de Lampião eu num tenho dado nenhum. Eu ia pra lá, vadiava, quando é um dia eu cheguei lá, ela disse: “rapaz o Lampião passou aqui, o Lampião passou aqui!”. - Passou? Ela disse: “Passou, e foi pás Piaba”. Foi “pás” Piaba atrás de encontrar com o Raul (risos). Mas eu num me encontrei com ele, num vi ele, num é do meu tempo que eu ter encontrado com ele pá conversar, não, pra saber mió, né?!

ÍNDIOS E NEGROS DAS SERRAS

Rapaz! Rapaz! Aqui mesmo, agora, vamo dizer: por acaso pode ter, já ter tido esse tipo de gente por aqui. Mas num é do meu entendimento. Aqui o que eu entendo, nós não tira teima, nós não tira teima. Dos nêgo, aí pode ter acontecido isso antes deu chegar nos dez anos, porque quando chega por dez e doze anos já vai tomando um entendimento. Óia! Naquele tempo num tinha um dotô por aqui, num tinha um médico, o médico que tinha aqui era o Raul Gonçalves da Fazenda Piaba lá do Jaguarari.

PROFESSOR

Num tinha um professor. Essa muié que saiu por aí nestante, pra poder ela aprender assinar o nome, um professor veio de Jaguarari aqui e ela pagava todo mês. Ela pagava prá poder ela aprender assinar o nome, porque não tinha professor largado como tem em todo lugar hoje, né?

DENTISTA

Dentista? Hum! Dentista aqui era o Rômulo Gonçalves. E era um raizeiro! Mas porque ninguém tinha outro jeito, corriam untá ele pá poder arrancar dente. Ele morava pra lá. A terra dele chamava Boca dos Mato, uma fazenda que já fica lá entre Socotó e o Garimpo, da Serra, cá pra baixo.

REZADOR

Aqui tinha dois rapaz que passava remédio. Um ali no Cantinho e outro ali no Covão. Hoje tem em todo lugar, mas naquele tempo eles não estudavam pra chegar a esse ponto que num tinha professor, né? Mas muitas veiz eles passavam o remédio e servia.

1.2. INÁCIO LAURÊNCIO DE SOUZA E JOSEFA ARAÚJO DE SOUZA



Figura 5: Dona Josefa e Seo Inácio (BRUNA, 2020).

MEMÓRIAS DE ENGENHO

Tem a cerca de baixo, tem a cerca de cima e tem a cacimba. E da cerca do meio pra baixo um pouquinho, tem uma Jaqueira, né? É só a que tá viva, as outras fruteiras acabou tudo. Aquela Jaqueira? Aquela é mais velha do que eu! Ela é mais velha. Tem maus de cem anos com certeza! Quando eu alcancei e me entendi, ela era jaqueira grande. Já botando fruta. O engenho ficava pra cá da jaqueira um pouco. Lá tem o alicerce.

Essa roça aqui (que hoje é do Popó) já foi num sei de quantos donos. Meu pai vendeu ao Antônio Conceição, o Antônio Conceição vendeu para o Belmiro, né? O Belmiro vendeu para o avô do Patrik, e hoje é do Popó.

Rapaz! Meu pai casou duas vezes. A primeira família dele foi bem criada. Ele era metido a rico, né? Depois a mulher morreu, ele ficou solteirão, ele tinha muitos filhos, né? Gostava muito de mulher e se juntou mais os filhos e acabaram com tudo, bebendo cachaça, andando com as mulher e tudo e gastando o dinheiro. Ai quando os filhos começaram a casar e começaram

a sair fora, Uns eram vaqueiros, foram trabalhar nas fazendas aqui das Piabas, trabalhando com gado, com o doutor José Gonçalves, né? E ai meu pai se desgostou, pegou e vendeu tudo e foi morar em Campo Formoso. Já tava um pouco velho, quase sem aguentar trabalhar. Veio aqui untar doutor Raul, que era filho de doutor José Gonçalves, e pediu para viver de agregado na fazenda dele. Ai ele (Raul) disse: “pode vim Eduardo”. Ai ele veio, fez uma casona lá e moramos muitos tempos lá. Quando ele se achou velhinho e adoeceu, veio e fez uma casinha ali do lado, perto do portão que tem ali, que hoje tem uma rocinha lá que é minha. Fez uma casinha ali e ficamos lá até o dia que ele morreu.

SENTIMENTO DE ESCRAVIDÃO

Aí nunca foi dos Gonçalves não. Era do meu pai. A extrema dos Gonçalves era aí no portão, nos descambo das águas. Pró cá não, era pra lá. Ai toda vida era do meu pai. Eu não alcancei não, mas tinha o engenho de cana por ai. Meu pai trabalhava com egenho. Pode acreditar. Agora não sei se nesse tempo tinha escravos. Sei que eu fui escravo aqui num lugar com nome de Covão. Trabalhava muito por lá. Trabalhei para o Pilé. Um rapaz que se chamava Pilé, da família Prudêncio, né? Pilé Prudêncio. Por que eu acho que eu era escravo dele? Por causa do que ele fazia comigo, né? Eu era escravo: eu saía daqui cinco e meia da manhã, descia correndo que não podia passar um minuto, porque cinco e meia tinha que pegar. Meio dia só tinha o direito de comer o pouquinho que levava e pegava de novo. Quando era cinco e meia da tarde, ele mandava ir embora. E nisso eu tirava muitos dias trabalhando. Lá era roça de fruteiras (ainda hoje tem lá): laranja, café, mangueira... agora as canas acabou, mas lá tinha uns brejos que era só de cana. Cana que cruzava, assim, uma por cima da outra, né? Recebia, assim, só um dinheirinho o dia que eu trabalhava, certo? Era por diária. Era besteira. Muito pouco. Não era dinheirão não.

MEMÓRIA INDÍGENA

Rapaz! Aí contam uma história, né? Que tinha uma mulher aqui com o nome de Izabel, bisavó de minha esposa (Josefa Araújo de Souza), que era índia, né? Que foi pegada a dente de cachorro.

“E já moravam aqui na serra. E quando pegaram ela a família dela era toda daqui da Serra. Ai foi indo e amançou. Eu nasci aqui. Só não foi aqui porque foi naquela ruinha que tem lá na frente. Minha vó morava lá e minha mãe morava com a minha avó. Meu pai me deixou com 7 anos. Quem fez o parto da minha mãe quando nasci foi minha avó Teodora. Era que era a parteira da Serra. Mas tinha outras parteiras aqui. Depois que ela fraquiou, uma tia minha, chamada Balbina, ficou. Eu também andei ajudando algumas vezes (risos)⁴.”

Ela engendrava, né? (risos). Ela ainda pegou um bando de menino.

CURANDEIROS DA SERRA

O avô da minha esposa, chamava Eusébio, né? Esse morenão que eu te falei, esse era curador, Seo Eusébio. Ele morava aqui e morava num lugar perto de Campo Formoso por nome de Canavieira, né? Ele deixou a mulher daqui e arrumou outra lá. Ai vinha praqui uns tempos, passavam aqui um mês, dois e tornava voltar pra lá. Ai, de lá, foi embora para Juazeiro e morreu-se em Juazeiro. Ele trabalhava lá, rezava e fazia lá umas coisas com raspa de pau...

Quem batia tambor por aqui mesmo era uma prima minha, Laura. Ela morreu ali na fonte (Olho D'água Amarelo), né? Como ela já tava no final, não cedeu o material dos santos dela pra ninguém. Acabou com tudo ela mesma.

O monte, ali, que foi o Seo finado João Peba que botou a cruz lá, com a ajuda de muita gente, o povo todo ajudou ele. Era pra fazer visita, assim, dia de sexta-feira da Paixão. Ele mesmo fez o cruzeiro de madeira que ainda hoje tá lá. Ele mesmo que fez com as mãos dele ali? E tá até hoje tá lá? Rapaz! Foi um cruzeiro bem-feito, viu? Que a madeira guenta.

4. Fala da esposa de Seo Inácio, Dona Josefa Araújo de Souza.



Figura 6: Cruzeiro da Serra de Cima (BRUNA, 2020).

ONÇAS

Aqui tinha muita onça, né? Tinha! Muita onça. Ali mesmo tinha uma toca, no pé da serra, que morava muita onça por ali. Do outro lado do Cruzeiro.

AS NASCENTES



Figura 7: Nascente do Olho D'Água Amarelo (BRUNA, 2020)

Ai tudo era cheio de água. Naquela baixa tinha uma fonte que as mulheres lavavam (roupa) ali! Mais em cima tinha outra. Onde tem uma casinha, lá perto também tinha uma fonte Grande, na Olaria que era da avó do João Peba. Aqui tinha muita gente que sabia fazer coisa. Tinha gente que mexia com couro, tinha gente na olaria, que fazia telha, casa de farinha... aqui já foi muito animado.

Ói! Das nascentes têm essa olho D'água Amarelo aqui, né? Tem um olho d'água por nome de Caititu, inriba da serra ali. Tem um ali embaixo que chamam de Quererá, né? Tem um por nome de Junco, onde era a olaria que faziam telha, né? Tem outra ali embaixo que chama a Fontinha. Tem a Cacimba também.

FARTURA QUE SE ACABOU

O que mais se produzia aqui era esse negócio, assim, de banana, mas agora acabou tudo com essa seca. Mandioca, milho, feijão, quer dizer, o milho e o feijão não era plantado aqui não, era plantado onde nós também trabalhava, lá no Cantinho, na Fazenda Cantinho. A mandioca a gente plantava aqui por perto. Mas o milho, o feijão e a mamona eram todos plantados lá! A gente colhia lá.

O café aqui era pouco. Era coisinha pouca, só mesmo pra tomar. Num dava pra vender. Era só mesmo para o camarada tomar. De vez em quando vendia um quilinho para inteirar o pão, né? Mas era coisinha porque o café era pouco. As colheitas do café mesmo era ai onde eu falei, no Covão. Na Serra de Baixo também, ali onde é de capim, tudo era de banana e café. Ai depois o povo usaram pra criar gado e se acabou tudo. Lá na Serra de Baixo, na roça do Manuel, aquilo ali tudo era de café, nera? De café e de banana. A banana daqui ia para Juazeiro e agora se você quiser comer uma banana tem é que vim de Juazeiro. É um negócio sério rapaz! Pode acreditar! Essa grota aí

de cabeça abaixo era a banana e o café. Acabou-se! Encheram tudo foi de capim. E agora com essa seca que deu, o povo se desgostou e vendeu o gado quase todo, né? E agora tá tendo o capim e não tem o que comer. O povo vendeu o gado quase todo, com essa secona que teve, que tá com poucos tempos. Ave Maria! Essa seca acabou com tudo!

SAMBA DE PALMA

Não, aqui nunca foi tão festeiro não, mas no tempo de Reis aqui era animado. Fazia, assim, uns forrozinhos, né? Mas não era festona de arranco não. Um sambinha de palma eu gostava. Ah! Eu brincava muito um Samba de Palma. O Samba de Palma era o povo cantando, outro puxando uma sanfona e tocando, né? Outros batendo palmas e outros no pé, dançando e cantando. Acontecia quando fazia. Uma comparação, se eu dissesse: “tal dia lá em casa tem um Samba”. O povo vinha todo e fazia aquele Samba aqui. Outro dizia: “tal dia tem um Samba na minha casa”... era de casa em casa, o povo fazendo Samba. O povo bebia. Bebia que era danado. Tinha deles que se melava. O povo do Catuaba vinha para cá. Aquele Adão vinha tocar aqui. Na Serra de Baixo, quase todo dia fazia um Samba. Lá tinha o Severo, um homem por nome Severo. Severo Veio tocava sanfona na Serra de Baixo. Quase todo sábado eles faziam o bem, o Samba lá, num sabe? Pode acreditar!

CEMITÉRIO

O cemitério antigo era no terreno que era do meu pai. O antigo era nesse lugar. Meu pai foi enterrado ali. Mas ali acabou, o dono da roça não quis mais. Lá virou pasto. O gado tá pisando dentro.

MUROS DE PEDRA



Figura 8: Muro de Pedra (MARQUES, 2020).

Aqui tem muito muro de pedra. Aquela cerca de pedra que tem. Quem fazia já morreram tudo. Fazia mode os bichos não entrar para a roça. Naquela época arame era mais caro, pode acreditar. Era cerca de pedra, era cerca de madeira, né? Era pra livrar, para os bichos não entrar.

LAMPIÃO

O Lampião? Eu não alcancei o Lampião não, mas já ouvi falar. Quando papai morava aqui, ele (Lampião) passou aqui, né? E aí tinha um rapaz que acompanhava ele, chamava Zé Presilino. Quando chegaram, foram lá e tomaram café, aqui à vontade, quando acabou iam para as Piabas. Agora nesse tempo Doutor José Gonçalves já tinha morrido, tinha o doutor Raul, que era filho do doutor José Gonçalves, ai disse (o Zé Presilino):

“Duardo, óia, tu corre por aqui que nós vamos dar a volta por acolá. E tu corre e vai avisar doutor Raul que guarde o dinheiro que Lampião vai chegar. Mas tu corre e tu não pisa no caminho de jeito nenhum. Tu é pé no mato, pé no caminho, que é pra tu não deixar o rastro. Porque se ele ver o rastro, afrouxa os cavalos e te acompanha e te mata.” Oh rapaz! Mais quando ele falou isso meu pai saiu correndo no mato. Entrou num beco que tinha aqui, saiu lá mais na frente. Disse que era pé no mato, pé mais na frente e aqui e acolá é que botava o pé no caminho, pra não deixar o rastro. Quando chegou lá falou: “doutor Raul, guarde as armas e guarde o dinheiro que Lampião vem ai. Tinham outros caras lá, só fizeram pegar os caixão e se mandaram para cima da serra. Ai doutor Raul: “Duardo, entra pra debaixo da cama”. Ele disse: “eu que vou entrar pra debaixo da cama? Eu vou é ganhar o mato.” Quando ele ganhou o mato, que foi saindo da fazenda da Maiada pra entrar no mato, o Lampião chegou com a turma, mas não viram ele mais não, senão tinha matado. E ai o Lampião ainda disse: “aqui vai um cara pisando de vez em quando”. Ai o Zé Prasilino disse: “não, ai é o vaqueiro da éguas, anda correndo com as bestas ai”. Foi uma carreira braba (risos).

1.3. DONA MARIA VILMA



Figura 9: Dona Vilma (BRUNA, 2020).

Meu nome é Maria Vilma de Miranda. Tenho setenta e quatro anos. Eu cheguei aqui em 1979, tem mais de quarenta anos. Mas nós não viemo por aqui direto. Viemo pra outra fazenda que tinha do outro lado dessa serra. Na Fazenda Piaba, que é dos Gonçalves. Meu esposo trabalhava lá, ai se cansou de só ser mandado, de ser empregado. Mandado pelos outros, né? Já tinha a família toda criada, ai ele falou pro patrão que ele queria sair da fazenda. Ai o patrão disse: “Rapaiz, você quer sair, mais por mim você não saia não. Mas você quer sair, a família já tá toda criada, você já tá de uma certa idade.” Ai acertaram uns tempo, ele arrumou esse terreno aqui, ai comprou e a gente veio morar aqui.

Meus avós era tudo de pernambucano. Meu vô não conheceu os pais dele não. Ele foi adotado, uma pessoa que o povo chamava Zico que criou ele. Também não conhecia as família dele não. Eu não tenho quase o que contar disso não.

Nóis saimo de lá, rapaz, deixa eu ver, na década de setenta. Nóis viemo pra cá em setenta e seis, setenta e sete, aqui pra

Serra. A gente morava numa casinha ali embaixo. Aquela que tá caída. Tá desteorada. Mas é velha aquela casinha! Quando nós compramos esse terreno já tinha a casa. Nós compramos esta casa do Zé do Américo, um rapaz que mora no Garimpo do Socotó. Quando a gente veio, as casas é essas mesmo que tem aqui.

TERRAS DE MUITOS SILÊNCIOS

Dizem, aqui era dos Gonçalves, né? Vocês já ouviram falar nos Gonçalves, né? Inclusive o governador da Bahia é enterrado aí, num cemitério por trás dessa serra, na Fazenda Piabas, doutor José Gonçalves. Aí o povo conta o caso dele, mas eu não lembro muito não.

Tem muitos casos dele aqui. Tinha era escravo. O povo era tudo escravo.

É! Esse mundo todo era dele. Todo, todo. Ele era Governador da Bahia. Naquele tempo, os negros, como diz o povo, trabalhava pra ele mandado né? Aí era tudo assim, se criava lá na fazenda, e ali era pra tudo. Todos mandado. Dizem que até pra ele andar na roça, ele deitava numa rede e fazia eles (escravos) carregar ele no meio da roça. Dizem que ele lendo um livro ali deitado e os escravos carregando ele. Já pensou?

A fazenda dele fica bem pertinho aqui. Se dá é uns cinco quilômetros. Nós moramos lá nessa fazenda. Meu esposo trabalhou lá. Quando ele vendeu a propriedade lá, a gente veio pra essa fazenda aqui.

Ele tinha muito gado. Gado que dizem que ninguém contava não. Era assim de gado. Outra coisa ele não criava, só gado. Esse mundo todo aí, dizem que era gado. Se era pra pegar uma rês, botava os empregados, os criados pra correr no campo até pegar a rês. Esse mundo todo, todo, todo aí perto de Jaguarari, aí em Campo Formoso, que Campo Formoso é meio distante daqui, né? Tudo era dele. Os pobres que tinha aqui o terreno, e as roças, dizem que ele tomava. Aí ele se apossou de tudo aqui, esse Zé Gonçalves, que era o Governador da Bahia.

Meus avós era tudo de pernambucano. Meu vô não conheceu os pais dele não. Ele foi adotado, uma pessoa que o povo chamava Zico que criou ele. Também não conhecia as família dele não. Eu não tenho quase o que contar disso não.

BENZEDEIRAS

Aqui tinha e tem muito. Quase todo mundo aqui são benzedeira. Óia! Entra aqui, essa casa ai na frente, um pouco lá pra frente tem. É quase todo mundo aqui, só não eu, que não nasci aqui. Mas aqui quase todas são benzedieras. Os mais velho foram ensinando os mais novo e ai quase todo mundo aqui reza, são benzedieras. Rezam de vento caído, de olhado, dor de cabeça, dor de dente, é de muitas coisa que rezam. Só pra saber, vento caído é quando a pessoa se assusta. Não tem criança que se assusta? Ai fica assombrada, cai o vento, né? Já o oiado é, o povo que diz que bota oiado em tudo. Bota na boniteza, bota oiado na feiúra, bota na gordura, bota em tudo. É inveja! O povo fica com o corpo esmurecido, corpo mole, fica sem coragem, e é só aquele abrimento de boca e o povo diz: “fulano tá com oiado” (risos). Essas rezas resolve com certeza. Tendo fé. Porque quem vale é a fé. A pessoa não tendo fé, não roga. Sobre bater tambor aqui tinha uma pessoa mais agora não tem mais não. Era a finada Laura, aquela que morreu lá no ôio d’água, era ela. Foi buscar água e caiu lá e morreu. Aquela cruz que tem lá é dela. Ela fazia candomblé na casa dela. Ela batia tambor e fazia os caruru. Ela se vestia e aqui e acolá a gente frequentava. Ela batia uns tambor e tinha uns dançado também. Tinha aqueles Santos, né? Cosme e Damião, assim, dava os caruru. Tinha o oratório dela e uns Santos que ela cuidava. Ai o povo ficava a noite todinha só batendo e cantando no terreiro. Ai tinha comida pro povo. Os caruru. Acho, aqui não tem mais não. Acabou. Só tinha ela.

Eu gosto daqui rapaz, as pessoa são boa, os vizinho bom, a gente também gosta daqui, as vezes, tenho uns filhos que moram em Jaguarari e pelem para eu ir morar lá, e eu vou nada. Aqui é um sossego e é uns vizinho bom. Cada qual cuida da sua vida.

Eu gosto daqui. Às vezes me alevanto, tá tudo nublado, como bem, as nuvens cobrindo tudo. Às vezes pego um pauzinho para apartar as nuvens pro mode ver o povo (risos).

Para mim aqui é a Serra dos Morgados, agora botaram o apelido para diferenciar de uma Serra para a outra, Serra de Cima e Serra de Baixo. Aqui botaram Berinjela, o povo dizia Serra dos Morgados, daí o povo não sabia se era Serra de Baixo ou de Cima, ai botaram o nome Serra da Berinjela. Que lá pertence a Jaguarari né? E aqui a Campo Formoso.

A NASCENTE DO OLHO D'ÁGUA AMARELO

Rapaz! A água de lá é muito gostosa. É boa. Só bebo aquela água dali. As vezes eu vou pro Jaguarari e levo água daqui. Água mineral tem lá e eu não bebo, bebo é dessa ai. Porque gosto, água boa, gostosa, né? A água aqui é amarela. Uns diz que é minério que tem, outros que é das raíz dos pau e eu acredito que possa ser das raiz dos pau. Que ela vem por baixo, né? É minada, não é água ai pra cai, é água minada. Não tem micróbio, não tem nada. Dessa água já levaram até pra São Paulo daqui. Todos nós aqui só bebe dessa água. Não bebe outra água. Tem água branca aqui, pode ter, não bebo. Só bebo dessa. A gente vai lá pegar. As vezes pega de camburão. Eu nem tomo gelada, eu tomo é natural mesmo. Gosto mesmo ela natural. Vocês já beberam dela?

SAMBA DE PALMA E REISADO

Rapaz! Tudo isso tinha aqui antigamente, mas acabou. Os mais velho foram morrendo e foi se acabando. Hoje em dia os mais novo não gosta dessas coisas, né? Mas tinha o Reisado. Ave Maria! Era a coisa mais linda do mundo. Tinha as roupa. O Reisado era quando chegava o Natal, quando entrava o mês de dezembro, o povo já começava a fazer as lapinhas e subir nessa serra ai. Hoje em dia nem isso tem mais, as flor. Ai chegava, cuidava e fazia a lapinha. Botava ali o santo e todo sábado a gente descia nas porta das casa batendo palma e cantando. Menino era

animado, era coisa linda. Era só a lapinha mesmo, só no mês de dezembro que eles faziam isso. Ai vinha, todo sábado. Ai, quando era o derradeiro dia, descia e faziam festa mesmo, desciam lá pras casas lá embaixo e fazia aquela festa, e era bebedeira e era comida, e ai subiam. E era de casa em casa. Passavam a noite e amanheciam o dia de porta em porta cantando Reisado. Ave Maria! E as roupa!?! Tinha a rainha e tinha o reis, tudo enfeitado as roupas, aquelas rouponas bem largas e tudo enfeitada de papel de cor. Menino, era lindo ói! Agora acabou, não existe mais, os mais novo já não querem nem saber disso. Dizem que é coisa dos antigo, e é mesmo!

Tenho oito filhos. É tudo espalhado, só tem morando ai esse ai (Cícero). Nasceram tudo no Pernambuco (Parnamirim). Só teve uma menina, a mais nova, que nasceu aqui. Mas todos nasceram no Pernambuco. Esse Cícero ai, o Bebê, veio com três anos. Chegamos aqui ele tinha três anos



Figura 10: Cícero, “Bebê”, atual presidente da Associação de Moradores (BRUNA, 2020).

Tem muita história aqui na região de outros povoados que também tem reisado, tem samba de palma, o Catuaba. Acho, ainda hoje tem Samba de Palma no Catuaba.

LAMPIÃO

Ouvia falar que ele passava muito por aqui, mas andava muito era nas Piaba. Dizem que ele era assim mais com o Zé Gonçalves, que era o Governador. Dizem que ele (Lampião) passava e se arranchava na fazenda dele. Se davam bem os dois. Mas de vê falar, nunca ouvi falar não. Agora diz que ele era muito perverso. Judiava das pessoas, mas dizem que não era nem ele (Lampião), dizem que era os cangaceiro dele. Dizem que onde eles passavam, que o Lampião mandava, eles não boliam com ninguém. Mas quando era só eles (cangaceiros), ai era pra bater o povo, era pra matar os bicho pra comer, fazer tudo. Ai o povo se escondia, corria. Aqui não, mas no Pernambuco, o pai dele, meu esposo, contava que lá eles tinham medo. Se dizia: “o Lampião tá indo em lugar fulano”, ai descia uma pessoa nas fazendas pra avisar que o Lampião tava chegando. “Lampião vem em lugar fulano.” Ai o povo ó, corria pra caatinga, pro mato, pra se esconder. Quando foi um dia, o vô dele (Cícero) vinha do campo e ai o Lampião tava. Quando avistou tava o terreiro parado de animal, de gente, os cangaceiros tudo ali. Ai ele chegou, coitado, e disseram: “Ah vaqueirinho! Você agora vai mais nós!” Aí carregou o pai do meu esposo junto com eles. Ai foi junto com os cangaceiros e ele foi ficando pra trás, pra trás e aqui ele voltou pra trás. Disse: “O quê? Vou voltar pra trás”. E só ouviu dizendo: “Ei vaqueirinho! Venha cá simhora vaqueirinho! Venha cá!” E ele pra trás. Mas iam carregando o vô dele (Cícero). Oxe! O véio todo encourado, com uns terno e a roupa de couro, e eles iam carregar mesmo. Mas ele foi mais sabido, foi ficando pra trás e eles passando, disse: “É aqui que eu fico” (risos).

A VIDA NA SERRA

A gente aqui, trabalhava como peão, trabalhava na roça destocando pasto, tirando leite, fazia requeijão. Hoje aqui pra fazer o sustento tá é difícil. Aqui o povo é tudo no mundo. Só os velhos têm aposentadoria. Tem os velhos que não tem mais

como tá, pode ser ruim em qualquer canto. Tem que tá aqui mesmo. Ai os mais novo, que tem alguma coisa, fica por aqui. Os pais ajudando com a aposentadoria. E os outros que não têm, ganham o mundo: é Minas, é por todo mundo. Quando saímos da fazenda lá, compramos essa terrinha aqui. Meu marido plantava que ele era muito trabalhador. Plantava feijão, trabalhava com couro e vivia disso. Fazia sapato, cela. Fazia lá naquela casinha, lá embaixo. Fazia tudo isso aqui e vendia em Jaguarari, na feira. O nome dele era Siverino Cardoso de Miranda. Era conhecido como Siverino das Piabas. Quando nós chegamos aqui, Siverino da Serra dos Morgados. Ele aprendeu esse dom com o pai dele. O pai dele trabalhava com aquilo e ele aprendeu. Fazia também perneira, que é calça de couro, gibão. Fazia rédea pra botar na cabeça do animal, chicote, sapato, fucinheira, bainha do facão, tudo isso ele fazia. Ele também criava um gadinho né?! Mas quando ele faleceu já não tinha mais, né? Ele passou três anos em cima de uma cama, deu derrame. Antes, as estradas aqui eram as varedinhas. Era essas mesmas de hoje, só passava animal. Não era estrada de carro. Aqui não tinha energia. Era dureza no passado, viu?!

1.4. JOSÉ INÁCIO DA SILVA (ZÉ BLÉO)



Figura 11: Zé Bléo (BRUNA, 2020)

Meu nome completo é José Inácio da Silva, mais conhecido como Zé Bléo. Eu tenho 58 anos mais uns meses. Meu pai mesmo era Inácio Paixão da Silva e minha mãe era Isabel Maria de Jesus. Mas aí minha mãe... eu fui criado mesmo por um pai de criação, porque meu pai faleceu eu tinha sete anos de idade, mas aí eu já morava mais esse pai de criação, quem criou minha mãe. O pai de criação era Leofirmo, aí o sobrenome é que eu não tenho. E era Balbina Conceição de Araújo também, que foi minha mãe de criação, que criou minha mãe e depois me criou. O pai de criação era da região de Santa Rosa, aí se mudou para cá e casou com minha mãe de criação, que criou minha mãe.

DESCENDÊNCIA INDÍGENA

Eu nasci, e tô nessa idade, em 1951, já existiam outros moradores, os fundadores, porque antigamente já existiam as famílias e aí depois, no decorrer do tempo, foram aumentando, mas os moradores mesmo, eram poucos. Depois que eu me

entendi como gente, ai foi que começou a aumentar. Mas as famílias mesmo de tradição, eram umas quatro ou cinco famílias. Em 1920, 1930, já existiam moradores aqui, só que era pouca gente. Depois, no decorrer do tempo, foi aumentando.

Olhe, do meu tempo mesmo, as famílias que a gente tinha conhecimento e ainda hoje conhece algumas pessoas, só que os mais velhos eu não conheci muito. Existia a família Carneiro, na Baixa dos Carneiros, existia a família do Eduardo, que hoje ainda tem rama, né!? A família dos Pateiros e a família dos Lino. Foram os primeiros moradores. E a família do Euzébio Leite também. A tia Dora é vó da minha mãe que a tia Dora é da família do Euzébio. Inclusive a tia Dora era filha de índio, de caboclo. Da família cabocla ainda. Eu, no caso, a nova geração. Eu ainda tenho sangue de caboclo, de índio. A tia Dora era tia de mãe, digo, a tia Dora era vó de mãe, porque minha mãe era vó da filha de tia Dora. Mas aí é descendente de índio a gente, ainda por essa geração mais velha, né? que tinha a família cabocla. Minha família é de cor parda, morena, né!? Porque nós, eu mesmo, já saí com a raça parda, mas a nossa família tinha gente que era morena, a parte misturada com índio ai saiu parecido, cabocla.

Vindo a ramada, por parte de minha avó e da minha bisavó, a gente ainda tem uma parentagem por motivo da irmandade, né!? Porque a Tereza era irmã da minha bisavó, que é a tia Dora que eu tô falando. E a Teresa já era de outra família, dos Gonçalves. Por isso que a gente ainda tem uma ligação, por motivo das famílias se incluírem nas outras. Aí dá esse parentesco pra gente.

O NOME SERRA DA BERINJELA

Aqui é Serra dos Morgados no global, mas devido à Igreja Católica, fala também Serra da Berinjela. Mas esse apelido é porque existia uma serra lá nos anos 50 que existia muita berinjela⁵ que é uma planta nativa do Cerrado, e ai devido ter a

5. Nessa região encontramos muita Lobeira (*Solanum lycocarpum*), espécie encontrada no Cerrado, também conhecida como jurubebão e berinjela-do-campo.

Serra de Baixo, que é a Serra dos Morgados e a Serra de Cima dos Morgados, ai a igreja fez essa diferença por causa dessa planta nativa, além de Serra Morgados, Serra da Berinjela também.

Foi a Paróquia de Jaguarari, através do Padre Luiz que diferenciou Serra dos Morgados de Baixo e Serra dos Morgados de Cima com o apelido de Berinjela também, mas em documentação é tudo Serra dos Morgados no geral. Só tem alguma coisa da Igreja Católica que coloca a escrita de Berinjela também. Os comunicados de igreja, né? A gente conviveu muito e convive com Jaguarari, mas através dos mapas divisórios, hoje, a gente é fronteira, parte é Campo Formoso e parte é Jaguarari por causa dos mapas divisórios, mas toda vida, a gente, nosso contato, é Jaguarari. A gente nasceu e se criou, agora pelos mapas de municípios e de estado são as linhas divisórias de fronteiras já com Jaguarari e Campo Formoso.

OS GONÇALVES

Aqui também tem haver com os Gonçalves. Além da Tereza, eu conheci bem a família do Lourival, que é conhecida como prova, hoje ainda existem os filhos do Ló. A maioria mora em São Paulo, outros moram no Cantinho que já é a parte já dos Gonçalves e também existiu o Vavá Gonçalves, o Raul Gonçalves. O Raul Gonçalves e o Vavá eram filhos do primeiro governador do Estado da Bahia, me parece que era o primeiro Governador, que era o Doutor José Gonçalves, na época. E aí as terras para lá de onde a gente mora pertenciam aos Gonçalves que, diziam eles, que era 60 Léguas em quadro, as propriedades deles. Porque o Zé Gonçalves era o governador e marcou, só de linha divisória e de propriedade eles tinham propriedade até na Caraíba⁶. Era governador e ficava só fazendo marco, pontuando e os filhos, em cada local, ficava fazendo uma fazenda. Q'nem nós, vizinhos, e eu ainda alcancei e também trabalhei nas terras dos Gonçalves. A gente plantava milho, feijão, mamona e tudo e

6. Distrito Pilar, onde está sediada a Mineração Caraíba, a aproximadamente 80 km da Serra de Cima.

eram eles que doavam as terras para a gente plantar. Nos inícios, a gente só plantava, colhia e não pagava nada. Já como os filhos e os genros do Vavá Gonçalves, aí eles já começaram a exigir dos posseiros que, quando não fossem fazer mais plantio, deixasse alguma coisa q'nem a capineira, né!? Deixassem capim, mas eles não exigiam negócio de valor para a gente pagar. Eu não sei se eu era já nascido que depois dessa parte política ele (José Gonçalves) veio morar na Fazenda Piaba, o próprio Governador. Mas eu só conheci os filhos: o Doutor Raul e o Vavá Gonçalves. Ele não tinha a visão, a visão dele era muito pouca, o Vavá Gonçalves, que era Osmar. Quando ele foi para o final da vida, ele não divulgava nada. Só que ele, nessa época, corria até no mato mais os outros vaqueiros. Corria encourado e sem visão, o Vavá Gonçalves. Esse eu ainda conheci e o Dr. Raul, eu conheci na Fazenda, conheci em Jaguarari que ele tinha o que hoje ainda é dos filhos, uma propriedade que chama até Chalé, Chalé dos Gonçalves, na cidade de Jaguarari, que era uma propriedade do Doutor Raul. E ele, depois de cair para a idade, ele voltou a morar em Jaguarari. Saiu da Fazenda e faleceu em Jaguarari. Eu participei até do velório dele. O pessoal de Jaguarari e o pessoal aqui da Serra, nós levamos ele no caixão para sepultar nas Piabas, na Fazenda Piabas, onde o pai dele morou. E hoje ainda existe a mesma Fazenda que é o Zé Lopes de Bonfim, conhecido como Zé do Pão que hoje é que é dono lá das Piadas, da Fazenda Piadas, que fica abaixo da Serra, que fica ligado ao Garimpo do Socotó, garimpo de esmeralda. A Fazenda Piabas é vizinha ao Garimpo do Socotó. Ele (o Raul) era Claro. Era um claro pardo. Ele não era claro loiro, ele era meio pardo, que eu lembro que eu, já ficando rapazinho, até que ele era um médico bom na medicina, doutor Raul. E meu pai, quando ele morava na fazenda, a gente saía daí da Serra, montado a cavalo e eu no meio de um jegue com as cargas para ele fazer consulta lá na Fazenda, o meu pai, né!? E outras pessoas daí procuravam ele lá, nesse tempo. Aí ele também não cobrava, passava o medicamento e em Jaguarari, a pessoa que tinha conhecimento ia fazer consulta com ele, e ele passava o medicamento.

A Serra de Cima era linha divisória com as fazendas deles. Era fronteira, só um filho dele, que já era do Júlio, irmão do Vavá, que tinha uma propriedadezinha pequena que fazia divisa com a Serra dos Morgados. Mas a parte de propriedade deles era já descendo lá para a região do Socotó, Tranqueira, esse mundo todo, fazia divisa com Salitre, a propriedade deles (Gonçalves).

A VIDA HOJE

Hoje, devido a mudança de tempo, a vida tá bem difícil para nós aqui do campo, porque eu nasci e me criei era trabalhando com roça, plantando feijão, milho, bananeira, café, essas coisas todas, mas de uns tempo pra cá, devido essas crises de clima, a gente tá sobrevivendo mesmo ou plantando um pouco de mandioca e de café só para o uso. E a gente, que já tá com a idade avançada, o fundo de reserva é só a aposentadoria e, às vezes, a gente inclui um animal também. Uns criam uma criação, outros criam uma vaca, duas ou um garotinho, e aí vai paleando desse jeito. Porque as fontes de renda se esgotaram porque a gente vivia, plantava. A gente aqui nunca plantou muita terra, muita roça, mas plantava até 5, 6 pratos de feijão e o que colhia enchia a casa. Plantava 10 kg de milho, tirava 30, 40 sacos. Plantava cinco tarefas de mamona, aí dava pra gente se alimenta e comprar uma roupa, comprar um remédio e hoje nós mesmo aqui não tá lavrando mais mamona e feijão e milho só para o consumo mesmo. Uma banana, às vezes, uma coisa, mas vai paleando. E esse povo novo que tem que procurar serviço para fora porque não tem aqui, né!? A gente ver o pessoal jovem que deveria estar no campo, mas se desloca para São Paulo, Mato Grosso, Santa Catarina, porque não existe empresa aqui, alguns fazendeiros que têm algum recurso, mas não aguenta também, não tem suporte para abastecer. Paga um trabalhador ou dois e os outros tem que sair para fora.

O DESTINO DAS ÁGUAS DAS SERRAS



Figura 12: Cachoeira do Rio Estiva que hoje está seca (MARQUES, 2015)

Eu mesmo, quando falei anteriormente, mesmo não sendo dos mais velhos, mas já tendo uma idade, a gente alcançou uma abundância muito grande nesse serrado. **Aqui nascem as águas.** Nesses pé de serra tinha muita água de nascença. Hoje, as águas que a gente alcançou jorrando, hoje tá escasso. Porque aqui mesmo na Serra de Baixo a gente conheceu, nessa área que vai sair na cachoeira de Juacema, a gente descia, às vezes, para a feira de Juacema, se não fosse montado tinha que tirar os sapatos aqui na Serra, onde começava a travessia dos rios, que já desceu daqui da cachoeira e saía em Juacema. A gente chamava o Rio da Cachoeira, o Riacho do Mamão, como a gente chama, que ainda tem o Mamão hoje, que é o reservatório de poço artesiano. Mas pessoal plantava arroz, plantava tudo e a água jorrando saía em Juacema.

Em Juacema tinha uma reserva, uma reprezazinha, que abastecia Juacema. Tinha a encanação daí da Cachoeira para abastecer Juacema. Hoje Juacema e outros lugares estão sendo abastecidos pelos poços daí da Serra de Baixo. E nós aqui temos aquela baixa do Olho D'água Amarelo, que a gente chama, ali era propriedade desse que eu falei no início, do povo do Eduardo. Ali tudo, aquela baixa, era sítio. Era café, era banana, era laranja, era pastagem e plantava até arroz. Plantava cana de açúcar e tinha até engenho. Só que eu não alcancei, meus pais é que alcançaram e repassaram para a gente. Quando eu alcancei eles já tinham vendido. A família do Eduardo já tinha vendido para um proprietário daqui de Jaguarari que chamava Antônio Conceição. Antônio Conceição de Jaguarari. Ai sitiou de capim, mas a água descia. Já começava a descer do Olho D'água Amarelo e fazia a ligação com a Serra de Baixo nesse Rio da Cachoeira, Rio do Mamão, que canalizava tudo e saía em Juacema.

Tinha um olho d'água lá em cima da serra que se chama Olho D'água do Catitu que era um mundo de água e hoje a água sumiu. A água descia e saía nessa grota do Covão, Sitio Covão, que o Covão toda vida pertenceu a família dos Pilé. Eu só não alcancei os mais velhos, mas o Pilé, o André, o Cassiano, que esses eram da geração mais velha, mas tinham os outros mais velhos ainda, que era tudo do Sitio. E lá, esse Olho D'água do Caititu ia sair, descia e canalizava no Covão. Hoje, tá lá em cima da serra, tá com uns dias que eu andei lá, mas os vizinhos que sempre frequentam, disseram que sumiu a água.

Ainda tem uma fontezinha no pé de um brejeiro que ai, quando choveu, ainda criou um pouco d'água. Aqui, nessa outra grota que vai sair no Licuri, que desce para o Bendó e Jaguarari, a gente conheceu os riachos descendo de cima de um lugar chamado Baixona. Nesse tempo eu era menino, tinha um poço lá fazia até medo. A gente ia e os pais da gente ficava preocupados de a gente cair dentro do poço e causar um acidente. Hoje não existe mais, cada dia que passa parece que está esgotando mais

as nascentes. E a situação é sempre essa: muitas mudanças, a gente, como a terceira geração, observa as mudança a cada dia do clima. Tem as mudanças, né!?

DESCENDENTES DE ESCRAVOS

Aqui teve descendentes de escravos ainda na época que tinha engenho de açúcar, nesse tempo faziam rapadura, não existia nem açúcar nessa época. Eles faziam a rapadura e o mel de engenho. Aí tinha os descendentes de escravos negros. Aqui nessa região que vai sair no Carrapichel hoje ainda existe engenho, eu não alcancei, mas os mais velhos falavam em escravos desse Governador José Gonçalves da Fazenda Piabas. Eu ouvi falar que existiam escravos dele, porque eram os trabalhadores trabalhando no roçado de frente e tinham dois escravos que eram escravos porque carregavam uma rede para ele observar os homens trabalhando e eles (os escravos) com ele (José Gonçalves) na rede, no varão. Mas eu mesmo não cheguei a conhecer, só ouvi os comentários dessa época. Que o ex-governador mantinha esse regime de escravidão. Porque para observar podia levar um tamborete, ou uma cadeira, ou uma coisa, mas eram dois homens com ele na rede para observar.

REISADO, SAMBA DE PALMAS E RODA TROCADA

Eu ainda acompanhei. Eu como menino, mas era uma tradição. Era o Samba de Palmas, o Reisado e a Roda Trocada que é uma cantiga misturado de caboclo, quase. Porque hoje ainda existe em Lage dos Negros, no município de Campo Formoso. Lá essa tradição nunca caiu, eles sempre incentivam. Então aqui era o Reisado, o Samba de Palmas e a Roda Trocada porque eu ainda presenciei e era muito bonito. Na Serra de Baixo ainda tem pessoas que sabem, ainda praticam. Mesmo com a idade, se resolver dizer: vamos fazer essa parte cultural, elas ainda têm

essa tradição. Só que, com o desenvolver do tempo, vai caindo esse negócio de Folia de Reis.

Na Serra de Baixo, as meninas e com algumas pessoas até jovens, todo ano ainda fazem a Folia de Reis que é diferenciado. Tem o Reis que acompanhada do Samba de Palmas: canta o Reis e depois dá continuidade com Samba de Palmas. Elas cantam o Reisado, mas é uma cultura Cigana. É fardado, tem o rei, tem a rainha, tem tudo. Na Serra de Baixo todo ano elas ainda fazem.

Na Roda Trocada se junta, conforme o número de pessoas que tem, de 2 em 2, faz a roda de mulher misturado com homem e aí vai cantando a cantiga e vão movimentando. Ai, na hora de fazer a Roda Trocada, conforme a cantiga, eles vão trocando. É o contrário, uns vão e outros voltam. E aí tem a cantiga. Essa Amélia aqui nossa que é da família lá do Sítio do Meio, do Panta, ela era boa na Roda. Dona Amélia da Serra de Baixo. Ela cantava várias cantigas, em versos, mas tem uma mesmo que diz: “Capim lê, lê... Ô diê.../ Capim lá, lá...” Ai as outras respondiam: “Capim lê, lê... Ô diê.../ Capim lá, lá...” E aquilo: prackt, prackt (palmas).

Isso é o que alcancei ainda, mas já vindo dos passados, né!? Porque era a tradição mesmo. Eles tinham o violão, mas nesse tempo era mais viola. Os mais velhos tocavam viola no Samba e pra cantar Reis. Tinha pandeiro, zabumba e outro instrumento chamado reck. Eles usavam nessas brincadeiras de Samba de Roda, Samba de Palma e no Reisado.

PARTEIRAS E REZADEIRAS

Aqui entre nós, pessoas que trabalhavam com terreiro, eu não alcancei. Agora parteiras, a minha mãe de criação mesmo era uma que o nome dela era Idalice, mas só conheciam como Balbina, Bina. Era uma parteira dessa redondeza, e naquele tempo não tinha acompanhamento médico para as grávidas, era sem acompanhamento. Hoje tem pré-natal, tem tudo. E nessa época, quando a mulher se sentia no trabalho de parto, aí: corre

vai chamar a parteira. Aí a parteira já tinha aquele dom de fazer o acompanhamento e tudo. E aí acompanhava o nascimento da criança.

E terreiro, mesmo dessas pessoas de rezador, tem a chamada rezadeira de olho grande, quero dizer, de olhado, de quebrante, dessas coisas, ainda tem essas pessoas porque é um dom que aprenderam dos pais, das mães. E ainda tem umas que rezam nas pessoas. Às vezes, a pessoa tá com corpo meio ruim e dizem: é olhado! Ai elas pegam os galhos de mato, os galhos verdes e ai rezam na pessoa. Agora tinha terreiro de Candomblé, nos tempos passados, dizem, mas eu não alcancei, que tinha aqui na nossa comunidade, mas já existia rezador de Candomblé, de terreiro. Que rezava e fazia o movimento deles, mas hoje só rezador mesmo.

LAMPIÃO

Olha, eu não alcancei, mas aí volto aos mais velhos de novo. Eu não sei em que ano foi que eles (bando de Lampião) passaram aqui. Não sei se foi ali por 37, 36, 1937. Essa mãe de criação minha, ela tinha uns 10 anos de idade. Porque tinha a falação na região: “Lampião, Lampião”. Quando foi um dia o Lampião passou aqui descendo para o município de Campo Formoso. Aí, esse que eu tô falando dos Gonçalves, da Fazenda Piabas, o dono dessa propriedade aí do Olho D’água Amarelo, que era Eduardo, aí quando eles (o bando de Lampião) passaram, ele (Eduardo) foi avisar ao Doutor José Gonçalves que o Lampião tava descendo. Sem dúvida era para esconder algum armamento, alguma joia de ouro, naquele tempo era ouro, né!? Aí esse Eduardo foi quem foi avisar o Doutor José Gonçalves lá nas Piadas. E aí, lá, eles (o bando) se dividiram. Um tio meu, chamado Antônio Peba, tava na roça mais a mãe num lugar chamado Chico Bento, onde eles plantavam feijão e milho. Aí o Corisco, que era um

cabra do Lampião, mas que criou outro grupo, os cangaceiros chegaram. O Antônio Peba era menino nessa época. Eles (os cangaceiros) pegaram o Antônio Peba para ensinar o caminho que desce para sair no Sítio do Meio. E a mãe se mandou para casa, que morava na Serra de Cima, desesperada achando que os cangaceiros iam matar o filho. Mas aí eles não fizeram nada com ele, só queriam que ele fosse ensinar o caminho onde desse para o Sítio do Meio.

Aí, de lá da roça, para eles entrarem para sair no caminho que desse para o Sítio do Meio, aí ele disse: “Olha, não sei se é amor de Doutor, mas por aqui, por aqui, por esse capão, não dá para nós ir não porque é um carrasco danado aí.” E tinha um cabra do Corisco que tinha o nome de Carrasco. Ai achou ruim porque ele era um cabra do cangaço, mas tinha o apelido de Carrasco. E o Antônio Peba tinha dito: “Por aí não que é um carrasco danado.” E dizem que o Carrasco achou ruim, mas o Corisco disse: “Óia! Não respondo o garoto não porque por aqui o nome é carrasco mesmo e a caatinga é fechada.” Era kalumbi danado em cima da serra pra sair no caminho da Pedra D'água pra descer no Sítio do Meio, né!? Nisso eu só alcancei o falatório do Lampião. Mas esse pessoal que eu tô falando, que é mais velho, presenciaram eles passando na Serra. Passaram na Serra, mas não fizeram maldade com ninguém. Desceram, entraram no município de Campo Formoso e lá tiveram um encontro com os revoltosos, que era polícia. E lá foi um tiroteio.

Uma semana dessas eu assisti no rádio uma entrevista de um Historiador contando essas histórias da época de Lampião e ele falando que foi o confronto grande no Brejão da Caatinga. Quando eles chegaram lá a polícia já tava e ai ainda morreram duas polícias no confronto do cangaço com a polícia no Brejão da Caatinga. Foi dessa vez que o Lampião passou aqui.

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Olhe! Eu apesar de pouco estudo porque não tive oportunidade de estudar, porque nessa época as coisas eram mais difíceis, eu comecei com um trabalho social participando da Igreja Católica. Aí depois foi que eu me envolvi através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaguarari, naquela época o Sindicato era mais forte e a gente, através da Igreja Católica, eu tive envolvimento e na própria comunidade trabalhei mais de 5 anos, através de grupos de mutirão: uns agricultores ajudando os outros na lavoura, na roça. Era um serviço social na época. E depois de muito tempo, porque o Sindicato em Jaguarari foi fundado em 1971, aí eu me filiei no Sindicato e comecei a participar das reuniões de comunidade e mesmo de algumas manifestações e depois como Delegado Sindical, porque a gente tinha a Delegacia Sindical, aí eu fiquei representando o Sindicato através da Delegacia Sindical. Comecei a participar das reuniões da Diretoria nas discussões em Jaguarari, e até fora. Aí depois, com a mudança de diretor e tudo, eu já tinha um certo conhecimento e aí foi na época teve o falecimento de um presidente e nós, como Conselho Deliberativo, empossamos uma outra pessoa. Faltava um ano e pouco para terminar o mandato do presidente que faleceu, aí o Conselho Deliberativo se reuniu e colocou uma outra pessoa, que era até da Gameleira, o Ananias Crisóstomo. Depois que terminou o mandato dele teve nova eleição. Nas reuniões do Conselho Deliberativo colocaram o meu nome. Nessa época eu era mais novo, era mais forte e tinha um envolvimento, e tinha um pouco de conhecimento e foi na época que me colocaram como presidente. Mas eu já fazia parte da diretoria na parte da secretaria, a gente tinha movimento também da Cooperativa Agrícola e eu tinha o envolvimento com a Cooperativa Agrícola através da Diretoria. Em 98 foi quando o Conselho deliberou para eu assumir a presidência, aí eu passei 6 anos na presidência: de 98 até 2004. Em 2004 já foi o novo presidente, que era meu vice,

um rapaz que mora na Volta, o Bráulio. Mas aí, após o término do meu mandato, eu ainda fiquei assumido uns quatro ou cinco meses, trabalhando com eles. Depois aí eu voltei para a roça. Hoje, às vezes, eu participo de alguma Assembleia, de alguma coisa, mas me afastei.

MENSAGEM AO FUTURO

Eu vejo o trabalho de vocês que é tipo uma pesquisa e ver a história do passado, e eu não sei de muita coisa, mas o que eu sei e presenciei é isso que a gente tá conversando, tá falando né!? E o que eu falei pode escrever que as coisas não têm desvio não. É o conhecimento que eu tive. Após meu entendimento para cá a gente sempre acompanha algumas coisas desse tipo e eu acho que deve ser resgatada essas histórias que a gente fala do passado porque algumas pessoas dizem que temos que falar do presente, mas acho que temos que falar do passado, do presente e do futuro. Porque se a gente esquecer as coisas do passado, aí não tem sentido. Hoje nós estamos vivendo um novo mundo, um novo dia, mas que existiu o passado, existiu. E no presente pensar no futuro. A gente já tá com mais idade, mas vocês, que são mais novos, que toquem esse barco para frente.

A mensagem que eu digo merece uma reflexão do ontem, do hoje e do amanhã. Se as novas gerações não tiverem a participação social para retransmitir isso para as novas gerações nós vamos ter um mundo que essa nossa parte do campo vai deixar de existir. Se as novas gerações não se envolverem para resgatar isso que nós vivemos, o campo não vai existir porque só vai existir a cidade grande e a tecnologia, mas as coisas nossas, que é preciso manter, deixará de existir porque as novas gerações não querem contato com a natureza. Estuda e não quer ter o conhecimento de manter. Eu vejo um pouco isso.

Olhe! Na minha mente não tem muita coisa não. O que eu gostaria de deixar para o futuro para as pessoas que leem é

humildade e participação das novas gerações e conservação da natureza, porque do jeito que a gente tá vendo o mundo, vai deixar de existir as matas e as águas. E se as novas gerações não tiverem conhecimento que precisa a gente ter respeito com o que Deus deixou, vai deixar de existir.

An aerial photograph of a rural landscape. In the background, there are several layers of mountains under a hazy sky. The middle ground shows a hillside with sparse vegetation and a cluster of white buildings. In the foreground, there are several individual houses with red roofs and a dirt road. The overall scene is a typical rural settlement in a mountainous region.

CAPÍTULO 2

2. Cartografía

2. Cartografia

2.1. A VIDA DE JOSÉ GONÇALVES¹

Parte da memória narrada pelos moradores da Serra de Cima (Berinjela) encontra-se com a história de José Gonçalves da Silva que, entre tantas façanhas, também foi governador da Bahia, inicialmente indicado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, depois eleito pela Assembleia Constituinte da Bahia que ajudou a instituir e, posteriormente, retirado pelo povo. Ele entrou para a história como o primeiro governador constitucional da Bahia e o primeiro deposto pela população.

A vida das pessoas simples dessas terras ainda estão empoeiradas com a memória desse que foi, sem soma de dúvidas, uma das figuras mais poderosas da região. Esse “caboclo” fez grandes fortunas por sua atuação na política e em decorrência dos lucros de suas fazendas, a principal delas, Piabas, no município de Campo Formoso. A perder de vistas, também tinha grandes extensões de terras em Senhor do Bonfim, Curaçá e Jaguarari. Essa área de serras, onde esconde-se a memória indígena e negra, caminhos dos engenhos que, por um bom tempo, foi sustentado por mão de obra escrava, era parte de seus domínios. É preciso uma boa arqueologia da história para fazer falar o silêncio das pessoas pobres que tiveram suas vidas roubadas nas eras colonial, imperial e republicana.

José Gonçalves da Silva que nasceu na Mata de São João, em 1838, estudou, inicialmente, em Salvador. Precocemente, a partir de 1854, começou a estudar direito em Recife, concluindo em São Paulo em 1859, aos 21 anos. Ele foi testemunha ocular da transição do Império para a República no Brasil. Ainda no período Imperial, que começou com a Independência, em 1822, e terminou com a Proclamação da República (1889), em 1862 foi nomeado Coronel da Guarda Nacional; em 1865 se tornou

1. Fonte consultada Wikipedia (2020).

a figura mais influente do Partido Conservador; em 1868 foi deputado provincial e deputado geral (1869-1872). Já na era republicana, foi senador estadual.

No seu regresso à Bahia, em 1839, passou a viver na Fazenda Piabas, hoje município de Campo Formoso. Este local foi a sede de “seu império”, de “sua república”, de “seu exílio”, de “seu latifúndio”.

Contraditoriamente, mesmo tendo sido um dos primeiros políticos a aderir o regime republicano, declarou-se apoiador da tentativa de Golpe de Estado orquestrado por “seu padrinho” Marechal Deodoro da Fonseca que, entre outras coisas, preconizava o fechamento do Congresso. Este fato causou grande indignação na população baiana, tendo sido sitiado em sua residência e forçado a renunciar em 1891.

José Gonçalves faleceu em 15 de agosto de 1911, na cidade de Senhor do Bonfim e, conforme seu desejo, foi enterrado na Fazenda Piabas, no município de Campo Formoso.

A photograph of a woman with dark hair, wearing a white tank top, holding a young child with dark hair. They are standing in a doorway of a building with light-colored, textured walls. To the right, there are green leaves and a yellow fruit, possibly a mango, hanging from a tree. The scene is brightly lit, suggesting daylight.

CAPÍTULO 3

3. Narrativas da Comunidade II

3. Narrativas da Comunidade II

3.1. MARIA DA CONCEIÇÃO LEITE DA SILVA



Figura 13: Conceição (MARQUES, 2020).

Eu tenho 53. Completei em janeiro. Eu nasci no dia 24 de janeiro de 1966. Nasci aqui mesmo. Só não foi aqui mesmo porque nós nascemos ali no pé da serra, naquela serra ali abaixo do Cruzeiro, né? Ali o povo chamava era de redondinho. De lá do cruzeira dá pra ver uma roça aqui embaixo. Encostado no Bebê. O meu pai se chamava João Vicente Filho e minha mãe Sílvia Leite Silva. Eles são daqui, nasceram e se criaram aqui na Serra dos Morgados. Meus avós maternos chamavam Raimundo Andreino da Silva e minha avó Alzira Leite da Silva. O meu avô não nasceu aqui não. Meu avô era do Crato do Ceará. Agora minha avó nasceu aqui na Serra de Cima. Os paternos chamavam João Vicente e a minha avó Maria. Quem primeiro veio foi o avô paterno, né? Que veio do Ceará. Meu pai e minha mãe nasceram aqui mesmo. Eram daqui mesmo. Só meu avô que era do Crato.

Eu não sei porquê ele veio...

Meu avô que veio do Ceará era mais negro. Meu avô ele era moreno. Quando ele morreu eu era pequena. Eu era menos que essa daqui (apontando para a neta). Ela já tem sete anos, eu não tinha sete anos ainda não. Aí quando ele faleceu, eu ainda tenho uma lembrança dele, ele era moreno, mas pra negro moreno. Moreno... não era negro não. Era moreno claro. Minha avó, ela tinha descendentes de Caboclo Brabo. Ela contava que a mãe dela, a minha bisá, foi pegada a dente de cachorro. Braba. Caboclo brabo mesmo. Tem essa raiz de caboclo brabo. Por parte de pai. Da parte de minha mãe, eles eram daqui dos lados do Lagarto, de um lugar chamado Lagarto. Eu não conheço não. Era de um povo meio bravo também. Dizem que ninguém podia brincar com eles não, né? Dizem que meu tataravô, que era o negão, ia no trem e um foi e mangou dele. No outro tempo o povo não conhecia o que era racismo, nera? Podia fazer o que quisesse, nera? Se não desce nem um tapa, pronto. Que hoje em dia você não pode mais, né? É a lei, né? Ai dizem que esse foi e falou não sei o quê com ele. Sei que ele (meu tataravô) quieto, olhou pro cabra e quando esse cabra espirrou já saiu foi uma mosca de dentro do nariz. E aí passado um tempinho já tava botando era bicho. Dizem que era um povo meio brabo. Era o que eles contavam, né? Parece que era coisa de magia. Porque era desse povo mesmo brabo que tinha, né? Se ele fosse fazer uma cura, né? Como bem, se chega uma pessoa ofendida, eles faziam aquela cura através da saliva, né? Eles colocavam a saliva e ali não precisava de remédio.

A minha avó contava que vinha da roça com cesto de cipó e vinha um preazinho na carreira, doido, ai esse preá caiu duro nos pés dela. Quando ela olhou vinha um cascavel quatro venta, aquele que tem quatro buracos no nariz, uma espécie bem venenosa. Era ele (cascavel) que vinha atrás do preazinho. Ai ela pegou o preá, cuspiu na boca e soltou de novo. O bicho ressuscitou e foi embora. Era um povo desses.

Hoje em dia tá tudo diferente. O povo de hoje nem acredita. Se a gente parar pra contar esse causo ninguém quer ouvi. Hoje em dia a juventude não procura mais o que aconteceu no passado. Porque essa juventude de hoje em dia não quer mais saber do passado não.

Tenho três filhos. Uma que mora aqui comigo, essa menina, a outra que mais pra li, naquela casa ali e o rapaz que mora em Minas Gerais. Menino, pra eu te dizer: não teve parteira pra mim não. Meu filhos nasceram tudo só. A parteira só vinha pra pegar e cortar o umbigo e tirar a placenta. Essa daqui, que é a caçula foi a Nanu, mulher de Seo Zé Lino. O nome dela é Ana Maria. Agora a parteira mesmo daqui chamava Alice Balbina que era minha tia. Esse povo daqui, tirando o Inácio, o Zé Lino, a Agenora, é tudo povo que minha madrinha Bina (Alice Balbina) pegou, fez os parto.

Nesse tempo não tinha hospital não. Era por aqui mesmo. Que me “pegou” foi madrinha Bina. Ela era parteira. Já faleceu, com noventa e seis anos. Hoje em dia ninguém quer mais não. Mas antigamente era aqui mesmo. Só depois que inventaram esse hospital em Jaguarari que as mulheres passaram a ir pra lá. Mas de todas elas, antes, era minha madrinha Bina quem “pegava” (fazia o parto). Olha, minha madrinha Bina pegava, essa tia minha, Laura, também pegou menino. Tinha uma mulher que mora em Jaguarari, que chama Maria das Lindas que também pegava. Tinha a Nanu, a Lucília, D. Zefa, que é mulher de Seo Inácio, que eram parteiras também.

A LABUTA

Repare aí que você vai ver o que é bom para a tosse (risos). Você vai ver qual é o xarope que vai entrar na sua tosse. Dando dia de trabalho nas roças. Meu pai trabalhava até pela

Macambira¹ ganhando o dia de serviço, uma diária. Trabalhava plantando roça. Plantava mamona, milho, feijão. Nesse tempo era bom de chuva e tinha umas roças aí desse povo dos Gonçalves e plantava mamona, milho, feijão, abóbora, batata. De tudo dava. Nesse tempo tudo era bom, nera? Hoje em dia a preguiça do povo mesmo, também, né? Porque o mesmo Deus que era naquele tempo ainda é hoje, né? Mas o povo ficou numa preguiça medonha que só quer saber de firma (empresa), trabalhar nas firmas, fichado. E aí nós foi criado trabalhando nas roças. Minha mãe em cima do jeguinho velho com os caçua, com os filhos. Botava um de um lado, um do outro, um no meio da cangalha e, às vezes, ainda outro no braço. Chegava lá, tinha aquele ranchinho velho de palha, jogava os meninos pra lá e ia quebrar manona, pisar milho e tirar feijão. Ai nós foi criado nisso. E papai ganhando uma diariazinha.

Nós trabaiava pra nós. Na roça nossa. E papai tinha que trabalhar para os outros para poder comprar o quilinho de sal porque ninguém trabalha pra fazer ele, tem que ser comprado, né? O sal, a carne, o arroz, o feijão não. E nesse tempo até arroz se comprava era só um quilo. Os mais grande comia era feijão com farinha. Eh meu fio! Quando eu lhe digo que já sofri na vida você ainda dá risada (risos). As galinha nunca deixava de criar. Criava uns porcos e comprava uns quilinhos de carne. Carne não, um bofe, uma tripa, assim, essas coisas. Não era como hoje em dia é não. A gente era fraco. Hoje em dia tá todo mundo rico aqui.

Aqui a situação tá difícil. Não sou aposentada e nem sei nem se me aposento com essas leis que estão aí. Meu dinheiro é meu filho que me manda. Ele mora em Minas Gerais. Ele trabalha na Mata Nativa. Ele trabalha é com sondagem mineral. Aqui, hoje em dia, você não vê mais roça não meurimão. Aqui tá escasso o emprego. Até em Jaguarari que é um lugar que a gente frequenta e que achava emprego, agora tá difícil, né?

1. Comunidade distante aproximadamente 19Km da Serra de Cima.

Aqui, quem não tá aposentado, os mais novos vão para Minas ou então para Goiás e assim mesmo não tem trabalho. E os pais de família que ainda estão por aqui dão um dia de serviço, uma diária, nas roças ali do povo do Covão e também é só. Carteira assinada só quem trabalha fora mesmo porque aqui o máximo que pode ganhar é uma diária. Acabou o gado, acabou tudo. Essa roça do Policarpo aqui, não tem muito tempo, a gente via gado aí, que quando eles iam tirar essa gado para levar para uma roça chamada

Estudei até a oitava por aqui mesmo na Serra. Só tinha até oitava por aqui mesmo na serra Eu estudei no provão. Olha, eu comecei a estudar na Serra de Baixo com sete anos. Antigamente colocava as crianças com sete anos para estudar, né? Quando foi com doze anos, comecei a trabalhar na roça, com a enxada. Não era brincando não, era enxadinha porque meu pai adoeceu e nós tomamos de conta das roças na enxada mais minha mãe. Eu mais minha irmã que mora no Salitre e meu irmão que mora em Juazeiro. Nós na enxada pra limpar o feijão, limpar a mamona, o milho, o anduzeiro, bater feijão, arrancava o feijão, botava no terreiro, sacudia-lhe um pau do tamanho do cabo de uma enxada, cessava, botava em cima do jegue e vambora. Teve uma vez que nós plantamos feijão num lugar chamado Tanquinho e eu mais mamãe fomos um dia de domingo, quando chegamos lá só deu nove prato de feijão. Você acredita que mãe botou cinco pratos de feijão na minha cabeça? E quando chegamos na casa de Dona Laura e Seo Nilton, disseram: “Tu tá doida Silva? Tu quer matar a menina com esse saco de feijão na cabeça?” Foi que nós deixamos o feijão lá. Foi pesado meu filho. Quando eu lhe digo que sofri pra tá com esses 53 anos... eu ainda não morri de teimosa (risos).

PRIMEIROS MORADORES DA SERRA



Figura 14: Casa de morador antigo da Serra (BRUNA, 2020).

O povo primeiro aqui era esse povo do Neco. Foram os primeiros moradores daqui que parece. Eu sei que quem sabe bem dos primeiros moradores daqui é Zé Lino, um velho que tem ali para cá do Bebê. Eu acho que foi a família do Neco porque o povo conta aí que por aqui não tinha casa, era tudo mato e o campo todo era tomado pelo gado desse povo do Neco, né? Que vinha ficavam pastando por aqui porque não tinha morador. As casas era uma casinha aqui outra ali, não era q'nem hoje não. Aí depois foi que chegou essa família do Eduardo, do Seo Inácio, que morava na baixada aí que hoje é do Popó, pai do Patrick. Ele (Eduardo) morava lá embaixo.

Por aqui, a energia elétrica chegou em 1986. Nós mesmo morava lá do outro lado com uma candeeirinha, né? Com a luz de candeeiro. Hoje em dia chama lamparina. Olha aqui (mostrando o candeeiro)! Aqui colocava o óleo diesel, aqui tem o pavio de algodão. Mas hoje em dia é na vela, né? (risos). É mais fácil. Aí

nós morava lá. Que a minha vó morava lá. Ai minha mãe casou, meu pai fez a casinha mais para frente. Meu avô morreu, faleceu lá e nós ficamos lá, ali no pé da serra. Aí depois, quando chegou energia aqui, uma cunhada de minha mãe, Cida, disse: “você vai ter que fazer uma casa lá em cima”. Ai minha mãe disse: “não”. E papai ficou bravo e disse: “ não, eu não saí da minha casa não. Não tem quem faça”. Casinha velha de taipa. Vocês não sabem o que era a vida mais antigamente. Eu já sofri. Pense! Eu ainda tô viva de enxada. Mas olha, a casa nossa era feita de taipa. Piso, não tinha. A gente fazia assim: pra varrer, sameava água e aí, quando acabar, varria porque não soltava aquele pó. E o chão era aquilo lisinho que parecia que tinha sido feito na colher, como o povo dizia. A cozinha nossa era tapada de palha e quando a chuva vinha - escuta se eu não já sofri! As trempes eram umas pedras no chão, três pedras no chão. Colocava aquelas três pedras, aí colocava aquele panelão, e não era de alumínio não, que não tinha essas panelas de alumínio, era umas panelona de barro tampada com um prato que a gente chamava até de texto, nera? Era. Chamava texto. Hoje em dia é a tampa da panela e não sei o quê lá. Mas antes era o texto. Ah! Ninguém tinha uma estante, ninguém tinha uma prateleira, que nem o povo chama hoje. Eram uns giral feito de vara: botava quatro forquilhas, quando acabar enchia de vara. Ali era o lugar de guardar a louça, era a estante, o lugarzinho de guardar os pratinhos velhos de alumínio. E era assim desse jeito que nós vivia.

Nós, cada qual morava na sua casinha. Nós morava lá no pé da serra, mas era tudo uma coisa só. Ninguém tinha as regalias de hoje não. Os potes eram de Barro, que você conhece pote de barra, né? Tinha geladeira? Não tinha nada! Uma carne você comprava e botava no varalzinho ali pra secar e ir comendo durante a semana. Hoje em dia tá bom demais. A riqueza tá em cima da Terra e o povo não sabe. Mas quem já viu o sofrimento sabe o que é a vida. Nós somos em cinco irmãos. Nós éramos em oito, mas morreram três. Todos nascemos aqui na Serra. Tem

deles negão. O negão mesmo tem os olhos verdes, mas tem um que os olhos dele não é verde não, um que mora em Juazeiro. Os olhos dele é castanho. Só tem eu, um que mora em Minas e outro que mora aqui pro lado do Salitre que tem só assim (azuis).

Antigamente, aqui, todo mundo podia construir sua casinha, não precisava comprar terreno não. Até hoje em dia mesmo quem quer fazer sua casinha não tem isso aí. A não ser que compre, né? Que tá no quintal do outro, aí quem quer vender o outro compra. Q’nem essa menina minha mesmo, ela quis construir a casinha dela e comprou esse quintalzinho aí. Mas quando a gente veio praqui não precisava negociar não. Era só marcar o lugar. Hoje em dia vende, mas antigamente o vizinho fala “pode fazer sua casinha aí.”

NASCENTES



Figura 15: Nascente da Serra (MARQUES, 2015)

Lembro, aqui tem muitas nascentes, mas parte tá morrendo. Mas só a que permanece aqui mesmo é a do Olho

D'água. Mas tinha a do Junco, que eu não sei se vocês já foram lá, nas terras do Zé Lino. Lá no Kalemba tinha umas nascentes que eu queria que vocês visse que coisas lindas. Lá o povo plantava era banana, era café, era a cana. De tudo plantavam. Essas nascentes iam descendo e passavam no Bendó. Então, tinha essa do Kalemba, tinha a do Junco. Que essa do Junco tinha até uma cacimba. Essa cacimba, que chamavam da Nani, nunca secava. Coisava água chega era assim a minação embaixo. Quando limpava chega ficava assim fervendo, a nascente subindo, né? A gente via a água borbulhando. Teve a olaria aqui que é bem próximo a roça do Bebé. Nessa olaria ai também não faltava água. O povo fazia telha e as águas tudo branquinha. A água descia e passava ai bem nessa pedra grande onde vocês deixam os carros quando vão lá para cima da serra. Ali a gente lavava roupa naquele caminho. Ela descia ali bem onde tem o colchete e a gente lavava roupa bem ali no caminho mesmo, na estrada. Botava as pedras e a gente lavava a roupa e a água ficava correndo ali direto e forte. Da nascente de cima, que vinha da olaria e do junco que eu acho que era uma rede só, era uma rede, uma veia só que era kalemba, Junco e aqui a olaria aularia real desse aqui e aí no vovó embaixo, tinha uma Cacimba e descia. Ai no Popó, embaixo, tinha uma cacimba e essa cacimba nunca secava, e eu não sei como essa cacimba secou. Eu me lembro dessas. E tinha a do Quererá também. Aqui era rico de água sim! E tinha uma nascente nas Lavras. Tinha uma nascente. Na minha opinião, eu acho que essa perfuração de poço e também algum desmatamento foi o que fizeram essas nascentes sumi. Sim, eu acho que os dois, né? Porque onde tinha essas aguadas não tinha essas roças. E hoje em dia, você vai lá, você ainda vê o local onde tinha o poço, mas agora é tudo roçona, só o capim, já pensou? Aqui em cima dessa serra tem a do Catitu. Essa também descia água que pingava lá embaixo na Pingueira, no Covão. E ai cadê? Cadê a pingueira? No Caititu não tem mais água não. Secou. Eu não sei se ele pegou alguma água nesse período de chuva.

DIFICULDADES COM A ÁGUA²

Horta? Tenho como plantar não. Esse lugar de meu aqui não dá para plantar horta porque é só pedra e eu crio umas galinhas ai e não dá não. Roça eu tenho ali embaixo do Bebé, agora só que fica longe da água, né? Se tivesse água aí dava para fazer as hortas. Porque horta hoje em dia dá dinheiro, né?

Não estamos totalmente sem água aqui. Nós só temos água por conta dos reservatórios e da cisterna, da chuva. Porque a bomba tem problema: os operários vem, coloca a bomba e em menos de dois meses a bomba quebra. Disseram que é por conta da energia, que tem que colocar trifásica. Como não é trifásica ainda, ai não aguenta. Se a gente ficasse seis meses com água na torneira seria bom demais, mas não fica. Porque coloca e quebra e pra vim colocar a bomba é outra eternidade. Então é mais a cisterna, se não fosse o negócio tava mais feio. Porque nenhuma nascente mais tem água, né? A única que tem é o Olho D'água Amarelo. É de lá que todo mundo pega água para beber. Só poucas pessoas que não bebem água do Olho d'Água. Aqueles poços eram tudo mais pequeno e o pessoal daqui, todinho, era onde lavava e pegava água para o uso em geral. Meus filhos eram tudo pequeno, cresceram tudo, as águas das nascentes acabaram e ele (Olho D'água ficou lá). Logo depois inventaram essa desses poços, né? Aí lá só vai pegar água para beber.

2. Importante destacar que a Serra de Cima é um local que produz água e, contraditoriamente, eles não tem acesso a mesma que, hoje, abastece comunidades de mais de 60 km de distância.

O MONTE SANTO



Figura 16: Imagem do Cruzeiro (BRUNA, 2020)

Para a gente que é católico, antigamente subia os montes na sexta-feira Santa para acender vela. Tinha aquela procissão que o povo fazia promessa. Quando era tempo de seca, o povo fazia procissão e saía rezando pelos caminhos para ver se chovia, né? E chovia. Não sei se era a fé do povo ou se a chuva tava perto. Tem também outro cruzeiro acolá, mas não foi ele (meu pai) que

botou não. Eu não lembro quando meu pai botou aquele na serra em cima do Olho D'água amarelo. Eu já era crescida, mas não lembro. No passado o povo subia para pedir chuva. Subia. Eles contavam o tempo seco com um santinho São José debaixo do braço e subiam a serra cantando o bendito. Aqui não tinha penitente, mas o povo era muito católico rezador. Na quarta da Semana Santa mesmo, quando entrava quaresma, desde de a Quarta-feira de Cinza que o povo já começava com as rezas. Aqui nem tinha igreja.

CASA DE REZA

Olha! Tinha uma mulher chamada Zefa Balbina. O marido dela chamava Zé Balbina. Aí ele chamava Josefa Balbina e então chamavam ela de Zefa Balbina. E ai o povo e as rezas eram na casa dela, todo mundo. Ela tinha um bocado de santo. Até a meu pai, quando ficou velhinho, ela deu a ele um oratório de madeira, de colocar santo. Ela era bem católica. Aí todo mundo ia para lá rezar. Que, quando ela morreu, o povo q'nem minha avó, ficou rezando na Semana Santa. Depois que minha avó morreu ficou minha mãe. E ai depois que minha mãe morreu, se acabou. Ninguém seguiu as rezas da Semana Santa mais não.

Minha tia Laura. Ela era só assim, pessoa trabalhadora, que rezava, zelava e tinha o caruru. Ela zelava de Cosme e Damião. Recebia, cantando, dançando, pulando. Parecendo Samba de Palmas. Ela era muito doente. Era doente, mas não se aquetava não. Ai num dia de sexta-feira ela foi panhar água com jumentinho e lavar umas sacolas para ir pra feira no dia de sábado. Ai quando ela chegou lá, ninguém sabe como foi, já acharam ela morta. Ela já tinha seus sessenta e tantos anos. Não tinha setenta ainda não. Ela era mais nova que minha mãe. Pois é. Ela batia, né? Ela batia o Candomblé como diz o povo. Ai quando era no dia ela fazia as comidas dela e convidava o povo, ai o povo ia, batia e dançava no terreiro.

Então! minha tia fazia caruru. Eles nasceram e se criaram aqui, que eles eram em oito irmão. Hoje em dia estão todos espalhados, mas moravam tudo aqui. Mora um em Petrolina, mora um em São Paulo, mora outro em Campo Formoso, outro em Jaguarari que já se enterrou, que era o Juvenal matador de gado, pai do Cherife da segurança. Pois é! Ele era meu tio por parte de mãe. E eram três mulheres. Eram cinco homens e três mulheres. Tem o Tangará! sim tem quatro homens vivos ainda, mas morreram as três mulheres e um homem, que foi o Juvenal. E dessas mulheres tinha uma que tinha o Candomblé, que era a Laura Leite de Andrade. A casa dela era naquela avenida que sobe da igreja, atrás da casa da Maria. Ela fazia consulta. Ela não jogava búzios não. Nem sei, mas acho que não. Ela recebia entidades. Sei que tinha uns Pretos Velhos. Ela tinha uma mesa de Santo. Tinha o Preto Velho, que tinha um cachimbão, tinha Santa Bárbara, tinha Joana D'arc, tinha São Cosme e São Damião. Agora eu não lembro se tinha imagens de índio e de caboclo não.

Eu também rezo de quebrante e de vento caído. Se uma pessoa pedir para eu rezar eu rezo. Aprendi a rezar com minha mãe. Ela era só pra rezar mesmo. Ela não tinha outras coisas não.

Eu uso as folhas do mato mesmo. Tem a vassourinha, a corona. Quem vem é o povo daqui mesmo. Chega um ai com uma criancinha e diz: “reza aqui Conceição de olhado”. Mamãe me ensinou, né? Já minha vó também rezava de quebrante e vento caído. As três mulheres rezavam que era a Silva, a Laura e a Marina (minha mãe e as irmãs). O vento caído é um problema que os meninos têm e ficam cheio de gases e se assustando. Ai a gente reza e ficam bom. E o quebrante é o olho ruim que o povo bota ou o danadinho sendo bonito ou feio mesmo. Daqui a pouco o menino tá enjoado que só a gota, tem deles que dá até sonolência, febre. Ai é com oração. É oração de Pai nosso, de Ave Maria, Crem Deus Pade, Salve Rainha. Se tem segredo? Dizem que a gente não pode é tá expondo, assim, porque vai ficando fraco, né? Vai indo a reza né?

Oxe! Oxe! Mas a meninada de hoje eles querem saber é de telefone. Só quer saber do YouTube, de num sei o quê boock. (risos) De aprender a rezar? Querem nada! Olha! Eu fui criado assim Robson: a gente tinha a devoção. Quando você almoçava, você rezava. Você jantava, você rezava. Você ia deitar para dormir, você rezava para ir tomar a benção dos pais. Você levantava de manhã, você rezava pra tomar a benção de papai e de mamãe. Hoje em dia é: “Sá pai, Sá mãe” e pronto, né? Eu fui criada assim.

A IGREJA CATÓLICA



Figura 17: Igreja Católica da Serra (BRUNA, 2020).

A igreja foi contruída eu já era grande. Já tinha meus dezesseis pra dezessete anos. Aquela igreja ali foi um senhor chamado João Antônio que doou o terreno para uma prima minha, Lourdes, que mora em Campo Formoso, que era quem tomava a frente das coisas aqui na comunidade. Ai ela disse: “João, nós quer fazer uma igreja aqui, mas nós não tem o terreno

e nós quer fazer aqui que aqui fica um lugar bonito, vistoso.” Ai ele: “Pois eu vou puxar o arame e vocês vão fazer a igreja nossa”. Ai fizeram a igreja. Foi feita de adobo. Todo mundo se ajuntava, fazia o mutirão. Carregava água lá do Olho D’água com as latas na cabeça. E os homens fazendo o barrero e fazendo os adobes. E foi feita toda no mutirão. Foi feito o lugar, fizeram o adobe, a telha foi feita nessa dita olaria que tinha aqui e a madeira foi tirada nas matas daqui também. Nesse tempo sempre tinha algum padre ou alguma freira que vinha. O padre Luiz Toneto. Tinha o padre Domingos, dai de Jaguarari, que era cabeludão. O padroeiro daqui é Cristo Ressuscitado. Agora ai eu não sei como foi a escolha.

REISADO

Eu ainda brinquei muito o Reisado. Era só para onde mamãe mais papai deixava eu ir. Era só pra onde eu ia. Pra festa eu não ia não, agora para os Reis nós ia. A gente fazia as roupas de papel, um papel chamado crepom, não sei como diacho era (risos). Ai nós fazia aquela saiona de papel, toda enfeitada de tirinhas. Fazia a coroa. Era bonito, menino! Saía cantando ai de casa em casa e era a noite toda nessa brincadeira e quando terminava era um Samba de Roda. Ia terminar o Reisado lá naquela casa de taipa no começo, a veia dali que chamava Eva morreu. Ai o reisado terminava lá e o Samba de Palmas até estralar. O som era um cavaquinho, depois o cavaquinho se acabou e meu tio, esse Tangará, tinha um banjo, e a festa era feita com esse banjo e as cuias de cabaça. Minha vó mesmo era medonha batendo, assim, nas cuias: “e teca, teca, teca, teca, teca...” Tinha uma lata, que hoje em dia é o bumba. O Reisado? A gente fazia uma lapinha no canto da casa: pegava uma lata de querosene, cobria ela de papel para ficar uma coisa bonita. E ia fazendo degraus e terminava com um prato de medida, que era de madeira e servia para medir farinha, milho. Ai quando

terminava ali, enchia de sambambaia ao redor e enfeitava com búzios do mato, folhas, parasitas (orquídeas da serra) que fuloram amarelinhas. Ai pegava umas palhas e fechava q'nem um coração e depois empendurava lá em cima. Botava papel de toda cor também, pra ficar colorido e ficava a coisa mais linda. Em toda casa todo mundo tinha uma lapinha. E cantava o Reis, começava de novembro e ia terminar dia seis de janeiro. Antes disso ninguém desmanchava uma lapinha. Só desmanchava depois que passasse. O povo fazia bonequinho de barro e a gente botava tudo quanto é de besteira: era pedra, era planta que achava no meio do caminho. O menino Jesus, a Sagrada Família, né? Era bonito demais, mas hoje acabou. Todo sábado tinha os ensaios de Reis e quando era no final, no dia seis de janeiro, é que tinha o Reisado completo com o Samba. Ai nas casa que a gente passava tinha o licor, não tinha cachaça, né? Tinha umas pessoas que faziam uns licor tão gostoso que eu não sei como era que fazia uns licor tão gostoso daqueles. Ninguém queria cachaça não, era só os licor. E era só o povo daqui da Serra de Cima. Tinha a Rainha de roupa branca e com a bandeira, tinha o Comandante vestido de terno, palitó, gravata e chapéu. Era muito lindo menino! Esse povo mais novo não sabe nem o que é isso mais. A última vez que teve Reisado aqui tá com um bando de tempo. Essas mulheres que eram tudo solteiras, na época, já são tudo vó q'nem eu. Tá novo? Tem tempo! Aqui era muito animado, mas acabou. O povo mais velho foi morrendo e quando os da gente vai morrendo a graça vai acabando.

O NOME DA SERRA

Serra dos Morgados de Cima é por causa da Serra de Baixo. A Serra de Baixo num é Serra dos Morgados? Aqui antigamente era Berinjela. No papel da luz ainda é Berinjela. Chamava aqui era Serra da Berinjela. Minha avó contava que aqui tinha uns pés de berinjela. Agora eu não sei como era essa

berinjela porque hoje em dia tem essa berinjela que a gente come, né? Que a gente planta em canteiro. E essa eu não sei como era. Eu que aqui chamava Serra da Berinjela. Ai depois é que passou a se chamar Serra dos Morgados. E Serra dos Morgados, acho que é mode um povo que tinha lá que chamava Morgado. Os mais antigos, né? Lá na Serra de Baixo. Aqui eu não sei se tinha esses Morgados. Mas eu não sei porque naquele tempo era tudo uma coisa só. Não tinha divisória, né? Hoje em dia é que tá dividido mode desse negócio de município, né? Aí divide tudo, né? Mas antigamente não tinha esse negócio não. Era tudo uma coisa só.

ENGENHO

Os engenhos eram do tempo do povo dos Necos que morava aqui para baixo num lugar chamado Baixa dos Carneiro. Tinha uns engenhos praí. Mas não me falavam desses engenhos não. Acho que já era dos antigos.

LAMPIÃO

Eu não vi o Lampião não. Quem viu foi minha avó. Minha vó contava de Lampião. Ela disse que teve um casamento na Serra de Baixo, de uma tal de Maria do Chico Barba, parece. Ai minha vó tava num lugar que tem umas pedras e que a gente chama Caldeirão, bem na entrada do povoado, ai viu aquele converseiro, assim, pelas veredas, que não tinha estrada, né? E escutando aquela zoadá disse: “ali é o povo do casamento que vem”. Quando ela olhou de lado disse que vinha aquela cabroeira, tudo com os chapéus virado e com uns lenços vermelhos no pescoço. E aí, minha avó era feia. Eu sou feinha, mas minha vó era mais que eu (Risos). Ai ela tava lá, que os cabelos dela eram cheião e duro, assim! E ela com o olho para trás disse: “e agora o que é que eu faço? Correr eu não corro.”

E lá ficou. Ai quando eles chegaram perto perguntaram: “tá com medo minha tia?” E ela: “Não!”. E eles: “Pode não tá, mas aparência tem.” Ai minha vó disse que chega ficou gelada. Ai disse que quando eles passaram, ela tava ali com uma chinelinha de couro cru e da viagem que ela fez o arranque a chinela ficou lá do mesmo jeito. Ela foi se lembrar de chinelo quando já tinha chegado em casa com medo do Lampião. Eu não sei se o Inácio contou para vocês, mas foi nesse dia que eles desceram para casa do pai do Inácio ai na Baixada, né? O velho Eduardo, ele era um homem dos ricos, era ricaço, que tinha gado e tinha dinheiro. E aí eles desceram pra lá e coalhada, requeijão, tudo tinha lá, né? Ai chegaram lá comeram e disseram: “Agora nós vamos para a Fazenda Piabas”. A Fazenda Piabas é uma que fica aqui atrás. Hoje em dia não tem nada não, de antigamente tinha, que era do povo do Raul. Ai quando eles ganharam a estrada, o finado Eduardo se fez aqui por cima dessa serra correndo para ir avisar o Doutor Raul porque lá tinha ouro, na casa dele, Raul, tinha ouro, né? Aí ele se fez nesse mundo na carreira, estrada de areia, e ele correndo que chegava a ficar os buracos. Quando ele chegou nas Piabas, ia tão cansado que nem sabia falar, não dava para falar. Ai: “Pião doutor, bosta seca, cobra verde. Corre doutor, pião, bosta seca, cobra verde” (risos). Ai o Doutor: “o que é Eduardo? Se acalme Eduardo”. Ai ele: “pião doutor, bosta seca, cobra verde...” Ai: “Pois corra Eduardo.” Ai ele se fez para mata, siscou as folhas e quando acabar se enterrou com medo do Lampião. Porque se o Lampião pegasse... Dizem que no caminho o Lampião disse: “Aqui vai gente e é avisar na fazenda”. E outro dizia: “É não, é caçador de égua”. O Lampião não, dizem que o Lampião não fazia nada não. Agora os outros. A cabroeira dizem que era triste. Matava mesmo. E ai quando eles chegaram lá o doutor já tinha mandado esconder o ouro e nem se assustou porque o Eduardo já tinha dado o recado.

E tinha meu tio também que se chamava Domingo. Eles passavam aqui, e meu tio era pequeno. Aí eles pediram minha

avó para ensinar um caminho a eles para eles descerem para o sitio do Meio por cima das serras. Aí deram um chalé muito bonito a minha vó e ela ficou chorando: “vão é matar meu filho, vão matar meu filho”. Ai se mandaram com ele. Quando chegou num lugar chamado Bromada para descer para umas Barreiras, ai um foi e perguntou: “E por aqui não dá pra gente ir não?” Ai meu primo disse: “Não, que por ai é um carrasco danado.” Tinha um dos cabras de Lampião que se chamava Carrasco, né? Aí ele se zangou: “Carrasco não, mato fechado”. Aí meu tio já começou a ficar com medo. Aí outro foi e disse: “Não, deixe o menino que mato fechado é carrasco”. E ai se mandaram com o pobre do menino na frente. Quando chegou mais na frente o Carrasco tornou a dizer: “Eu podia matar esse cabra para ele saber o que é Carrasco”. Aí os outros diziam: “Não, deixa o menino que Carrasco é mato fechado”. Sei que foram até quando liberaram meu tio. “Vá moço, pode voltar. Deus o acompanhe.” E o Carrasco dizendo: “Eu devia era fazer uma boniteza com esse cabrinha para ele aprender a respeitar homem.” “Deixe o menino!” A Carreira de meu tio foi tanta que os dedos dos pés ficaram assim inchados de tanto correr (risos). Quando ele ficou velhinho, não dava um xoto. Morreu de velho e não dava um xoto, acredita? Com medo do Lampião. Lampião era nó cego. Lampião não, os cabras dele.

3.2. DONA SILVINA E SEO PEDRO



Figura 18: Dona Silvina e Seo Pedro (BRUNA, 2020)

SILVINA:

Nas horas das minhas agonias eu chamo minha Virgem da Conceição: valei-me! E só quem me aparece é a Maria da Conceição aqui. Ai eu tenho aquela fé viva. Porque eu tenho uma irmã que me segura, tem força e me faz ser guerreira, forte e firme como era a vó e a mãe dela. Elas eram mulheres guerreiras.

Meu nome completo é Silvina Souza da Silva. Somos primos segundo, eu com ele, e não nasceu nenhum filho aleijado, graças a Deus. A carneira que ainda tem no cemitério velho é da primeira mulher de meu avô, que era duas famílias que ele tinha. Ai a mulher dele morreu e ele foi e casou com minha avó. O nome dele é Eduardo Lourenço de Souza. Dizem que ele eram bem moreno, mas eu não alcancei. Dizem que era ruim que só.

PEDRO:

Dizem que ele ia para feira, e naquele tempo todo mundo ia de pé, né? Ele tinha uns cavalo esquipador e nesse tempo chovia muito inverno. E o povo vindo de pé e ele: “sai do meio pobreza, deixa a riqueza passar”. Espalhava lama em todo mundo, passava e ia embora. Ai o tempo passou, ele foi embora para Campo Formoso, não sei o que diacho que teve. Num foi nada

não. Dizem que pra ele morrer foi numa espelunca. Vejo contar, agora não sei se é verdade, né? Dizem que a valença dele era um velho, o pai desse “Delegado”, que morava lá do outro lado e que plantava muita mandioca, ai quando fazia farinha ia dando os tiquinhos pra ele. E desse jeito ele bateu as botas. Adoeceu de um dedo e desse dedo morreu.

SILVINA:

Tenho força mesmo porque eu não sei ler, não sei escrever e nem meu nome eu não faço mais, mas eu tenho fé viva. Ponho os meus joelhos no chão e chamo por Deus. Eu não sei se estou fazendo o bem ou fazendo mal. Oh Deus! Guarda a nossa comunidade, nos livre e nos defende e o mal açoita pra longe de nós!

Tem dias que a gente nem se vê, mais eu fico escutando, eu fico q’nem passarinho. Ai eu escuto a voz dela e digo: a comadre tá em casa. Essa noite eu sonhei com a comadre duas vezes.

PEDRO:

Meu nome é Pedro Gomes da Silva. Eu nasci nesse pé de serra aqui atrás num ranchinho de palha, num lugar chamado Curral Novo. Daí nós nos mudamos para a Fazenda Piabas, para a casa do José Gonçalves. A casa velha abandonada e nós não tinha pra onde ir e nós foi pra lá uns tempo. Daí, quando tava mais grandinho, nós mudamos pra roça. Para um lugar chamado Poços, perto daqui também. E aí comecei a namorar, comecei a andar e quando tava com 16 anos me casei e vim praqui e até hoje tô aqui ainda.

SILVINA:

E só saímos daqui quando morrermos, né?

PEDRO:

Meu apelido é Pedro Bão. Em todo lugar que falar: “Pedro Bão”, já sabe que é eu. Bão, porque a minha família é dos Bão, da parte da minha mãe. O nome dela é Maria Josefa Gomes da Silva e o pai João Gomes da Silva. Minha mãe era daqui da Serra, agora meu pai era do Xorroxó. Ele nasceu em Xorroxó, andou muito. Ele tinha duas famílias. Primeiro se casou com uma mulher, morreu. Segundo casou com essa de agora que é da nossa família. Da outra família, parece que tem cinco? Que eu sei, né? Agora ele dava umas voltinhas aqui e acolá e se ajuntando tudo pra contar era na dormida.

Eu só vim pra cá depois dos 16 anos. Solteiro eu já andava por aqui, mas morar mesmo foi com 16, quando eu me casei. E hoje estou aqui. Meus filhos? Pra contar só de noite (risos). Puxei o veio meu pai (risos). Foram 10, mas quatro Deus levou e ficaram 6. Tão tudo espalhado, só uma que mora em Jaguarari. Os outros tudo em Minas. Aqui em casa só eu e essa veinha. E tem dias que eu preciso de uma pessoa e penso: “será que é preciso eu fazer mais menino para me ajudar? Será que os que eu fiz foi pouco? (risos).”

Fiz 61 agora no dia 25 de agosto. Eu ainda alcancei umas pessoas de idade ainda. O véio Marcolino, pai do Manezão e sogro do Rubem, foi um dos primeiros moradores daqui. Ele era um negrão forte. Ele ia pra feira e comprava duas rapaduras e um prato de licuri quebrado. Sentava ali e não era quinze minutos já batia o canto da rapadura na boca. Esse negro pegava uma prensa que quinze, vinte homens não guentava. Ele chegava, arribava, saía tombando e botava onde queria. Fazia uma prensa dentro de um dia, que dois, três homens passa uma semana. Dessas

prensas ainda tem na casa de farinha. Essas prensas ai foi nós que fizemos mais ele. Com certeza. Aquela casinha ali (casa de farinha) ainda tem uma presença aqui, com certeza.

SERRA DA BERINJELA

Eu vejo dizer que Serra dos Morgados é porque morava um velho aqui chamado Morgados. Tanto essa de Cima como a de Baixo é chamado Serra dos Morgados. Ai não sei se o foi embora ou morreu e aí ficou Serra dos Morgados e hoje está. Eu não sei bem se ele morava era nessa aqui ou na de Baixo, porque eu não alcancei, vejo falar por bocas dos mais velhos. E a de embaixo (Serra dos Morgados de Baixo) tem um apelido que é Cabeça do Nêgo. Antigamente era Cabeça do Nêgo, a Serra de Baixo.

Esse nome era mais ou menos porque tinha muito nego velho, né? Eu ainda alcancei uns negros, uns moreninhos lá né? Mais ou menos foi isso. Porque lá morava pouca gente. No tempo mais velho eram três, quatro casas. Ai foi rendendo, rendendo, e tá daquele jeito. É a mesma coisa daqui também.

Esse Morgado eu não conheci. Eu conheci o filho, o Senhorzinho Morgado da Serra de Baixo que ele tinha uma roça na ladeira dos Pilão. Aquela roça do lado assim era do Senhorzinho Morgado, que era filho desse véio Morgado. As vezes eu vou para Senhor do Bonfim receber o pagamento e quando dá problema no banco eu vou para Campo Formoso, receber o dinheiro lá. E lá eu vejo muitos negros. Pretinhos.

Os primeiros moradores daqui, dizem que era um tal de Zé Lino, Eduardo pai do Inácio que vocês fizeram a entrevista com ele. Esse ai eu também não conheci não, vejo dizer pelos mais velhos que moravam aqui. Que depois deles já tinham morado outros velhos. Os Lino eram misturados: uns amarelados, outros vermelhos, outros sapecados, uns cor de café com leite. Tem de todo jeito. Tem negros também.

Na Laje dos Negros³, em Campo Formoso, tem muitos negros velhos da família dos Linos também. Tem muito parente meu lá também. Tem um povo daqui que foi embora pra lá também.

Aqui a Serra de Cima era conhecida como Serra da Berinjela. No papel da energia tá Berinjela. O padre foi quem botou esse nome porque aqui tinha um pé de berinjela, eu só não sei onde era. Ai por isso ele botou esse nome de Serra da Berinjela. Os velhos contava que nessa capoeira por aqui tinha um paus chamado de berinjela. Eu mesmo não alcancei não, mas dizem que tinha.

ENGENHO

O engenho, aqui na Serra, era do pai do Inácio. Eu não alcancei, eu vejo só falar. Era do avô dela ai (apontando para D. Silvina). Bem ai depois do pé de jaca, na baixada do Popó, tinha um engenho aí. Ainda tem uns vestígios lá. Dá jaqueira pra baixo tinha o engenho, tinha a casa dele morar e tinha até um igreja dele fazer casamento porque ele era ricão, né?



Figura 19: antigo engenho ainda em funcionamento nos Betes (MARQUES, 2018).

3. Laje dos Negros, Comunidade quilombola há 100km da sede de Campo Formoso, no norte baiano.

A LABUTA

Quando eu aguentava trabalhar, trabalhava na roça dando dia de serviço. Tem um rapaz ali nas Piabas que eu trabalhei 25 anos com ele. Fazendo tudo: trabalhava com gado, na roça, fazia cerca, fazia de tudo. Ai de lá para cá eu tomei um acidente: caí do cavalo, o cavalo caiu por riba de eu e deslocou esse ombro. Eu passei um ano sem fazer nada, depois comecei a trabalhar e ele me arrumou um trabalhinho no posto de vigia. Ai tava muito bandido lá roubando e eu saí.

Tornei, consegui voltar para lá dois anos ainda. Devagarzinho, ai vi que não aguentava mais, fui lá untar ele, fiz acordo com ele, reuni a papelada toda e botei na mão da justiça. Saiu o resultado e passei a receber o benefício e até hoje tô recebendo por conta do ombro. Esse ombro, quando eu invento de trabalhar até meio dia, chego em casa que me deito, de noite tô que não me aguento, chega até a dar febre. Assim por riba você pode cortar que eu não sinto nada. Por baixo, os cabelos pode puxar que eu não sinto nada. Se eu soubesse que prestava eu ia botar um de borracha, ia jogar esse fora e botar uma borrachinha (risos).

Por conta desse braço tem dia que eu tô esmurecido, aí só deito, viro e durmo. Fazer o quê, né? Eu bebia cachaça, mas deixei de beber tem 17 anos. Todo sábado eu ia pra feira e quando chegava aqui era meio zambeta. A gente vinha naquele caminhão do Zé da Morena. Na hora que eu saltava do carro, tivesse o dinheiro que tivesse, já ia direto para o boteco tomar uma. Tomava duas, três, quatro... dizem que tem remédio para o cabra deixar de tomar cachaça, mas pra mim o que vale é opinião. Parei!

RELIGIÃO

Minha religião? Eu já passei para a lei dos crentes uma vez, fiquei oito meses lá em São Paulo. Depois eu vim me embora de São Paulo, cheguei aqui e fiquei pensando: “aqui não tem nenhum crente para me ajudar”. Fui ali numa na Serra de Baixo, lá também não fui com a cara. Fui saindo de fininho, de fininho e hoje tô aqui, mais dos dias eu vou à missa, vou a uma missa de vaqueiro, vou a uma pega de novilha, vou a uma cavalgada.

A Missa de Vaqueiro, Ave Maria! É bonito demais! Um bocado de homens, vaqueiros encourados. Mas não só vai homem não. Tenho visto mulheres vestidas do mesmo jeito de homens. Uma vez eu fui numa lá perto da Arara. Labutando com bêbados, viemos chegar aqui quase uma hora da madrugada.

Mesmo com dificuldade ainda monto. Cansei de nós selar burro, eu torcer as orelhas, meter o pé no estribo e eu subiu pra riba e o bicho ficar assim: vapo, vapo, vapo! Inté quando cansava. Mas tinha dia que ele caía também. Um dia mesmo montei numa burra aqui, a burra saiu ai, quando chegou mais acolá me piquei no chão. Tornei a montar. Eu tive de cair uma vez só de um diacho de um burro. Selei e o burro veio, e ele queto. Montei, e o burro queto. E eu ainda disse: “é esse burro aqui que faz medo montar?”. Menino! Quando eu montei que me aprumei, ele fez q’nem pião. Deu uns dez salto que eu não aguentei e piquei-me no chão! Correu! Peguei ali dijunto do campo e tornei montar. E foi a queda que eu tomei de animal brabo. E desse do ombro, era um cavalo véio manso. Ele deu uma esquipadinha, pisou no atoleiro e foi tombando assim porriba deu, por cima do ombro. Quando eu cacei meu ombro, cadê? Eu sozinho. E agora para eu montar nesse cavalo para chegar na casa da fazenda? E era perto. Ai montei, quando montei escureceu minhas vistas de novo e eu disse: “vou cair”. Me abaixei no pescoço do cavalo, me segurei e segui. Quando cheguei lá, pra tirar a camisa foi uma sobrinha minha que tirou. Ai os meninos da feira, que tavam

chegando da feira, tentaram e não conseguiram, ai o Zé do Pão: “Chega! Carrega o homem para Jaguarari”. Chegando lá foi que foi sofrimento: um pegava, outro retorcia, outro mastigava... e o Zé do Pão meio covarde, não aguentava ver aquilo que já tava com a orelha tremendo. Ai nós fomos pra casa do finado Salomão. Lá ele enfaixou tudo. E na segunda-feira ,já de noite, é que eu fui atendido em Bonfim. Ai lá ele anestesiou e um botou o pé por aqui, o outro me segurou e botou o pé na tábua, até quando fez: “Toc!” Caiu pro lugar. Ai passei lá uns dois ou três dias internado e depois o mesmo Zé do Pão mandou um carro me trazer. Não machucou nada não, só fez deslocar. Ai foi indo, foi indo e aquela gosminha que tem nas juntas foi indo e secou. Ai disse que agora não tem mais jeito não. Dizem que o jeito é quando a gente for ficar juntinho ali um do outro (aludindo a ir para o cemitério ser enterrado).

SAMBA DE PALMAS E REISADO

Ave Maria! Eu gastava a sola do sapato no Samba. Aquele veio ali, meio sogro? Aqui tinha uma velhinha chamada Eva que dançava, sapateava, batia o pé no chão. Antigamente era bom. Agora não que o povo mais novo não quer saber de Samba, só quer saber de “rebolation” e não sei o quê mas antigamente tinha Samba bom aqui. Eu perdia noites e noites para ir a um Samba. Gostava de um Samba de Palmas. Tempo de Reisado aqui também era animado. Faziam lapinha e dia de sábado saía cantando nas casas as lapinhas. Começavam a fazer em novembro e ia até seis de janeiro.

Rapaz! Eu tinha até uns Reis gravado, mas... você se lembra daquele Jerônimo, genro do finado João Balbino? Ali que era bom de cantar um Samba, viu! E o finado João Balbino também era bom no Samba. Aquele povo ali do Catuabo... os catuabeiros até hoje faz. Há uns quinze dias teve um no Tanque de Terra que eles foram fazer.

Aqui, em tempo de Semana Santa, no dia que entrava a Quaresma, na casa de uma senhora que chamava Zefa Balbina, todo sábado tinha reza lá. Inté no Sábado de Aleluia. Na sexta-feira da paixão amanhecia o dia rezando. E do Sábado de Aleluia para o Domingo de Páscoa era o Samba. O Samba de Aleluia!

SILVINA:

Pois eu gostava de cantar, óia!? Eu cantava, ai tinha umas com a voz fina e outras com a voz mais grossa. Ai uma dizia: “tu vai fina ou vai grosso” (risos). Eu cantava e ela mandava a voz dela pra mim, outras horas eu cantava e mandava a minha voz para ela. Ainda hoje ela tem aquele batidinho na igreja. Ela canta na igreja de Jaguarari, a Diná, cunhada da D. Santa, mas nós era como duas almas gêmeas. Antigamente aqui era pouca casa, mas era divertido aqui. Naqueles tempos de Semana Santa, Ave Maria, era bom demais. Mas hoje em dia não vale a pena mais não. Até aqui em minha casa já passamos a noite rezando na Sexta-feira da Paixão. Começamos umas sete, oito hora e fomos até as quatro da manhã. Ai rezamos o Ofício! Para juntar o povo? O quê? Não é fácil não! Já vem da nossa avó, da nossa bisavó, da nossa mãe, das nossas mais velhas, né? Porque as nossas mais velhas Deus já levou ai as mais novas foram se desanimando. Aqueles bares, quando a gente tava rezando, tinha deles que nem abaixava o som. Quando a gente pensava que não os bêbados entravam na igreja fazendo medo a gente e foram se afastando, se afastando. Por causa de motivo, assim, que algumas família tiveram problemas e foram afastando.

Eu sou católica. Deus me botou naquele caminho e tenho que seguir. Já tenho uma filha que diz que é evangélica. Mas eu nasci católica e bato firme. Só Jesus muda meu destino, quando eu chegar lá e Ele me botar no meu cantinho e dizer: “fica-te ai”.

TOADAS DO REISADO

SILVINA:

Oh de casa
Oh de fora
Maria vá ver quem é
Maria vá ver quem é
Somos cantador de Reis
Somos cantador de Reis
Quem mandou foi São José

Cantar Reis não é pecado
Cantar Reis não é pecado
São José também cantou
São José também cantou

São José também cantou
Nesse dia de alegria
Mas depois de muito tempo
São José também chorou
Quando viu seu filho morto
Pregado numa cruz com tanto amor
Quando viu seu filho morto
Pregado numa cruz com tanto amor

Oh de casa!
Oh de fora!
Maria vá ver quem é
Maria vá ver quem é
Somos cantador de Reis
Somos cantador de Reis
Quem mandou foi São José

REIS MAIS VELHO

SILVINA:

Oh de casa!
Oh de fora!
Escutais o que eu direi, a
Escutais o que eu direi, a

Senhora dona da casa
Senhora dona da casa
Abra a porta que eu cheguei, a
Abre porta que eu cheguei, a
Eu vim aqui cantar um Reis, a
Vim aqui cantar um Reis, a
E não me amostre cara feia
Não me amostre cara feia

Oh de casa!
Oh de fora!
Escutais o que eu direi, a
Escutais o que eu direi, a

Senhora dona da casa
Senhora dona da casa
Abra a porta senão morro
Abre porta senão morro
Não abra que eu já morria
Não abra que eu já morria

Não deixe eu perder minh'alma
Não deixe eu perder minh'alma
Que a minha vida eu já perdia
Que a minha vida eu já perdia

HERANÇA INDÍGENA

O povo dela ai (apontando para Conceição) foi pegada a dente de cachorro. A bisavó da Conceição era uma índia, Acho que ela morou por aqui.

REZAS

SILVINA

Eu não sei muito rezar não, mas rezo. Gosto. Gosto de escutar. Eu rezava de dor de ouvido, de dor de barriga, e rezava de ventosidade, de olhado, de mal vermelho. Num tem pessoas que ficam com os pés vermelho? Então!

Eu aprendi com o Dom. E alguém que sabia, assim, uma prima minha. Hoje ela tá só o palitinho. Não sei nem se ainda tá viva a essa hora. Ela me ensinou. Ela também era rezadeira das boas, mas ela aprendeu da cabeça dela. Do Dom que Deus deu a ela. E eu só chamo mesmo por Deus com fé. Se eu ver um menininho com uma dor ou qualquer criatura engasgada. Tenho prova de Deus e ele (Seo Pedro) tá ai que não me deixa mentir. Um dia vinha da fonte, tava lavando roupa com a bacia desse tamanho, cansada que ia pra lá e prá cá. E aí, aqueles guardas que andavam por aqui botando remédio nas casas (agentes de endemias), tavam bem naquela casa ali ó. Aí vinha mais mamãe com uma bacia de roupas na hora do meio dia. Ai tinha um guarda assim se torcendo e já o outro encostado. Eu disse: “Mãe, aquele guarda tá engasgado”. Minha mãe disse: “Será minha filha”. “Tá”. Ai eu suspendi a bacia da cabeça, na hora do meio dia. E era um guarda já batendo nas costas do outro. Ai eu só fiz bota a bacia no chão e disse: “O que é meu irmão”. O guarda disse: “Ele tá engasgado com uma espinha de peixe”. Aí lembrei o que era que eu ia dizer e por Deus do céu, se eu tiver mentido eu quero perder esse outro olho. Aí ele fez assim para frente e para trás e

se encolheu e se arribou. Aí eu disse: “Tu tem fé em Deus?”. Ele disse: “Tenho!”. “Pois lembra que Deus existe!” Eu não chegue perto pra passar a mão nele não. Chamei por Deus e ele deu uma volta assim por detrás e o outro disse: “Senhora, ele jogou fora a espinha do peixe”. Porque ele tinha fé, né? Eu chamei por Deus com fé e ele tinha fé. E muitos e muitos casos que não precisa tá lembrando. Dona Vilma ainda tá ali pra contar. Severina chegou aqui engasgada com uma espinha de peixe. Ai eu fiz o mesmo, passou um tempinho, não sei se ela tomou uma água, num sei o que foi disse: “Muito obrigada, desceu.”

Assim! Quando tá com qualquer coisa eu pego a vassourinha, quando eu rezava. Pra fazer chá eu pego a cidreira também. Quando eu vejo falar de uma coisa boa pra fazer chá eu vou buscar.

PARTEIRA

SILVINA:

Só D. Maria, que era parteira e se precisar ainda pega, e D. Lucília. Mamãe, mãe Bina, que foi a mãe de nós todas, a D. Eva. A minha primeira filha quem pegou foi a mãe dele (Pedro). Quatro filhos meus foi a minha mãe que pegou. E os outros, mãe Bina, mas Deus já levou. Vivas ainda tem a Lucília, a Manu e mamãe. Mas hoje em dia, chegou o mês de ganhar já vai puxando para Jaguarari, né?

Aqui os partos era normal. Mas era um normal muito diferente do hospital. Eu ganhei três no hospital, mas era muito diferente daqui. Os daqui era mais bom. O parto dos meus gêmeos eu quase morria, perdi muito sangue. Fui para Jaguarari morta. Tive hemorragia. Um menininho rebolou na barriga e nasceu de sete meses. Eu mais mamãe. Mamãe disse: “Eh! Minha filha nasceu esse, mas tem outro ai dentro”. Uma veinha minha estourou e foi sangue pra diacho. E ai mamãe sozinha aqui em

casa, correu foi atrás de mãe Bina. Ai quando chegou disse: “Com certeza filha, tem outro”. Ai me arrumaram aqui e foram atrás de um carro. Cadê ninguém para dar socorro? Ai foi naquela casa de farinha primeira e chegou lá e disse: “Me socorram meus irmãos que a minha filha vai morrer. Se você que não tava lá não prestou socorro, bem assim foi os que lá estavam. Ninguém socorreu. Ai os meus dois irmãozinhos que tavam vindo de Jaguarari que tinham ido extrair uns dentes. Quando eles chegaram mamãe disse: “Oh meus filhos vão em Jaguarari dizer mamãe que arrume um carro pra vim pegar a Silvina que ganhou um menino e tá esperando um outro e ela tá aqui passando mal.” Ai eles pra trás com os pés dentro da lama, tava chovendo e eles foram. E eu aqui morta. Pedro tava pra roça. Os meninos foram e chegando lá foram direto na casa de Pai Chico. A vó veio, falou com D. Verbênia que era a diretora do postinho. A Verbênia disse: “Oh D. Ana! Não tem outro transporte, vou mandar a caçamba”. Uma caçamba azul. Ai o Pedro do Cosme foi quem veio na caçamba. Botou os dois irmãozinhos dentro, ai veio. Quando chegou aqui, Tia Eva ficou com o menino que nasceu aqui e me botaram na caçamba branca, branca, branca. Lá arranjaram uma maca para me tirar da caçamba e lá fiquei estatelada. Ai ficava só pra lá e pra cá porque não tinha socorro em Jaguarari. O médico era em Bonfim⁴. Ai me arrumaram e me mandaram para Bonfim. Mas antes de chegar em Jaguarari, chegando ali no Brejo, numa saída que vem ai por dentro, onde tem umas jaqueiras, esse Zé Bléo ai veio doido, porque ele podia ter os defeitos dele, mas era o socorro de nós todos. Eu devo obrigação a ele porque ele só não me deu sangue porque não era compatível. Ele trabalhava no Sindicato nesse tempo. Ai ele vinha vindo e quando viu a caçamba se arribou, mamãe disse que ele se arribou. Ai arribou a mãe e disse: “O que é comadre que tá acontecendo?”. Mamãe se acabando de chorar com eu deitada no colo. Mamãe sozinha. Ai ele: “O que é comadre?”. E mamãe falou o caso pra ele e do

4. Senhor do Bonfim/BA, cidade a 25 km da sede de Jaguarari.

jeitinho que ele vinha, cheio de lama, pegou a sacolinha, jogou em cima do carro e pulou em cima. Ai foi mais mamãe para Jaguarari e de Jaguarari me mandaram para Bonfim. Quando chegou em Bonfim o médico atendeu, foi até o doutor Menandes. Ai o doutor Menandes disse que não tinha sangue pra mim que o meu sangue eu já tinha perdido todo, né? Ai fizeram o parto da menina, já morta. Eu fiquei sem sangue. O médico já foi falando com Zé Bléo, disse: “Seo Zé, dê providências!” Ai foi que Deus me ajudou, que apelaram lá e vieram duas bolsas de sangue de Campo Formoso. Foi que eu tomei, me recuperei e vim me embora. Morro devendo essa obrigação a esse filho de Deus, que foi quem me salvou, quem ajudou a salvar a minha vida. Mas os outros, muitos que estavam na casa de farinha, ninguém podia ir. Mas tô aqui contando a história. E esses meninos nasceram de susto: eu tava um dia na cozinha, e meu padrinho sogro da minha tia, morava em Jaguarari e ele tinha adoecido na semana, né? Quando é de manhã lá vem um menino montado num burro e pulou dois paus da porteira ali. Quando o burro pulou que eu vi que era o Zé, sobrinho do compadre Claudio eu pensei: “Oh meu padrinho morreu!” E foi só o susto que eu tive. E os meus meninos nasceram de sete meses.

CANDOMBLÉ

PEDRO:

No meu alcance não vi não. Mas sim, tinha um, mas ali não era terreiro. Um quinginzinho de vez em quando. Terreiro de Candomblé é q’nem em Salvador, por esse mundo ai.

SILVINA:

Era diferente. Eu mesma fui umas duas vezes e fiquei manifestada . Manifestei, já pensou?! Dizem que eu manifestei. Que começaram a cantar: “São Cosme mandou fazer duas

camisinhas azul/ É uma para o dia dele/ E outra para o cariru/ Oh vadeia Cosme, oh vadeia/ Oh vadeia Cosme, oh vadeia” Ai comecei (risos) E ai dizem que eu comecei brincando. Rapaz! Antes de eu chegar não sem quem foi, correu aqui e disse a ele (Pedro). Quando eu cheguei aqui em casa ele tava agoniado agitado e meu tio dizendo a ele: “Se acalme, se acalme. Não foi ela não. É um dom que ela tem. Não reclame não.” Ai, quando foi outro dia, de novo. E eu disse: “Eu vou!”. E o veinho. Ai eu disse: “Pedro, a comadre Laura disse que é para eu levar os meninos para eu dar bala. Eu vou mais os meninos”. E os meus meninos pequenos me puxando a saia dizendo: “Umbora mãe! Umbora.” Quando chegamos lá começaram de novo e eu aqui tornei a manifestar. Quando eu cheguei aqui ele (Pedro) já estava sabendo. Ai: “No dia que tu ir para essas coisas , tu vai ver”. Ai meu tio se levantou e bateu o dedinho assim na parede e disse: “De hoje em diante minha filha, só Jesus pode com a sua vida. Nada ruim vai te acompanhar nem atrapalha a tua casa, nem a tua família. Guarda na tua cabeça e lembra de Deus”. Ai eu fiquei com aquilo, né? Tio João, tio dele (Pedro) e tio meu veio praqui, mas ele ficou louco. Fugiu de casa e desapareceu. Nós saímos de Jaguarari, eu e o Pedro, para ir procurar ele.

PEDRO:

Fomos até o Flamengo andando na pista de pé. Chegamos em Jaguarari cinco da manhã e saímos caminhado. Quando passamos pela Baraúna ia saindo outro doido e ele falou: “Rapaz! Nós dormimos juntos e ele seguiu pra riba e eu vou seguindo para baixo”. Chegamos na casa do rapaz que eles dormiram. Ai: “Com certeza.” Pegamos a pista ai avistamos lá longe uma carreta parada, parece que tinha dado um problema e o motorista tava consertando. Ai passamos e nada. Pegamos o ônibus. Quando descemos do ônibus que olhamos pra trás lá vem ele com uma toalinha amarrada no pescoço. Falamos com ele ali, mas cadê que ele quis vim. Ficamos com ele de meio dia até uma hora dessa,

final da tarde, pelejando com ele, mas ele sem querer vim. Foi que a vereadora Cida e o João do Juvino arrumaram um caminhão e nós pegamos e jogamos ele dentro e trouxemos direto para o hospital. Ai ele teve uma melhora, ficou morando em Jaguarari e depois veio morar aqui. Ainda trabalhou um bocado de tempo mais nós indo para os lugares. Enquanto morava em Jaguarari ele se agonio e se picou no mudo. Ai eu e o Zé Bléo metemos os pés e fomos procurar ele. Ai fomos para o Uauá, porque tinha noticia que esse moço tava por lá. Chegamos lá com a identidade dele e mostrando o povo e diziam que ele tinha andado ali mesmo. “Esse moço tá aqui mesmo e ele tá morando numa ponte ali embaixo.” Quando a gente chega lá que pergunta o povo, disseram que não. Fomos na casa do delegado, naquele tempo o delegado de lá era o Pereira. Fomos lá, tomamos café na casa do delegado e viemos embora. Outro dia nós tamo aqui ai disseram que tinham enterrado um corpo lá na Massaroca. Nós pega a ex-mulher dele, os documentos dele e um cavador de cova, né? Chegamos no posto da delegacia que mostramos os documentos dele ao delegado, o delegado disse: “Não é ele não, quem morreu foi outro moço.” E nós pra trás. Ai ficou, ficou... eu tava trabalhando em Juazeiro, mês de novembro, eu cheguei aqui, peguei o jegue, botei a sela, fui até a Varge (porque disserem que ele tinha passado lá), pensei: “Eu de jegue, num é possível que eu não acompanhe”. Ai ficou, ficou... Ai uma irmã minha disse que tinham achado uma ossada numa serra dessas ai. Tudo indicava que era ele, né? Mas ninguém tinha a certeza. Ai ela pegou a ossada e enterrou. Eu fui também na Laje dos Negro, Borges, perto do Salitre, que ele tornou sair sem dar pista e eu procurei por ai tudo. E não achamos. A derradeira notícia foi de que minha irmã tinha achado essa ossada ai. Mas pelas informações que minha irmã deu era ele: a camisa vermelha e um camborãozinho que ele pegou na casa do Milton tavam no mesmo lugar da ossada.

É muita história, né? Mas ele era sabido, o veio. Mas ele nunca me ensinou oração nenhuma. Nunca me ensinou

reza nenhuma. Nunca me ensinou nada. Ele disse assim: “Fica minha filha, só Jesus pode contigo.” E eu não tenho medo dele, não tenho medo de morto. Visto morto, faço tudo. Alguém que já me ofendeu, perdoo, não tenho mágoa. Não guardo ódio de ninguém.

PEDRO:

Ele veio de São Paulo de pé praqui. Ele saiu daqui rapazinho novo, quando chegou foi um senhor velho já. Veio de pé. E ele dizia que nessa vida uma luz ia acompanhar ele. Ele viajava de dia e de noite pernoitava. E aquela luz acompanhando ele. Às vezes passava por lugar feio, em lugar bonito, outras vezes passava nos lugares e pedia serviço, trabalhava uma semana. Na hora que cismou de vim embora, veio mesmo. O homem morava nos Poços, lá embaixo. Ninguém sabia se tava vivo, se tava morto.

OS OLHOS D’ÁGUA DA SERRA E A MORTE DO RIO ESTIVA



Figura 20: Rio Estiva assassinado pelos poços ilegais (MARQUES, 2019).

PEDRO:

Água? Para o nosso consumo, para beber a gente pega ali no Olho D'água. Agora para lavar prato, lavar roupa é dali do poço. Por enquanto, agora tá caindo água. Antigamente tinha água ai em todo canto. Conheci muita minação de água aqui.

Vou começar daqui do Quererá, uma; Caiçara, duas; Olheiro, já vai três; Caititu, quatro; tinha a Lagoa, cinco; tinha o Junco, seis; tinha a Olaria, sete; aqui o Olho D'água (Amarelo), oito; outro olho d'água aqui atrás da serra que a água é vermelha também, nove; e hoje só o Olho D'água Amarelo tá vivo. O Caititu nunca tinha secado, as mulheres lavavam roupa lá. Tinha dia de ter dez, doze mulheres lavando roupa lá. Aí, veja! O Rio Estiva começava aqui nessa travessa do Popó. Aqui descia água direto desse brejo do Popó, cai na Cachoeira da Serra, forte, saia na baixa e ia sair na Juacema. Dá pra acreditar que tudo isso tá seco?!

Esse rio tá morto, não tem nada. Pode acender fogo em todo lugar dentro do Rio (risos). A não ser um cochinho desse povo que fura poço dentro das roças. Ai pode ser que tenha um pouquinho de água, mas negócio de minação, acabou. Num vê dizer que o povo dizia que no fim das eras o homem ia querer saber mais do que Deus e Ele ia mudar os tempos? E tá ai, o povo quer furar um poço e quer fazer de tudo. Ai Deus vai e: "Vocês querem aquilo ali eu faço outro". Pois é desse jeito. E o Rio da Estiva começa bem aqui. Da Olaria uma parte descamba pra um lado e outra pra outra um cai pra lá outro cai pra cá.



CAPÍTULO 4

4. Cartografía

4. Cartografia

4.1. AS FERIDAS DAS MONTANHAS: DESTRUIÇÃO DA CHAPADA DIAMANTINA PELA ATIVIDADE MINERADORA¹

Rio? É doce. A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse mais leve a carga...
Quantas toneladas exportamos de ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos sem berro?
(Drummond)

INTRODUÇÃO

O Brasil está entre os vinte países com maior área de montanhas do mundo (KAPOS, 2000). Estas regiões, além de serem espaços de interesses de diferentes grupos humanos, caracterizadas como a “caixa água” do Planeta, são grandes reservas minerais da natureza, objeto de disputas do Capital.

Um desses espaços montanhosos do Brasil é a região norte da Chapada Diamantina, parte de um conjunto de montanhas conhecido como Serra do Espinhaço, nome atribuído pelo geólogo alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege no século XIX. Localizado no Planalto Atlântico corta vários estados brasileiros entre os quais a Bahia e Minas Gerais. Essa espinha mineral, é a única cordilheira do Brasil e abriga grandes veias de drenagem de rios importantes como o São Francisco, Doce, Jequitinhonha, Itapicuru, entre outros.

Trata-se de uma região que, antes das incursões coloniais do século XVI, era habitada por diferentes povos indígenas, entre os quais os Paiaíá (Maracá). Com a chegada dos bandeirantes,

1. Texto escrito por Juracy Marques (Professor da UNEB) e Gustavo Hees de Negreiros (Doutor em Ciências Florestais e Professor Adjunto da UNIVASF, atual Presidente da Sociedade Brasileira de Ecologia Humana – SABEH e do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Itapicuru). Ele integra o livro “Mineração e Garimpos em Terras Tradicionalmente Ocupadas: Conflitos Sociais e Mobilizações Étnicas”, organizado pelo Professor Alfredo Wagner. Está disponível no site da Nova Cartografia Social da Amazônia.

aventureiros, judeus, cristãos-novos e os senhores de engenhos, toda a paisagem foi drasticamente modificada.

A ambição por riquezas minerais marcou a chegada dessas levas humanas exploradoras. As consequentes ocupações humanas de alguns locais da Chapada, sobretudo a partir da segunda metade do século XVI, com o sistema de sesmarias, fez surgir arraiais e povoações que giravam em torno das minas. Este fenômeno fez com que o Brasil, entre 1690 e 1770, se tornasse o maior fornecedor de ouro e diamante do mundo e, de 1705 a 1750, mais de 20.000 pessoas deixaram anualmente Portugal em busca do Brasil (BANDEIRA, 2014). Toda a região da Chapada Diamantina foi impactada por diferentes ações humanas, sobretudo, pela extração de minérios, intensificada no transcurso do século XVII.

As regiões onde foram descobertos diamantes, em pouco tempo, passou a ter mais de 33 mil habitantes, como foi o caso de Mucugê no ano de 1844 no centro da Chapada Diamantina. Foram tempos que marcaram a história do Brasil, a exemplo, a estruturação de grandes cidades, como Ouro Preto na porção sul da Serra do Espinhaço, maior conjunto barroco do Brasil que, em 1980, foi reconhecida pela UNESCO como patrimônio mundial da humanidade, onde se deu a luta pelo fim da exploração da Coroa Portuguesa e o consequente esquitejamento de Tiradentes, líder da revolução.

Em 1940 acabou o ciclo do diamante, iniciando-se um período crítico em toda a Chapada. Mucugê caiu de 28.000 (vinte e oito mil habitantes) para 450 moradores. Começa um período de intenso extrativismo vegetal em forma de biopirataria. Exauridos os veios auríferos e diamantíferos, as famílias residentes passaram a conviver em minifúndios cultivando cana-de-açúcar e outros produtos agrícolas para a subsistência (BANDEIRA, 2014). Entretanto, deixadas as feridas nesses locais, o Capital busca cavar novas feridas em outras partes da Chapada, uma das regiões com maior demanda para exploração mineral no Brasil.

AS SERRAS DA JACOBINA

Para Renato Bandeira (2014) a primeira exploração de ouro e diamante em território baiano aconteceu em 1700 e 1732, respectivamente, em Jacobina. Desde então, conforme comenta, quilômetros e quilômetros de serras foram vasculhadas.

Segundo Manuel Pinto (2000), no Brasil, as primeiras atividades de extração de minerais metálicos datam de 1590, ano em que foi descoberta a primeira mina de ouro onde hoje localiza-se o estado de São Paulo, entretanto, os primeiros registros de produção datam apenas de 1699, ano em que são enviados à Lisboa 725 kg deste material.

Outro marco importante foi a fundição de ferro, legalizada no ano de 1818, quando o Brasil já integrava o Reino Unido, nivelado politicamente à Portugal, exercendo sua primeira fase, supostamente, pós-colônia (RAMOS, 2000).

Não existem estudos que mensurem as consequências socioambientais das atividades de mineração desde a exploração do ouro e diamante nas primeiras décadas do século XVIII em nosso país.

A mineração é, sem soma de dúvida, a atividade com o maior passivo ambiental do Brasil. O rompimento da barragem de rejeito da mineração em Mariana, estado de Minas Gerais, é considerado o maior desastre ambiental do mundo nesse gênero, marcada pela banalização da vida humana e da natureza em detrimento de uma perversa proteção do aparato econômico representado pelo setor das mineradoras no mundo.

Casos como a destruição das nascentes do rio Itapicuru com exploração de esmeralda, base principal da nossa análise, com a possível contaminação por cianeto de algumas de suas nascentes (em Jacobina), ou mesmo a contaminação com ácido sulfúrico de um importante afluente do São Francisco (Riachos Santa Fé e Salupa, que deságuam no Açude de Pinhões), na cidade de Jaguarari-BA, em 2007, na área da Caraíba Metais, uma das maiores mineradoras de cobre do mundo, são minúsculos

problemas, da grave situação de impactos socioambientais negligenciados em nosso país. A atividade de mineração, traz um resquício das relações imperiais de subjugação da natureza e das pessoas pobres que vivem nesses espaços ambicionados antes, pela colônia, hoje, pelo capital internacional.

A Constituição Federal Brasileira de 1988 estabelece em seu artigo 20º, inciso IX, que os recursos minerais, inclusive os do subsolo, são bens da União. Esta caracterização anula todas as identidades humanas sobre o solo, homogeneizando-os como “superficiários”, detentores de direitos de uso da superfície que habitam. No atual governo, vemos a guerra declarada contra os territórios indígenas, intencionados para que sejam liberados para os exploradores minerais.

No caso específico da Bahia, em 2013, foi desdobrado o compartilhamento da gestão ambiental através do programa GAC (Gestão Ambiental Compartilhada). Com a Resolução CEPRAM nº 4.327/13, foi descentralizada a gestão pública do meio ambiente para os municípios, que podem se auto declarar capazes de realizar licenciamentos ambientais. Fato é que esta brecha serviu ao capital para, manobrando os sistemas políticos de pequenas cidades, conseguirem liberações para implantação das mineradoras. Por exemplo, no município de Jaguarari, em um ano, foram liberadas quase uma dezena de licença para exploração mineral, tendo, claramente, um jovem e desestruturado sistema municipal de meio ambiente.

Santos (2015), mostra que o Brasil destaca-se entre os primeiros países no ranking mundial das reservas de minerais metálicos, não-metálicos e energéticos, passando da 4ª colocação e 2006 para a 1ª em 2014, como o maior produtor mundial de chapas de granito, quartzitos e outras rochas abrasivas. Em 2015 o setor faturou US\$ 1.17 bilhões, exportando 9,5 milhões toneladas de rochas ornamentais para 120 países; sendo 80,6% destas vendas destinadas para EUA, China e Itália. Com estes números estratosféricos, graças a existência de 1.500 pedreiras “legalizadas”, o Brasil foi responsável por 7% da produção mundial (OLIVEIRA, 2017).

É nesse cenário que situamos as feridas causadas pelas mineradoras na Chapada Diamantina, destacando a destruição de uma de suas principais bacias hidrográficas, a do Rio Itapicuru, uma das “costelas” dessa bela “Serra do Espinhaço”.

Vale mencionar que estamos num cinturão de grandes mineradoras. Temos a Mineração Caraíba com a extração de cobre em Jaguarari, a Ferbasa² que atua na extração de cromita em Andorinha e Campo Formoso³, a Yamana Gold em Jacobina, grande exploradora de ouro, só para citarmos algumas. Por si só, esse aglomerado de grandes mineradoras nessa pequena região da Chapada, já caracteriza este espaço como área de grandes impactos socioambientais causados por esta constelação de mineradoras. Somos um corpo em chagas, adoecidos pelas grandes feridas escavadas no corpo da Terra.

AS FERIDAS DA BACIA DO RIO ITAPICURU

Grande parte do PIB mineral da Bahia, 4º maior estado mineral do Brasil, vem da bacia hidrográfica do Rio Itapicuru, região centro norte do Estado, no coração do Semiárido brasileiro. A atividade minerária acontece de diferentes formas ao longo da Bacia.



Figura 21: Destruição da nascente do Itapicuru (NEGREIROS, 2010)

2. Companhia de Ferro Ligas da Bahia.
3. Cidade conhecida pela intensa extração de calcário para fabricação de cimento e de esmeraldas.

Na parte central, há atividades minerais industriais nos municípios de Santa Luz e Nordestina, extraíndo cromita, ouro e diamante. A jazida de ouro de Santa Luz já foi da Vale e hoje está em reestruturação pela Leagold que pretende em breve retomar a extração. Junto com a mina, a Leagold assumiu a responsabilidade das duas barragens de rejeito mineral com grande risco potencial por estarem próximas às margens do Rio Itapicuru. O ouro de Santaluz induz também a atividade garimpeira na região que oscila de intensidade de acordo com os achados e as “fococas” que circulam na mídia local. Ainda em Santa Luz há também a extração de cromita pela Magnesita com suas atividades bem próximas ao núcleo urbano da cidade. Já em Nordestina a Lipari é a responsável pela maior extração de diamantes da América Latina em uma das regiões mais pobres da Bacia do Itapicuru.

Um pouco mais a noroeste na Serra de Andorinha, a Ferbasa extrai a cromita de minas subterrâneas utilizando a escassa água da região para a concentração do minério. A disputa pela água vem causando conflitos com os ribeirinhos e pequenos agricultores que fizeram com que a ANA (Agência Nacional de Águas) atuasse no controle do uso da água do principal açude da cidade e a Justiça Federal limitasse a outorga da empresa a 20% do total concedido.

Porém, o grande “filão” minerário da bacia do Rio Itapicuru está na Serra da Jacobina, Serra que corre de norte a sul na parte oeste da bacia e é conhecida como a “caixa d’água do Itapicuru”, já que é responsável por grande parte das nascentes do Rio. Ao sul da Serra da Jacobina a JMC Yamana Gold extrai 5% da produção brasileira de ouro bem próxima ao Parque Estadual das Sete Passagens. As explosões subterrâneas de suas escavações já são sentidas do outro lado do maciço da Serra, em comunidades tradicionais da região turística de Itaitu. A JMC Yamana Gold possui duas barragens de rejeito de grande risco de dano por estarem a montante do Rio, próximo a cidade de

Jacobina. É importante ressaltar, que apesar de todo o trabalho preventivo exercido pela empresa a barragem de rejeito da Yamana Gold em Jacobina é considerada uma das de maior risco na Bahia. Ainda em relação a Yamana Gold, existe um processo em andamento, movido pelo Ministério Público Estadual, sobre possíveis contaminações de cianeto nas águas que abastecem as comunidades vizinhas e na barragem que abastece parte da cidade de Jacobina. As investigações sobre a possível contaminação somente se iniciaram depois de mortandade de animais nas comunidades rurais vizinhas à empresa.

Ao norte de Jacobina, no município de Caém e Saúde há atividade garimpeira de ouro nas nascentes dos rios que drenam a Serra sem nenhum controle ambiental, o que vem cada vez mais comprometendo os mananciais hídricos da região. Além da atividade garimpeira há anúncios de jazidas sendo negociadas a grandes empresas para exploração, tanto do ouro como de silício e outros minerais.

Na parte central da Serra da Jacobina, no “pobre” município de Pindobaçu, se encontra a maior área de extração de esmeraldas do Brasil. Lá as maiores esmeraldas do mundo foram extraídas, inclusive aquela que foi assunto no programa do Fantástico (Rede Globo) por estar em disputa judicial nos Estados Unidos. Toda a extração de esmeraldas é feita em garimpos, em mais de 50 “cortes” espalhados pela vila da Carnaíba de Cima e seus arredores. Cada “corte”, buracos que podem chegar a mais de 300 metros de profundidade, se ramificam e se interligam no interior da Serra, drenando o lençol freático e contaminando com resíduos de explosivos e outras substâncias, as águas dos mananciais do Itapicuru Açu, que abastece mais de 300.000 pessoas da região. Os donos dos “cortes”, geralmente pessoas influentes na região, empregam garimpeiros que trabalham no interior dos buracos, que ao jogarem seus rejeitos nas encostas da Serra atraem um exército de famílias, mulheres e crianças e que garimpam nestes rejeitos procurando as menores esmeraldas,

não coletadas no interior dos cortes. Paralelo à extração de esmeraldas vem ainda à extração do molibdênio, feita de forma artesanal com grandes riscos à saúde de quem a faz, e gerando resíduos tóxicos que são quase em sua totalidade despejados nos mananciais do Itapicuru Açu.

Um pouco mais ao norte da Serra da Jacobina, no município de Campo Formoso, há também a extração de cromo, calcário e também de esmeraldas. Nesta parte da Serra há várias cavas abandonadas, sem nenhum programa de recuperação aparente sendo realizada e sem a devida atenção ambiental, criando grandes riscos a população local. O calcário, extraído da parte oeste da Serra alimenta a indústria de cimento de Campo Formoso, a Intercement, que é uma multinacional do ramo. As esmeraldas de Campo Formoso são extraídas no garimpo de Socotó mais ao norte do município, na vertente oeste da Serra. Porém, o município que é conhecido pelo seu intenso comércio de pedras, principalmente esmeraldas, comercializa além das esmeraldas de Socotó, grande parte das esmeraldas oriundas do município vizinho, Pindobaçu sem grande controle e sem deixar grande parte dos impostos e contribuições que deveriam. Há informações por exemplo, de que a esmeralda bilionária hoje em disputa nos estados unidos saiu de Campo Formoso por míseros R\$ 50.000,00, nem mesmo desde valor há notícias do recolhimento da CFEM (Contribuição Financeira por Exploração Mineral), que segundo a ANM é isenta no garimpo porém deveria ser recolhida na primeira comercialização.

Ainda na Serra da Jacobina, um pouco mais ao norte, há pequenos pontos de garimpo de ouro registrados nos municípios de Senhor do Bonfim e Jaguarari. Porém o que vem mais preocupando a população destes municípios, principalmente as comunidades que habitam a Serra, são os recentes anúncios das empresas de mineração que estão se instalando para explorar o manganês e o ferro, também existentes no subsolo da região.

Estes são empreendimentos minerais que acontecem dentro da Bacia Hidrográfica do Rio Itapicuru. Ao redor da Bacia, principalmente na parte alta e média da mesma, há ainda outros grandes empreendimentos em andamento, outros em construção, e outros em planejamento. Enquanto as comunidades ao redor destes empreendimentos sofrem os efeitos negativos os mesmos, e continuam esperançosos em vivenciar os benefícios dos mesmos, o Estado se vangloria da intensa atividade mineral e promete ainda mais para a região. Este boom da atividade minerária na região tem feito aumentar o número de conflitos rurais relacionados, como muito claramente aponta o relatório de Conflitos no Campo da Comissão Pastoral da Terra de 2018 (CANUTO, 2019).

Diante deste futuro preocupante, principalmente para a Serra da Jacobina, há iniciativas de ordenamento do uso do solo e controle das atividades minerais exercidas na região, como a proposta de criação da Área de Proteção das Nascentes do Itapicuru, iniciativa do Coletivo de Entidades do Itapicuru para preservar as áreas de florestadas da Caixa D'água deste Rio.

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Renato Luís. Chapada Diamantina: História, Riquezas e Encantos. Salvador: 2014.

CANUTO, A.; LUZ, C.R.S.; SANTOS, P.C.M. Conflitos no Campo: Brasil 2018. Centro de Documentação Don Tomás Balduino. Goiania, GO. CPT Nacional. 2019.

KAPOS, V.; RHIND, J.; EDWARDS, M.; PRICE, M.F.; RAVILIOUS, C. Defining mountain regions. 2000. In: UNEPWCMC (World Conservation Monitoring Centre), 2002: Mountain Watch: environmental change & sustainable development in mountains. Cambridge, UK. Disponível em: <www.unepwcmc.org/mountains/>

mountain_watch/pdfs/>. Acesso em: 17 ago. 2010.

OLIVEIRA, Fátima Cristina da Silva. **Exploração Mineral, Sítios Arqueológicos e Questões Socioambientais em Boquira BA – Desafios e Alternativas para a Gestão Municipal**. Juazeiro, 2017. Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental.

PINTO, Manuel. **Aspectos da História da Mineração no Brasil Colonial**. Em LINS et al. Brasil 500 anos – A construção do Brasil e da América Latina pela mineração. P. 27-44. CETEM/MCT. Rio de Janeiro, 2000.

RAMOS, José Raymundo. **Mineração no Brasil Pós-colônia**. Em LINS et al. Brasil 500 anos – A construção do Brasil e da América Latina pela mineração. P. 59-64. CETEM/MCT. Rio de Janeiro, 2000.

SANTOS, Rodrigo Conceição. Brasil lidera fornecimento de rochas ornamentais. Revista Manutenção e Tecnologia, Edição 189, 02 de Abril de 2015. Link: http://www.revistamt.com.br/index.php?option=com_contenido&task=viewMateria&id=2088

A photograph of a stone wall built on a rocky, sloping hillside. The wall is constructed from irregular, greyish-brown stones. The ground in the foreground is covered with loose rocks and some small green plants. The background shows more of the hillside with sparse trees and bushes.

CAPÍTULO 5

5. Narrativas da Comunidade III

5. Narrativas da Comunidade III

5.1. SEO MIGUEL



Figura 22: Seo Miguel (BRUNA, 2020)

O meu nome é Miguel Serafim de Araújo. No 15 de agosto completei 87 anos. No dia 22 de setembro completei 60 anos de casado. Fiz um aniversário só: de idade e de casamento. Eu sempre faço aniversário de idade, mas quis incluir um com o outro, mas achei ruim, não gostei não, porque eu queria casar e a noiva me injeitou, não quis. Eu fazia tudo. Adulei, adulei para nós casar e não quis. Deu a testa e disse que não casava nem amarrada. E eu disse: agora lascou. Porque eu queria deixar pra história, né!? Porque aqui ninguém nunca casou com uma idade dessa. E eu queria deixar na história, mas ela não quis. Aí continuo solteiro.

Fiz lá um churrasco, fiz uns carneiros no buraco e juntou um bando de gente. Já viu cozinhar um carneiro enterrado? Eu

aprendi com os gaúchos lá enterrando os carneiros. Eu tomei nota de tudinho e falei: vou fazer um teste. Deu certinho. Ainda domingo passado, nós fizemos um aqui. Tinha uma turma trabalhando ai na creche e eu prometi ao meu afilhado que dava o almoço. E ai matei um carneiro e tá na história ai. Muita gente disse que nunca tinha visto. Amélia disse que tá com 83 anos e nunca tinha visto uma coisa daquela.

Aqui tenho um apelido, é Dichia. Quase todo mundo aqui só me chama de Dichia. Os netos tudo é: Vô Dichia. Eu não sei o que significa não. Inventaram ai. A minha mulher se chama Maria da Glória Gonçalves de Araújo e chamam de Goiô. O apelido é Goiô. É Glória e só tratam Goiô. Ninguém sabe da onde vem esse apelido de Goiô. Botaram desde pequena. Conheci ela desde novinha com esse apelido de Goiô. Goiô, Goiô, Goiô e por Goiô vai morrer. Ela tá para o Salvador, foi fazer um exame. Só vem lá para terça-feira.

Estou aqui tem pouco tempo, porque aqui é a casa do meu filho. A casa que eu morava era ali embaixo. Ai me mudei lá para o Mucambo. Já ouviu falar do Mucambo? Depois do Sítio do Meio, na Baixa dos Carneiros. Meu avô chamava Antônio Carneiro. Aí ficou a gente chamando a Baixa dos Carneiros.

É! O que eu alcancei aqui, da Serra de Baixo, é que ali era de Campo Formoso. Ali foi uma combina¹ dos Prefeitos. Quando Santana (então prefeito de Campo Formoso) combinou com Edilberto que era prefeito de lá (Jaguarari). Que lá era esquecido também. Aí ele combinou para beneficiar lá e ele aqui. Porque lá ficava mais perto de Jaguarari. Não tinha energia aqui, não tinha estrada, não tinha nada. Não tinha prédio, não tinha creche, não tinha nada. Era tudo isolado. A gente andava nas veredas. Daqui para Jaguarari de pé, montado num jeguinho. Nós morava numa baixa que tem alí, a Baixa dos Carneiros. E aqui (Serra de Cima) moravam os mais

1. Há coincidência nas gestões dos dois prefeitos citados, José Joaquim de Santana (Campo Formoso) e Edilberto Nunes de Sá (Jaguarari) no período entre 1997 e 2000.

velhos. Os pais dessas meninas ai (apontando para Conceição), tudo numas casinhas de taipa. Não tinha casa de bloco, nem rebocada, nem nada. Era tudo de barro. Umas cobertas de palha, outras de telha. Os mais velhos foram criados todos aqui e criaram suas famílias tudo aqui. Aqui na Serra da Berinjela e na Serra de Baixo.

Agora é ai que eu não estou sabendo em que ano foi. Porque foi no tempo que o Santana foi prefeito, doutor Santana lá em Campo Formoso. E em Jaguarari Doutor Edilberto. Ai fez prédio aqui, que ainda hoje tem, fez a creche, botou professora, minha mulher trabalhou de merendeira. Fez casa de farinha, botou motor, tanto aqui quanto lá embaixo onde nós morava. Antes nós puxava no braço, pra ralar mandioca, para fazer farinha, nós puxava no braço. Aí ele foi que nos deu o motor para ralar a mandioca, deu pedra de forno, deu tudo. Ainda hoje tem que ir e lá no Mucambo ele deu também, mas para levar para cima da Serra e lá roubaram o motor, acabou em nada.

E os mais velhos era tudo numas casinhas velhas de taipa, de Barro feita de varinha. A gente ia fazer uma taipa de casa era muito animado, era batendo pandeiro, era uns cantando outros cortando barro. Ai tapava tudo, tapava aquelas paredes tudo envaradinha de cipó. Aí a gente tapava aquelas paredes tudo de barro. Ai o barbeiro tomava conta. Já viu falar no barbeiro? É um besouro que se arrancha nas paredes. Se ele picar a pessoa, pela picada dele não dá nada, mas se ele deixar as fezes vai direito ao coração.

Aqui não tinha esse negócio não. Os ricos daqui, as famílias morreram tudo de barbeiro. Morando em casa de palha, como foi o caso do Véio Raul e o Vavá². Era tudo em casa de palha. E ai o barbeiro se arrancha ai e não teve um que ficasse velho. Nem os pais, nem os filhos, morreram tudo novo.

2. Irmãos do primeiro Governador da Bahia José Gonçalves.

SERRA DE CIMA

Eu conheci aqui como Berinjela, Serra da Berinjela. Porque aqui tinha uma fruta, nessa serra, que acabou, que ela botava uma fruta grande assim da folha larga, que botava umas frutonas, assim, imitando garampiola. E aí chamava de berinjela. E por isso botaram o nome aqui de Berinjela. Eu conheci aqui por Berinjela e depois que mudaram, ficou Serra de Cima. Por causa da Serra de Baixo, a Serra de Cima. Porque lá também é Serra, aí tratam lá de Serra de Baixo e aqui Serra de Cima. Eu sempre morei na Baixa dos Carneiro e agora eu fico aqui mais meu menino, que ele mora só. E lá ainda tem a casa, mas tá uma casa velha estragada já. O nome do meu filho é Antônio Jorge.

Os primeiros moradores eram o finado Zé Lino, Véio, o Priciano, Martilino. Era esse povo os mais velhos. Teve deles que veio até do Ceará.

Meu pai era daqui mesmo. O nome dele é Manoel Antônio de Araújo e da mãe Josefa Maria de Araújo. Nasceram aqui na Baixa dos Carneiros. Papai era Manoel, mas tratava pelo apelido de Neco e mamãe de Mocinha. Morreu de idade, mas era Mocinha ainda. Morreu Mocinha. Eram todos dois brancos. Tanto o pai como a mãe eram todos dois brancos. E a família toda branca.

OS NEGROS E OS ÍNDIOS

Aqui tinha uns que eles tratavam de nego. Ainda hoje tem. Tem o Nego do João Mocó, que mora ali perto.

Lá nos Carneiros tinha a família do João Cândido, do Antônio Mariano, do meu tio Zezinho, do meu tio Chico, Francisco, tratava de Chico. E era o Chico da Chiquinha. Porque o apelido dele era Chico e ela Chiquinha. E aí a gente dizia o Chico da Chiquinha. Um Francisco e outra Francisca. E aí tratava um de Chico e a outra Chiquinha.

Uma parte morreu e outra foi para o Rio. Mora mais é no Rio de Janeiro. Eu tenho uns filhos que moram lá. Umas cunhadas. Até tem duas cunhada aí, mais nós. Elas vieram e só vão embora em Janeiro.

OS GONÇALVES

Tem o Raul Gonçalves, tinha o Vavá Gonçalves, que eram esses que eu disse que morreram de barbeiro morando em rancho de palha. Na Varge tinha o Júlio Gonçalves, tudo rico. Tudo rico. Porque o pai deles era governador. O José Gonçalves. Ele veio de Salvador fugido. Trouxeram ele dentro de uma caixa de sabão. Eu não sei o que foi que ele pintou, sei que trouxeram ele dentro de uma caixa de sabão. E ele ficou morando numa fazenda aqui chamada Piabas e morreu ai. Era rico rico. Governador. Eu não conheci ele não. O finado Vavá era cego e trabalhava campo (vaqueiro). Andava no mato mais os outros. Ele andava mais os vaqueiros assim, ai o vaqueiro botava a reis para o lado dele, ai onde ele botava a mão segurava. Em qualquer lugar que ele pegasse, segurava. Tinha muita força.

A VIDA AQUI

Eu mesmo vivia da roça. Meus pais, tudo trabalhando roça plantando feijão, milho, mandioca, café, fruteira, jaqueira. Ainda hoje tem as jaqueiras grandes. Era do que a gente vivia.

Levava para vender em Jaguarari, nas costas de um jeguinho, quando não era na cabeça. Levava e trazia a feira. Daqui para Jaguarari. E era numas veredas, não tinha negócio de estrada não. Era dentro do mato ai. Não tinha descoberta não. Tô lhe dizendo que descobriram aqui depois de Doutor Santana, que foi prefeito e o Edilberto, que foi que tiraram rodagem, foi que fizeram tudo. Mas aqui na Serra era com um jumentinho na frente enganchando de um lado e doutro, nos matos. E a maior

parte das mulheres todas com um cesto na cabeça com a feira. De lá de Jaguarari praqui. Por essa estrada que dá no Catuaba, onde tem a rodagem. E agora os do Covão iam por lá.

RELIGIÃO

Agora sou católico! Todo vida! Não quero negócio com crente não! Tinha Candombré aqui, tinha. Batiam uns Candombré ai. Apareciam umas coisas ai. Agora eu não sei nem como era que brincavam aquele negócio.

NEGO JORGE E A JOVEM LUZIA

O apelido dele é Nego Jorge. Todo mundo só conhece como Nêgo Jorge. O porquê eu vou lhe contar: quando ele era pequeno era magrinho, compridinho, cabelinho arrepiado assim pra riba. Aí eu encostei ele numa panela engordurada, peguei aquele carvão e grozei nele todinho, mas ficou um negrinho bonitinho, só ficou os zoinho bulino assim. Mas ficou pretinho alumindo. Eh que ainda hoje a mãe briga dessa armada e ela ter trabalho de limpar ele. Ele achou a coisa mais bonita. Ele se olhou no espelho e achou a coisa mais bonita e agora desse dia em diante a gente dizia: Jorge. E ele dizia: “Jorge não! Nego Jorge!” Ele mesmo. Ai todo mundo dizia: “Jorginho.” Ele: “Jorginho não! Nego Jorge!” Ai por isso todo mundo chama de Negão. Só conhece ele mais por Negão, na rua, em todo lugar. Às vezes chegam as encomendas dele aí, que ele vende umas besteiras ai. Ai chega tudo pelo nome: Negão³.

Ele já nasceu lá, mas era lá e cá. Eu tinha uma menina, a irmã dele, a Luizinha, e essa aí é que é uma história bonita. Já teve a história do Negão, agora é da Luizinha, que é Luzia Gonçalves de Araújo, morreu com dezoito anos. Nunca comeu, nunca bebeu, nunca sentou e nunca levantou. Ou eu ou a mãe,

3. Jorge (Negão) tem 54 anos e é vendedor.

deitasse ela não sentava, se sentasse ela não deitava. Se você colocasse a água ela bebia, se você colocasse a comida ela comia, mas não fazia senão nenhum. Era ou eu ou a mãe. Viveu dezoito anos. Ficou mocinha, ai com dezoito anos ela faleceu. Por isso eu digo: nunca comeu, nunca deitou, tudo era eu ou a mãe. Nós é que chegava naquela hora de dar uma merenda, de sentar ela, de deitar. Agora tinha uma coisa que ela fazia que ninguém faz: balançar uma rede sem tocar em nada. Muitas vezes eu chegava assim, ela tava, e eu pegava no punho da rede para não virar a boca da rede. Ela fazia com as perninhas, eu não sei como era. Eu não sei aquele jeito que ela fazia com as perninhas. Dava um trabalho danado para voltar. E a rede desandava mesmo que ficava em tempo de virar a boca para baixo. Eu já me bati, pelejei e não faço. Uma história dessa é bonita, né!?

ENGENHO

Engenho, teve. Aqui nessa baixada que hoje é do Popó. Tinha um engenho ai do finado Eduardo. Fazia rapadura, mel. Nesse tempo celebrava missa ai e trazia de Campo Formoso montado nuns cavalos, o padre para celebrar a missa. Rico. E aí, por causa de palavra, ele, que tinha uns cavalos muito bonitos, chegava na estrada de Jaguarari que acompanhava um povo tocando uma carguinha ele dizia: “arreda a pobreza para a riqueza passar.” “Esse veio Eduardo, dizem, que ele pegava um saco com comida e saía derramando no chão e dizendo: come pobreza! Come pobreza!” Mas veja! Foi indo, foi indo, foi indo e acabou o engenho ai. Né?!

Muita gente trabalhava com ele. Era dos mais velhos que trabalhava aí. Eu não me lembro. Eu alcancei ele, mas alcancei ele já pobrezinho, morreu pedindo esmola, na maior pobreza. Por causa da ignorância. Tinha outra família aqui da Serra de Juacema para a Serra de Baixo, outra família rica. Aí, o seu João,

4. Fala de Conceição.

tratavam João do ouro. Ele vinha com uma espingarda, era tempo de novena lá em Juacema, aí uma mulher tava pedindo uns dinheirinhos para fazer as novenas, ai encontrou ela, que vinha com a espingarda, na frente da igreja. Aí ela disse: “João! Eu estou arrecadando um dinheirinho. Tu vai dá quanto para nós fazer a novena de Nossa Senhora?” Ai ele disse: “O que eu tenho para Nossa Senhora é isso: desceu com a espingarda e atirou na porta. Até pouco tempo a porta ainda tava lá arrombada. Foi nada não! Começou a crescer os pés, as mãos, ficou todo deformado. Não fazia nada. Foi crescendo todo desmantelado. Ai tinha os outros irmãos: o Antônio, o Bernardino, ali a elite. A riqueza que eles tinham, o Bernardino era juiz, era tudo rico. Aí eu sei que um deles (um do Lazão) falou que a riqueza que eles tinham nem Deus acabava. Foi outro que morreu, o derradeiro morreu pedindo esmola, pedindo um quilo de carne a um e outro que vendia carne porque não podia comprar. Num era pedindo esmola? Por isso eu digo: orgulho não pode ter não! “Dona Elisa não falou que a avó dela foi pegada a dente de cachorro?”⁵ “Ainda era desse povo nosso, nera!? Era tia Dora, num sei como era, nera!?”⁶ Era uma Tia Dora mesmo. Agora eu não alcancei esse povo não, mas ainda hoje. Aqui tem deles (índios). Andaram muito lá no Sítio do Meio, no Oliveira. Ainda hoje tem escrituras deles nas pedras (pinturas rupestres). Agora ninguém discrimina. Lá no Mucambo mesmo tem um retrato da mão de uma índia direitinho. Dizem que não se sabe se era de uma índia ou de um índio, mas era de uma índia, não era de macho não (risos). Lá na nossa fazenda tem umas pedras e o jeitão deles dormirem.

LAMPIÃO

Lampião passou aqui. Aqui era caminho do Lampião. Lampião passou muitas vezes aqui. A história do José Gonçalves:

5. Fala de Negão.

6. Fala de Conceição.

eles (bando de Lampião) vinham aqui, lá nas Piabas, sabiam que ele era rico, aí o finado Eduardo, o dono do engenho, e ele vinham montados, mas a estrada era fazendo voltas, e ai quando Lampião passou, o finado Eduardo marcou por uma vareda aqui por cima do morro, e ai quando chegou lá não dizia Lampião não, só dizia: “O pião vem ai! O pião! O pião vem aí!” Em tempo de cair da carreira que ele deu. Ai foi que pegaram a sacola do dinheiro e esconderam tudo. Ele foi se esconder em cima da Serra por debaixo das folhas e quando acabou se enterrou. Sei que ele não dizia: “O Lampião vem aí”! Dizia: “O pião vem ai!” (risos). Andaram tudo por aqui. O Corisco andou também por aqui. Um compadre meu, João Biana, ele era um rapaz novo e andava no mato mais outro. O outro chamava Gilson. Aí encontraram um cabra do Corisco. Ai disse: “Vocês vão por aqui. Ele queria levar até onde estava o bando deles. Compadre João era uma rapaz baixo e forte, ai Corisco deu de olho para outro cabra e botou um na frente e o outro atrás. Compadre João piscava o olho para o Gilson e o Gilson era franzininho. Ai compadre João deu em cima do cabra todo equipado, mas compadre João era forte, sentou em cima, puxou o punhal dele mesmo, mas batia o punhal e não furava de jeito nenhum, porque era encantado. E o outro deu um corte na cara dele com um facãozinho velho. E aí foi que pegaram o sangue e jogaram nele e ele desencantou. Ai foi que o punhal entrou e aí mataram. João Biano. É meu compadre. Todo mundo tinha medo do João Biano.

Uma vez andava uns caras procurando ele lá, mas tinha o Mané do Jovem que era sabido, aí o Mané do Jovem ideiou eles lá que ficaram doidos sem saber onde andavam mais. Porque o Compadre João veio morar uns dias aqui. Ele pediu a minha casa aqui na Baixa, eu tava morando no Mucambo, e ele passou uns dias aí com medo deles (os cabras do Corisco) irem visitar ele lá. O João Biano, foi quem matou o cara dele, quem matou o Corisco. Ele era daqui da Massaroca, era desses lugar praqui, Massaroca ou era Bom Despacho, um desses lugares ai.

REISADO

Reis? Oxente! Fizemos muito. Eu participava e batia palmas e dançava. Ainda hoje, se eu entrar num forró e tiver umas mulher boa, nós dança a noite todinha. Minha mulher dançava, deixou. Agora eu ainda danço. Ainda ontem assisti um Samba de Palmas lá no Catuaba. Fui para a cavalgada e cheguei aqui ontem de noite, montado no cavalo. A cavalgada foi de Jaguarari para o Catuaba, passando pelo Posto Alvorada, naquele mundo.

AS NASCENTES

Tem o Olho D'água Amarelo, o Olho D'água do Quererá, o Olho D'água da Caiçara, o Olho D'água do Caititu, o o Olho D'água do Peri, o Olho D'água... num sei da onde mais, meu Deus! Tinha tanto Olho D'água aqui. Tem de água amarela e tem de água branca. Tem uns que ainda tem água, mas tem outros que secou. O Olho D'água do Quererá, tem o Olho D'água da Caiçara que secou. E outros devido as chuvas, tanto tempo sem chover, né!? O Olho D'água Amarelo ainda tem água, mas os outros parece que não.

FAUNA

Aqui era cheio de caititu, peba, tatu verdadeiro, tatuí, merim, cangambá, saruê... tudo isso era caça. Tinha veado, que até hoje tem. Tinha papa-mel também.

5.2. ANTÔNIO GOMES DA SILVA (TONHO BÃO) E MARIA LEITE DA SILVA



Figura 23: Tonho Bão e Maria Leite (BRUNA, 2020)

TONHO BÃO:

Meu nome é Antônio Gomes da Silva. Tonho Bão. Porque meu avô chamava Zé Bão e a minha avó chamava Joana, pela parte de mãe, sabe? E aí a gente ficou, somos em oito irmãos. Tem eu, o Pedro Bão e o Raimundo Bão, mas o povo chama aqui mais eu de Bão. Sou conhecido como Antônio Bão.

Os meus pais não moravam aqui não. Meu pai é de Curaçá. Você já ouviu falar de Curaçá? Ele nasceu em Curaçá e depois de grande, depois dos dezoito a vinte anos ele veio embora para aqui, para essa região. Aí ficou por aqui um bom tempo. Em quase todo lugar por aqui ele morou, mas veio se acabar na Serra de Baixo, na casa da Galega. Mas os meus avós, por parte de mãe moravam ali pro lado do Carrossel, Senhor do Bonfim. Mas aí com um tempo eles foram embora para um lugar que chama Borges, depois de Laje dos Negros, Campo Formoso. Aí

meu pai ficou por aqui esse tempo, depois se casou. A primeira mulher dele faleceu e depois ele se casou com minha mãe e aí morou num lugarzinho chamado Poços, a maior parte de nós nasceu lá, no lugar chamado Poços. Mas não é nos Poços de Campo Formoso não. É um lugar aqui na roça. E aí a gente se criou por aí, depois ficou todo mundo grande e começou a ficar velho e teve uma confusão muito grande com um terreno lá que ele morava. Na verdade a gente trabalhava como empregado, num sabe? Mas naquele tempo não era como hoje, você fazia uma roça em qualquer lugar. Você chegava assim e em qualquer lugar você fazia uma roça, plantava o seu feijão, o seu milho e ninguém lhe incomodava, mas depois, com um bom tempo, o dono da fazenda resolveu tirar nós da fazenda, né? Aí a gente entrou na justiça com um advogado de Campo Formoso. Para encurtar a história, para encurtar a conversa, na semana que a gente saiu de lá eles tocaram fogo no rancho da gente lá. Ainda tinha bastante coisa dentro de casa lá.

Eu tinha uma roça muito boa de feijão, de milho e eles queimaram a cerca todinha e os bichos tomaram conta de tudo. Aí meu pai saiu de lá e veio embora aqui para o Campo Redondo, aqui junto de Jaguarari, lá depois do cemitério. E aí depois ficou trabalhando um bom tempo com o finado Tenório. Gente boa ali, morreu, mas morreu um homem. Aí meu pai ficou trabalhando mais ele e eu também trabalhei um tempo mais eles, até que meu pai foi adoecendo e pegou e veio embora para a Serra de Baixo e acabou-se aí na Serra de Baixo.

A gente morava lá na roça, mas a gente foi crescendo, foi ficando um rapazinho e com um negócio de andar montada a cavalo, né? E eu tinha um cavalo bom de sela e dia de domingo vinha praqui. A única diversão que tinha era aqui na Serra, né? Aí eu vinha praqui dia de domingo e assistia os jogos de bola, se tinha festa a gente vinha para a festa e aí, com um bom tempo, foi indo e resolvemos a se casar, né?

MARIA LEITE:

Eu sou Maria Leite da Silva, esposa de Tonho Bão e mãe da Marli, que mora na Serra de Baixo, esposa de Jailson. Nós somos um casal bonito (risos). Oh casal bonito! Deixa eu te mostrar as fotos do dia em que nós casamos. Repara se parece com ele, né? Essa semana eu ri com os meus netos dizendo: “Oh vó! Como era que fazia para tirar uma foto dessas?” Chamava binóculos. (risos).



Figura 24: Equipe da Cartografia com o Casal (BRUNA, 2020)

TONHO BÃO:

Antigamente os retratos eram desse jeito ai. Não tinha retratista como hoje não, né? Ai chama é binóculo. São fotos do tempo que nós casamos? Nos casamos no dia vinte e nove de outubro de setenta e quatro. Tem uns quarenta e cinco anos, né?

Meus pais nasceram aqui. Eu nasci Aqui. Nasci aqui e nunca sai daqui não. Já tô com sessenta e dois anos. Minha mãe

Eva Maria de Jesus e meu pai José Leite. Nasceram aqui na Serra de Cima. O meu avô era João Pedro.

Temos seis filhos. Mas cada quem pegou seu rumo, quem mora mais perto de nós é a Marli, ali na Serra de Baixo. A gente só não mora só porque a gente tem um filha que morava no Brejo de Campo Formoso para lá, ai se separou e tá com oito meses que tá com a gente. Temos três netos, filhos dela. Eles tão trabalhando para criar a mãe. A caçula tá com vinte e dois anos. São trabalhadores, uma mora em Salvador, já tem esposo, mas trabalha lá e o rapaz trabalha lá também e a outra trabalha em Campo Formos. Aí eles é quem ajudam a mãe. Mandam roupas pra Maíinha e é um xodó com a Maíinha. E aí ficam conversando pela internet. A de Salvador disse: “Maíinha, veja aqui se dessa sandália mainha gostou.” Ai mostrou e ela: “Gostoi.” “Vou mandar para a senhora” (risos).

TONHO BÃO:

Rapaz, a nossa renda, hoje, é fraca. Tem ai uns quatro pesinhos de café, tem uns dez pesinhos de andu! E assim a gente leva!

MARIA LEITE:

Eu sou aposentada, só que ele não é não. Ai eu tenho vergonha de dizer, eu recebo seiscentos e cinquenta porque tenho um empréstimo. Vai fazer oito anos que eu aposentei e ele ainda não é aposentado não. E o meu é pra fazer tudo: a conta de luz vem sessenta e cinco, aí tem o telefone que a conta vem sessenta e seis. Aí agora a menina botou internet, que eu não sei para onde vai esse negócio ai (risos), mas eu paguei e o menino dela me pagou. Aí a gente pago um plano funerário e pago o Sindicato. E ai, quando eu paga isso tudo, só dá duas feira pura. Ai a gente tem uns filhos que sempre ajudam a gente. Enquanto

ele não aposentar!

Eu sei que também nós sofremos muito assim: nós ia catar licuri, um grupo de mocinhas de 13 anos, na Lagoa dos Peixes. A gente saía daqui pra ir catar licuri de cama no mato. Ai a gente levava aqueles sacos de estopa, catava aqui licuri, enchia os sacos, amarrava, botava na cabeça lá e trazia pra cá para quebrar para, dali, a gente ir vender para poder comprar a sandália e a roupa. A plana também. A gente cansou de ir para o mato com a mãe, eu e meu irmão. Plana é um pé de árvore que tem as varas bem certinha, ai a raspa dela, que é bem amarelinha, pesadinha e fofinha é pra botar em cangalha. Aí a gente raspava lá no mato e aquela lá mãe vendia. Ai já era pra ajudar. Ali ela vendia e ajudava a sustentar nós. Fazia dinheiro dela.

TONHO BÃO:

Eu trabalhei muito tempo em firma. Comecei a trabalhar em firma em 77. Eu sou carpinteiro. Comecei como ajudante e pouco tempo fui classificado como carpinteiro e ainda hoje trabalho de carpinteiro. Mas só que os tempos não deu para concluir os papéis para aposentadoria, né? Aí juntei agora os tempos da carteira com a idade e dei entrada. Estou esperando agora em novembro o que vão me dizer, se aprovado ou se não vem, mas pelo que o pessoal me disse vão aprovar porque o que eles me pediram, eu entreguei todos os documentos. E ai eu tô na fé que, se Deus ajudar, vai da certo.

Hoje estou com 65 anos, fiz agora dia seis de agosto. Mas quando a gente se casou eu tinha vinte anos e ela tinha dezessete, era tudo novinho. Mas, graças a Deus, casamos e até hoje estamos juntos, nos demos muito bem até hoje. Trabalhei muitos tempos por fora. Vezes de eu passar oito, dez meses, até um ano fora de casa. Aqui na Bahia não tem uma cidade para eu não conhecer e em São Paulo eu dei umas dez viagens. Conheço uma boa parte de Pernambuco, Alagoas, Barreiras, Botirama...

conheço tudo isso ai. E era eu trabalhando fora e ela em casa com os meninos e todo mês eu mandava um dinheirinho pra casa, né? E ai chegou o tempo que faltou emprego e acabou tudo e eu tô por aqui esses tempos. Dei entrada nos papeis da aposentadoria, mas agora as coisas estão mais difíceis, dizem que o resultado só vem depois de três meses de ter dado entrada e eu dei entrado no dia doze de agosto, né? Ai só vou ter o resultado!

SERRA DE CIMA

TONHO BÃO:

Aqui antes, e ainda hoje, é conhecida como Serra da Berinjela. Para diferenciar da Serra de Baixo, ai botou esse nome de Serra de Cima, né? Mas antes aqui era conhecida como Berinjela. Agora eu não sei dizer se era porque o pessoal plantava berinjela aqui ou se tinha alguma família aqui que pertencia ao nome Berinjela. O nome da Serra é Serra dos Morgados, porque tinha uma família, que por sinal a roça deles é ali nos Pilão, que era do Senhorzinho Morgado. Ele morava em Jaguarari, foi criado nas caatingas pra lá e tinha essa roça ai. E aí ficou conhecido como Serra dos Morgados, justamente por conta dessa família dos Morgados. E esse negócio de Berinjela foi um apelido que botaram para diferenciar, num sabe? E hoje é conhecido como Serra de Cima, em qualquer lugar que você andar.

Nos papel de água e luz⁷ antes vinha como Serra dos Morgados, mas hoje tá vindo como Campo Formoso e Jaguarari, porque uma boa parte aqui é Campo Formoso. Bem ali na padaria de Regis é a extrema: pra cá é Campo Formoso, pra lá é Jaguarari. E ai os documentos, quem faz, se for de Campo Formoso vem de Campo Formoso, se for de Jaguarari, vem com o nome de Jaguarari. Aqui o endereço de água e de luz vem como Berinjela.

7. Vale ressaltar que nos comprovantes de água e luz a descrição que consta é Serra da Berinjela.

OS PRIMEIROS MORADORES

TONHO BÃO:

Os primeiros moradores daqui foram os avós dela (referindo-se aos avós de Maria). O que eu ouvi falar é que foram os avós dela. O Euzébio e o pessoal que morava acolá do outro lado, que eram os avós da Conceição, que chamava Raimundo, esse era Pernambucano. Eram os primeiros moradores que começaram a morar aqui na Serra.

O trabalho deles, nessa época, era com madeira. Tirando madeira nessas matas e vendendo em Jaguarari. E carregando como? Carregando no ombro, de jegue, né? Que nesse tempo não tinha transporte. Para botar na linha aqueles dormentes. É! Tiramos muita lenha pra fazer dormentes para a estrada de ferro e lenha para aquelas casas antigas. Aquilo ali foi tudo tirado das matas dessa região por aqui. O pai, o tio de os irmãos dela (Maria Leite) que faziam esses serviços. Faziam dormentes para a Leste⁸ e também para aquelas casas antigas.

MARIA LEITE:

E as mulheres, se juntava três, quatro, botavam um ródia na cabeça e iam levar lá, em Jaguarari. Minha mãe contava. Ela chorava contando isso. Desse sofrimento carregando esses dormentes para a linha do trem.

TONHO BÃO:

Aqui era difícil. Há uns dez, quinze, vinte anos atrás não tinha nada aqui não. Só tinha mata. Aqui tinha um caminhozinho que a gente brincava, que era fechado de mato. Só tinha um lugarzinho assim, pra gente passar.

8. Rede Ferroviária do Leste. Importante destacar o impacto dessa atividade para a cobertura florestal de toda a Catinga. Trata-se de um grande crime ambiental com consequências desastrosas para o Bioma sem nenhuma reparação histórica.

MARIA LEITE:

Meu pai mesmo morreu arreventado de pegar peso. Quando ele morreu, ele ficava jogando aquele sangue pra fora, ele cuspiu sangue. Ai nós ficamos tudo pequeno. E minha mãe criou nós fazendo cesto. Ela tirava o cipó e tem um outro que chama taquari, né? Um cipozinho amarelinho. Ele enrama, assim, nos paus. Ai ela levava a gente pros matos e quando chegava lá puxava aqueles cipó e limpava e trazia e quando chegava ela fazia os fundinhos dos cestos. Botava, assim, e ensinava nós, eu e meu irmão, e a gente subia, terminava de fazer. Aí ela levava para vender em Jaguarari. Colocava, assim, um dentro do outro e botava aquele monte na cabeça. Ela sofreu muito para criar nós. Ai ela levava no sábado⁹ uns dez, vendia lá pra comprar as coisa para a gente comer. No domingo ela ia vender os outros em Juacema¹⁰, e ia a pé. Ela ia, passava pela Serra de Baixo, quando acabar descia ali pelo Mamão e ia ai por dentro.

COMPRANDO A ÁGUA QUE É DA COMUNIDADE



Figura 25: Uma das nascentes da Serra (MARQUES, 2015)

9. Dia da feira livre na sede do município de Jaguarari-BA

10. Povoado distante aproximadamente dez quilômetros da Serra dos Morgados de Cima, cuja feira livre era realizada aos domingos.

TONHO BÃO:

Nesse tempo era tudo cheio d'água aquela região ali. Às vezes a gente pega a falar e As pessoas que nunca viram pensam até que é mentindo, mas a água que a gente tá falando era dali do Olho D'água pra cá. Nascia naquela baixinha ali e saía arrodando ai por baixo e ia cair na cachoeira de Juacema. Que é o Rio estiva que nascia bem estreitinho e depois ia enlarguendo e ia sair lá embaixo no Maracujá. E hoje em dia você não vê água em lugar nenhum lá. Não é difícil a coisa? Bem aqui nessa baixinha aí, era tudo cheio de água. Hoje a água que nós temos é a do Olho D'água Amarelo, como você pode ver lá. Dessas nascentes, a que permanece é só a do Olho D'água. Penso que esse castigo foi pelo desmatamento. E os poços também que furaram. Pois é! E o pessoal roçou muito ai ao redor das aguadas e ai a água foi indo, foi indo e sumiu. E hoje nem água e nem mata, não tá tendo nada, que acabou foi tudo.

Lembro demais das nascentes. A primeira que nós tamo falando é a do Olho D'água Amarelo. Depois, voltando ali, tem a que o povo chamava de Olaria, que era uma aguinha branca, onde fazia telha. Tinha a do Junco.

MARIA LEITE:

Na Olaria o meu tio fazia telha. Eles cavavam um buraco e naquele buraco que ele cavava a terra pra fazer a telha, ali enchia de água. A água subia, nera? Usava para consumo. E tinha a lagoa ali, que secou e tem outra que chamava Caititu, que secou também. E aqui que chamava Olheiro. Sim! Tinha a Fontinha que secou também. Aqui, por detrás da primeira casa que a gente encontra ali. Aqui chamava Oleiro. Era tudo cheio de água aqui. E ali mais embaixo o Querera, nera? E tinha na Baixa dos Carneiros. Ai já secou tudo, não tem mais nenhuma. Só tem o Olho D'água Amarelo.



Figura 26: Área da Antiga Olaria (BRUNA, 2020)

TONHO BÃO:

Secou tudo! Só existe o Olho D'água hoje, o resto secou. Ainda ontem fui lá. A gente só usa a água do Olho D'água. A água aqui encanada ninguém quer não. Só quer saber da água do Olho D'água. De quinze em quinze dias eu tenho que ir lá pegar nem que seja um galão de vinte litros só pra gente beber dentro de casa. Mas tá cheio e tá bonito!

MARIA LEITE:

A gente se criou bebendo aquela água, né? E não faz mal não pra gente.

TONHO BÃO:

Ontem eu molhei aqueles pé de planta que a gente plantou lá, já tão tudo verdinho. Estão lá: tudo bonitinho.

MARIA LEITE:

Quando chegava a noite aqui, que tinha uma lagoa ali, oh mais era lindo os sapos cantando. E meu minino ficava dizendo que o sapo tava dizendo: “cuem”. Era bem bonito de noite quando escurecia e os sapos ficavam cantando lá. A água era em cima do chão e sumiu tudo.

TONHO BÃO:

E tá difícil a gente rever aquele tempo, viu! Num tá fácil não. E cada vez que o tempo passa a coisa vai encolhendo cada vez mais, né? Vamos começar a história do começo. A gente foi para um mutirão do rapaz lá no Cantinho, lá embaixo. E aí ela ficou em casa, quando eu cheguei de noite, a água que nós tínhamos era um balde de uns dez litros de água. Já tem uns dois anos. Ai eu liguei para um rapaz que mora na Varzinha, que é ali depois da Juacema, né? E ele tem um caminhão pipa. Aí eu liguei e disse: “César rapaz, dá um jeito que nós estamos sem água aqui”. Ele disse: “Seo Antônio, não se preocupe não que daqui para amanhã eu chego”. Quando foi cinco horas da manhã ele chegou, mas eu pagando, num sabe? Naquele dia eu paguei cento e oitenta reais. Hoje é duzentos reais com onze mil, doze mil litros. E dai pra cá, há poucos dias a gente ficou abastecendo com caminhão pipa. Pegando ali naquele poço do Franco Melo¹¹, ali no Brejo. A gente arrumava os caminhões e tinha vez de dar duas, três viagens no dia. Ai saia botando um pouquinho na casa de um, um pouquinho na casa de outro e o povo brigando: “Que na minha casa foi mais pouco, na casa de fulano foi mais”. E aquela confusão toda. Mas dai pra cá, graças a Deus, a gente ajeitou a bomba do poço dali de baixo, e ai hoje o poço tá abastecendo todo mundo né? O

11. A Serra de Cima, da Berinjela, é o local onde as águas nascem. Entretanto, parte da Comunidade tem enfrentado grande dificuldade de acesso a água. Quando não compram, recebem favores de terceiros para terem acesso da água que veem de suas terras. Uma triste situação!

poço que fica no eito do Rio Estiva. Quem furou foi a CERB em 2003. Dai pra cá já furou outro ai. Quem furou foi a CODEVASF, nesses tempos a bomba tá com problema também e tá parado. São vizinhos, cem metros de um para o outro. Esse que a gente tá usando a vazão deu dois mil e quatrocentos e o outro deu dois mil e seiscentos litros. Dá problema. Agora mesmo a gente passou uns três, quatro meses, com a bomba quebrada. E ai se valia de caminhão pipa de Jaguarari. Pedindo a Prefeitura, né?

MEMÓRIA NEGRA E INDÍGENA

TONHO BÃO:

A mãe da minha mãe, que era a minha avó, que se chamava Joana, dizem que ainda tinha uma parte de índia, né? Eu era meio molequinho, mas ainda me lembro que ela era uma velhinha bem baixa e um pouquinho ruim também, mas, dizia minha mãe, que ela tinha uma partizinha de índio também. Esse pessoal mais velho, quase todos eles tinham/tem parte com índio, né? Eram poucos que não tinha, né? E hoje em dia a gente vê os índio tudo mansinho conversando no meio do pessoal, né? Naquele tempo o índio você pegava a toque de cachorro. E hoje não, o índio tá ai no meio do pessoal, conversando com as pessoas, em reunião e fazendo tudo.

MARIA LEITE:

A minha avó Teodora dizem que era índia, nera? Morou aqui, só que é eu não cheguei a conhecer ela não. Era mulher do Euzébio. A avó era Teodora e o Euzébio era o avô dela. Ela é bisavó da Conceição também, que nós somos primas. Ói! A avó da Conceição é minha tia, que era irmã do meu pai. A gente é tudo parente. Eu nasci aqui e a Conceição nasceu do Olho D'Água pra cima, no alto. Nasceram e se criaram aqui também.

Minha mãe contava das dificuldades pra gente. Minha mãe contava pra nós era chorando. Ela disse que chegou a derrubar licurizeiro e fazer uma tal de farinha que chamava bró. Disse que batia em cima de uma, lá no Nego Jorge, na Pedra D'água. Disse que pegava com uns pauzinhos, cortavam licurizeiro, descascava o que tinha ali. Ai batia, assim, com paus na pedra e secava nuns panos e trazia para casa e comia como farinha.

Nossos pais plantavam. A gente tinha uma roça lá nos Pilão. Aquela roça perto da do Zé do Piroca, num tem uma roça de capim? Ela vendeu pra ele, mas a gente se criou lá. Lá era cheio de cafezeiro. Era a coisa mais bonita, assim! O cafezeirão grande, tinha laranja, tinha jaca, tinha manga. Ainda hoje eu tenho saudade de uns pés de pinha, óia! (risos).

A gente vendia. Vendia a banana, vendia o café. A gente sofreu muito para viver. Nós fomos criado mesmo, assim, ela fazendo cesto. A bichinha chegava a furar os dedos. Chega saía sangue. Aquele cipó duro, né? Aí ela ainda tinha que virar assim: depois dos cestos feitos, ela virava, empurrava assim, né? Ela tinha uns espetinhos de abrir e depois ficavam os cestos tudo bonitinho, tudo durinho. Ela era sabida.

TONHO BÃO:

Ele (licurizeiro) tem o palmito e dá uma massa, assim, parecendo com aquele vermelhão¹² que a gente bota no chão, num tem? Ele é daquele tipo, um pó. Eu ainda cheguei ver o pessoal tirando.

MARIA LEITE:

Ela dizia que não era muito bom não e que o nome era bró. Tirado do licurizeiro, né?

12. Pó (argamassa) de cor vermelha usado para dar cor ao piso.

TONHO BÃO:

Esse pessoal daqui, a maioria é tudo nascido aqui mesmo. Só eu que vim lá de fora um pouquinho, mas os outros tudo nasceram e se criaram aqui. Eu vim dos Poços. Depois fui pelo Campo Redondo, depois para a Serra de Baixo, vim pra cá.

MARIA LEITE:

Teve nego também aqui. Bem aqui nessa Baixada aí. Era do finado Eduardo, que era tio de minha mãe. Tinha o Inácio, que mora perto da casa do Zé Bléo, pra baixo um pouquinho. O Inácio mora dijunto da casa de farinha. Pois o pai dele tinha engenho. Tinha tudo ai pra baixo, uma baixa de cafezeiro e tudo. Era muito bonito ai. Fazia o mel da cana. Só que ele era muito canguinha. Minha mãe era neta dele e disse que ele não dava nada. Não dava as coisas para ela.



Figura 27: Casa de Farinha da Serra da Berinjela (BRUNA, 2020)

LAMPIÃO:

MARIA LEITE:

Lampião passou aqui. Disso ai ainda lembro. A gente se escondia do Corisco. Sabe Tonho! Esconderam umas coisas lá no Mané Gordinho. Eu ainda vi, mais o meu irmão. Tinha umas pedreiras, assim, na serra, ai tinha uma toca que já esconderam um bocado de coisa. O povo ia esconder lá espingarda velha, essas coisas, com medo dele (Lampião), senão eles passavam e levavam tudo.

TONHO BÃO:

Meu pai ainda andou mais o Lampião. Ainda acompanhou o Lampião por um bom tempo ainda, mas depois, eu não sei porquê, se desgostou e largou. Quando ele saiu do Curaçá, ele veio junto com o Lampião. Quando veio pra cá veio junto com o Lampião. Chegou aqui o Lampião passou e ele ficou. Não quis acompanhar o Lampião mais não. Diz ele que quem tava com o Lampião era bem tratado, mas Lampião judiava de quem fazia besteira com ele.

REISADO

MARIA LEITE:

Aqui tinha e era bonito. Meu irmão mesmo era cantador de Reis, ele mora em São Paulo, o João Nepon. Ele fazia umas lapinhas assim nos cantos. Todo mês de janeiro ele fazia as lapinhas, né? Mas ele enfeitava e ficava tão bonita. Ele pegava aqueles buzinhos que criava lesma, né? Ai e ele fazia, assim, o rodapé da lapinha, ai pegava aquelas parasita¹³ de serra, que os

13. Orquídeas.

cachos delas são amarelinhos. Ele enfeitava assim de um lado e do outro e botava um monte de coisa, mas era bonita viu! E ai cantava o Reis. Ai era com o pandeiro, cavaquinho, era dia seis de janeiro, era muito bonito. As lapinhas fazia antes e finalizava no dia seis de janeiro.

TONHO BÃO:

Terminava a gente fazendo uma festa medonha. A gente amanhecia o dia zoando.

MARIA LEITE:

Aquela D. Amélia mesmo era dançadeira no meio do caminho! Eita menino! Veinha animada! Oxe! E em tempo de casamento? Eu lembro que a gente ia casar e a D. Amélia tinha que tá no meio e no caminho ela vinha cantando aquela lá: “Oh laranjeira que tanto chora...” Mas era bonito menino! Ave Maria!



Figura 28: Dona Amélia (BRUNA, 2020).

TONHO BÃO:

Naquele tempo os casamentos eram tudo de pé, não tinha carro não, né? A gente ia para Jaguarari a pé e voltava (risos).

MARIA LEITE:

Mas a noiva, a roupa, tirava, chegava lá vestia. E na hora que era para vim embora tirava a roupa de novo, vestia a outra e aí vinha a pé. Chegava aqui escurecendo, mas era cantando o caminho todinho. Era lindo, óia! Chegava em casa vestia a roupa de noiva de novo! (risos).

TONHO BÃO:

Era a comunidade toda. Quando tinha um casamento, a gente saía de casa em casa convidando aquelas pessoas, né? “Tal dia a gente vai casar! Tal dia a gente vais e casar” (risos).

MARIA LEITE:

Sabe o Tangará? Ele era o tocador de cavaquinho e a mulher dele e a raça toda era tudo canto. Menino, mas era a coisa mais linda, amanhecia o dia, óia! Era bem bonito mesmo!

Mas veja! A Lapinha é um e o Samba é outro. Aquele pessoal do Catuaba, aqueles mais velhos, vinham fazer Samba na casa de minha tia, lembra? Amanhecia o dia. Os velhos batendo pandeiro e dançando. Ave Maria!

REZAS E PARTEIRAS

MARIA LEITE:

Sigo a Católica. Ele tem o Terço dos Homens, mas tá com uns três sábados que ele não vai porque chega cansado. Ontem mesmo eles rezaram.

Mas aqui tinha a minha prima Laura, que já morreu, que manifestava. Nós ia era muito e ela ainda benzia a gente, passava uns remédios. Ela morreu lá no Olho D'água. Ela era tia da Conceição. O Tangará também era curador, o que toca. Ele passava remédio do mato. Agora que ele deixou, mas ele passava uns remédios também.

Eu também rezo. Minha mãe ensinou, mas eu tenho que ter mais fé. Essa semana ele tava com o dedo do pé doendo e eu rezei e no outro dia ele disse que o dedo tinha melhorado. A Conceição que é rezadeira boa pra tirar olhado de criança.

A minha mãe era parteira, ela fez um monte de parto. O nome dela é Eva Amélia de Jesus. Parto difícil mesmo, terrível, ela fazia. Ela pegou um monte de menino. Os meus meninos mesmo, tudo ela pegou. Fazia o parto das mulheres daqui tudinho. Ela e minha tia, a finada Bina. A Bina pode dizer que era a mãe do Zé Bléo. Parteiras boas elas. Elas viajavam de noite. O povo vinha buscar elas de cavalo e elas iam na garupa pra pegar os meninos da mulher. Não tinha carro não pra ir.

ASSOCIAÇÃO

TONHO BÃO:

Temos aqui a Associação de Moradores. Eu mesmo sou o fiscal. A Associação daqui, qualquer pedido que a gente fizer a qualquer órgão, a gente indo atrás, a gente resolvi. Tá ativa. O presidente é o Cicero, o Bebé.



Figura 29: A nova sede da Associação (BRUNA, 2020)

Pra fazer a sede da Associação que nós não temos, né? Estamos trabalhando direto, sábado, domingo. O pessoal da Serra de Baixo que tem ajudado muito a gente. Por sinal, amanhã a gente vai ajudar o Rubem lá na casa dele. Ele mandou convidar a gente e amanhã, se Deus quiser, nós vamos lá.

SAÚDE

TONHO BÃO:

Temos. Todo mês tá vindo um médico de Campo Formoso pra atender a comunidade. Foi a Associação que puxou. E vem enfermeira, e faz exames das mulheres e faz de todo mundo. Antes nós não tínhamos não, mas depois que nós tomamos parte da Associação a gente tá trazendo um bocado de coisa pra cá. Só que tem gente que não agradece, né? A gente faz, faz, mas tem gente que não chega junto, só critica. Fazer o que?

MARIA LEITE:

Tem gente que não quer ajudar eles ali na creche. E o Bebê (Cícero) fala nuns computadores que vai vim, os jovens fizeram um curso em Petrolina. A menina foi. Daí pra cá ela já fez mais dois cursos com certificado. Essa que separou. Ela disse: “Mãe, eu não quero mais marido não, eu quero é trabalhar, eu quero arrumar um emprego que é para eu viver do meu suor.”

TONHO BÃO:

Só tá faltando acabar de arrumar a sede pra botar as coisas pra dentro. Deus ajuda que a gente termine. Eu mais aquele Cícero veio, nós trabalha que só louco. Nós corre pra todo lado. Nós corre pra Juazeiro, nós corre para Bonfim, pra Campo Formoso. Para arrumar as coisas para o lugar. Mas só que é como eu tô dizendo: tem uns pessoal que agradece outros não. Mas é assim mesmo! É nós correndo e uns dizendo: “Aqueles são uns bestas, uns otários!” Mas se a gente for na onda deles a gente para tudo, né?

MARIA LEITE:

É assim! Quando tem uma coisa dessas (mutirão) vem um povo de fora e ai tem que ter uma merenda, né? Aí é só eu, a Conceição e a mulher do Tangará que ajuda. Ninguém quer ajudar nós se a gente for na onda dos outros para tudo não faz sentido.

5.3. CÍCERO MIRANDA (BEBÉ)



Figura 30: Cícero Miranda – “Bebé” (BRUNA, 2020)

Meu nome é Cícero Miranda. Sou conhecido como Bebé. Sou o atual presidente da Associação dos Moradores. Trabalho na roça, né?! Nasci em Pernambuco, não fui nascido aqui, mas tô com 43 anos, vim para cá com 3 anos pra região de Serra dos Morgados. Me criei aqui, então me considero como da região. Conheço algumas histórias, não todas, mas um pouco eu sei contar. De como que era mais pra trás e como tá vivendo o tempo hoje. Essa seca braba que vem existindo, as nascentes que tinham, pois hoje em dia são poucas que tem. Como tem só o Olho D'água Amarelo, ali ainda tem a Caiçara que funciona, o Quererá já secou, Caititu também já secou, O Junco, também já secou. Então as nascentes que têm hoje é o Olho D'água Amarelo e a Caiçara aqui. São essas nascentes que tem ainda.

Meu pai é falecido já. É o Severino Cardoso de Miranda, mas nasceu em Pernambuco também. Veio pra cá trabalhar na Fazenda Piabas. Nós era tudo pequeno, ai nos criamos por aqui e

por aqui estamos. Minha mãe é viva ainda, Maria Vilma Miranda, que vocês entrevistaram. Eu moro com ela aqui na Berinjela.

SERRA DA BERINJELA



Figura 31: Paisagem da Serra da Berinjela (BRUNA, 2020)

O povo chama de Berinjela, assim, diferencia. A Paróquia, pra quando vim um padre e dizer: “Tem uma missa na Serra dos Morgados”. Ai confunde. Assim separaram: Serra dos Morgados de Baixo e Serra dos Morgados de Cima ou Berinjela. Que eu conheço berinjela é uma planta, talvez, por isso o nome.

Eu tô com quarenta e três anos. Assumi a responsabilidade da Associação Comunitária de Desenvolvimento da Serra dos Morgados. Há dois anos que tô à frente da Associação. Mas com essas crises brabas, os Governos que não tão liberando verba para projeto, a gente tem desenvolvido pouco, mas estamos lutando. Sem uma associação na comunidade as coisas ficam mais difíceis. Com a Associação já tá sendo difícil de a gente ir buscar as coisas, imagine sem. Mas a gente, com toda dificuldade, a gente tem desenrolado algumas coisa para a comunidade.

Dos Morgados para a Berinjela, eu acho, que não chega a 3 km de distância. O meu presenciar agora é que tá sendo muito boa a relação entre as duas comunidades. A gente tá se dando as mãos. Parceria, né? A gente fez parceria com a Comunidade da Serra de Baixo, em nome da presidenta que é a Edna, da Associação das Mulheres e também com a Associação Geral dos Moradores, a gente vem se ajudando. Agora mesmo a gente vem mantendo os mutirãozinhos. A gente tá reformando a Sede da Associação (Serra de Cima), ainda no dia de ontem eles estiveram ajudando nós. E hoje, através da comunidade da Serra de Baixo a gente tá aqui ajudando vocês também. Isso é muito bom.



Figura 32: Inauguração do Laboratório de Informática da Associação (MARQUES, 2020)

Têm pessoas que nasceram e se criaram na comunidade que sabem contar melhor. Mas eu conheci dos mais velho, o Marcolino, que eu não sei se vocês chagaram a entrevistar, da família Marcolina, uma das pessoas mais velhas da comunidade. Tem o Seo José Lino, também um dos mais velhos e que foi entrevistado por vocês também. Essas pessoas a gente conheceu, né!? Mas eles contam a história melhor do que eu, como tá escrito nesse livro. Eu não fui nascido ai, mas a gente pegou um pouco das histórias da Serra de Cima, viveu, né?!

ENGENHO



Figura 33: Memórias dos Engenhos das Serras (MARQUES, 2019).

Eu ouço falar que teve um engenho aqui na Serra de Cima. Do lado do Olho D'água Amarelo, tem essa roça, que hoje é de um proprietário que mora em Juazeiro, que era do pai do Inácio, acho que vocês entrevistaram Seo Inácio, que era do finado Eduardo. Falaram para mim que tinha engenho nessa roça dele lá. A gente passa lá e ainda vê os torrões, mas eu não sei contar as histórias, mas falavam que tinha engenho lá. Onde teve engenho pode ter tido negros também, escravos, né?! Mas eu mesmo não conto porque não tenho conhecimento sobre isso.

E aqui também falam de indígenas. É! Algumas pessoas falam que tiveram umas pessoas lá na Serra, que já faleceram, a avó de uma lá, que foi pegada a dente de cachorro. E essa

pessoa foi índia braba, né? Dessa pessoa eu não lembro o nome não, mas me falaram que teve uma senhora lá, acho que avó do rapaz que já morreu também, que chamava Pedro. Pedro que morreu aqui na Varzinha. Ele contava pra nós, nos mutirões, que a avó dele tinha sido pegada a dente de cachorro. Mas tem pessoas que podem contar melhor pra vocês como tá falado nesse livro, mas tem que juntar mais história para entender, né?

A LIDA NA SERRA

A vida aqui era mais sofrido do que hoje. Hoje tá sendo mais fácil pra se viver, através desses projetos que vêm do governo aí, um bolsa família, alguma coisa. Tá muito mais fácil. Mas antigamente o pessoal tinha que sair pra ganhar o pão mesmo era fora. Trabalhar na roça. Antigamente chovia mais, assim plantavam a sua roça. Hoje em dia a gente não pode contar mais com a chuva que vinha sempre. Dizer: “vamos plantar e tirar o feijão”. É uma aventura, né? Por causa dessas estiagens que estão tendo aí. Os tempos não vêm mais garantindo. É a maior sorte você botar uma roça hoje e você tirar o feijão. Mais pra trás as chuvas eram mais certa. Chovia naquelas datas, na chuva do inverno, o inverno vinha certo. As trovoadas vinham na época certa. Então o povo tinha mais uma safra garantida. Hoje em dia não tá mais assim por causa dessas estiagens que estão tendo. Mas o povo vivia mais era da roça mesmo. Plantava suas roças, seu feijão, seu milho, tinha suas rocinhas e ia vivendo daí. Sem contar aqueles que saíam para fora. Alguns saíam pros lados de Minas Gerais, pra São Paulo. E os outros viviam da roça mesmo na região.

O DILEMA DAS ÁGUAS NA SERRA



Figura 34: O Rio Estiva agonizando (MARQUES, 2015)

É difícil porque hoje em dia se você não tiver água, você não produz. E você sabe que não tem poços artesianos pra ter irrigação. E as chuvas não vêm nas datas certas. Então fica difícil pra gente produzir na comunidade, porque a água é pouca pra gente produzir. Se não tiver uma água pra molhar alguma coisa, você não tem como plantar. Aqui tem uma coisa que tá muito errado: as águas nasce aqui, todo mundo usa e a gente passa sede. Até pedindo água eu tou. Isturdia tive que

pedir água para um vereador de Jaguarari. Uma das coisas que a gente tem que corrigir aqui é isso. Não é certo a gente ter as nascentes, a água ir para muitos lugares, até longe daqui e a gente nessa necessidade. Isso não tá certo não!

A gente aqui vai plantando no quintal uma verdurinha pra gente não comprar na feira. Pra comer uma coisa mais saudável. Um coentro, um alface, um couve, né? Mas milho e feijão a gente não planta não. Ainda planta umas mandiocazinhas na roça, pra comer uma farinha da roça mesmo, um aipim ter no quintal. A banana pra comer também. De vez em quando a gente tira uma laranja, uma tangerina, essas coisinhas. Ao invés da gente tá comprando na cidade, a gente tem na roça. Isso aí que a gente mantém no quintal da gente.

Aqui já produziu muito café, mas foi indo e se acabou. Eu tô plantando de novo. Fazendo umas mudas para ver se mais lá pra frente, no futuro, a gente volta a ter o café que a gente tinha antigamente, mas o café é pouco na região. Mas teve muito café. Ainda conheci aqui essa região daí de baixo, os sessenta como o pessoal chama, até sair no Catuaba tinha muito café. Mas hoje em dia é muito pouco que tem. Mas eu mesmo tô plantando umas mudas. Ainda sexta-feira mesmo eu tava fazendo as mudas. É difícil porque são três meses para ele nascer, pra poder reproduzir. Botar nos copinhos, vai molhando. Planta. Faz as mudas em um ano pra você plantar no outro. As mudas que eu fiz no ano passado, se nós tiver as chuvas agora no mês de julho, eu quero plantar essas no mês de junho agora. Aí é onde a gente depende da chuva, se não tiver chuva, a gente não tem como plantar, né? É difícil, mas estamos tentando. Tem outras pessoas plantando café também, devagarzinho né?!

É preciso mais um incentivo para nossas comunidades. Temos que alertar o povo, né? Que tá se acabando as coisas e a gente não fazer nada? As nascentes aí, por causa de quê estão morrendo? Do desmatamento e de outras agressões da

natureza. A gente vê que antigamente, eu acabei de falar, as nascentes existiam porque não tinha esse desmatamento que tem hoje em dia. Então a gente tem que tomar muito cuidado com as coisa pra gente não ter que pagar um preço muito caro mais lá na frente, como a gente já tá pagando agora, né?

REISADO

Quando eu vim pra cá eu ainda alcancei. Muito bonito. Deixaram se acabar, que não era pra ter deixado se acabar. Eu ainda acompanhei, mesmo, na casa do meu padrinho Miguel, Miguel do Neco. A gente começar a cantar, na virada do ano, no final de ano. Íamos de casa em casa. Começava às 7 horas da noite e amanhecia o dia na Baixa dos Carneiros lá, cantando Reis de porta em porta. Saía na casa de um, na casa de outro, começava duas ou três pessoas, quando amanhecia o dia, a última casa que abria a porta da casa, via os terreiros cheio de gente. Todo mundo cantando, brincando, animado, não tinha confusão, não tinha nada. Hoje em dia não dá mais gosto de sair, né? De fazer essas coisas. E deixaram se acabar. Não era pra ter deixado se acabar isso aí. É uma tradição do lugar. Eu sou mais novo, tô contando isso aí. Tem pessoas mais velhas, que tem idade, que pode contar melhor do que eu, como vocês escreveram aqui.

O PAPEL DA JUVENTUDE

É importante a juventude participar. Eu acho que tem como a gente incentivar o pessoal a trabalhar por aqui pra evitar sair pra fora, né? Nós temos as terra boas pra trabalhar. Agora falta incentivo, recurso também, pra gente trabalhar, porque tem que ter um recurso, alguém tem que fazer algo por nós. Mas eu acho que se tiver um incentivo e se tiver um recurso aí, a gente ainda tem como produzir nessa região nossa aqui ainda.

Esses terrenos são muito bons. A gente vê, ainda tem um andu no quintal, frutas, coisas assim. Ontem mesmo, eu passando, vi uma menina colhendo andu no quintal. Tá vendo aí, você pode até dizer que não dá, mas dá. Se você não plantar, você nunca vai colher, agora tem que plantar pra poder colher, né?!

A juventude precisa de um incentivo também. Que, às vezes, o jovem pensa que o mundo lá fora é alguma coisa, e não é isso tudo não. Já foi bom lá fora, eu já saí, fiquei 14 anos em São Paulo e posso voltar lá porque a gente tem família no mundo, mas eu não pretendo voltar pra trabalhar mais lá. A gente tem que ver se dá para ficar por aqui mesmo, na nossa terra.

Não só para a juventude, mas para todos, o recado que eu deixo é que a gente tem que se dar as mãos, se unir mais, entendeu? Não deixar as coisas se acabar, né? O que os mais velhos foram deixando porque se a gente não tiver cuidado não vai saber o que é que existia mais para trás, como já tá sendo agora. Então deixo o recado para a juventude que fique mais atenta com as coisas do seu lugar, do seu povo. Pra que tomem o pé das coisa do lugar da gente pra que não deixe ir por água abaixo para, no futuro, ter alguma coisa que ficou dos mais velhos que deixaram para eles.

5.4. SEO FRANCISCO



Figura 35: Seo Francisco (BRUNA, 2020).

Meu nome é Francisco, Francisco Manoel Honorato. Tenho, vou fazer 63 anos. Moro ali, da casa do Bebê para frente. Pode chegar que aquela casa ali pra frente é a minha. Eu nasci aqui, na Serra de Cima. Passei um bocado de ano numa fazenda. Uns 10 anos na fazenda chamada Maniçoba. Bom, com 10 anos nós tornemo a voltar pra Serra de Cima de novo. Moremo do lado de lá, do Olho d'Água para lá, uns tempo. Bucado de ano. Ai depois mudemo pra ali para perto da casa do Bebê.

Eu quase que não trabalho mais com nada caba. Já tô velho, mas eu ainda planto um feijão, ainda planto um milho, ainda planto mandioca, eu zelo umas rocinhas de capim pra alugar pros outro. Trabalho com a cerca, trabalho com tudo. Não dou dia mais pra ninguém. Trabalho no meu. Só para mim mesmo. Já tou aposentado.

Moro sozinho em casa. Tenho empregada que trabalha lá, né? Ai os amigos, que chegam lá todo dia, dizem que tem mulher que quer vir juntar mais eu, mas eu fico sossegado sozinho (risos).

Meu pai chamava Luiz Emanuel da Silva e a mãe Roberta Celina da Silva. O finado meu pai nasceu aqui no Jacunã¹⁴, mais logo veio morar na Serra, morar e morreu aqui de novo, na Serra de Cima. Nasci aqui e fui para essa fazenda que eu falei, chamada Maniçoba. Passemos 10 anos fazendo roça lá, trabalhando coisa e tal e depois voltemos pra Serra de novo. Lá era dos outros, o terreno dos outros, agora nós fazia o plantio para nós. Plantava batata, plantava o feijão de corda, plantava o milho, plantava o andú, plantava feijão de arranca, plantava até mamão. Só pra nós. Mas vendia, assim, a farinha, quando passava do negócio, né? Sobrava. Digamos, era dois sacos, três... guardava um pra nós ficar usando e outro passava pra frente. Porque a mamona, você sabe, tem que vender logo né?!

SERRA DE CIMA

A Serra de Cima SE chama Serra dos Morgados e outros chamam Serra da Berinjela. Chama esses dois nomes, assim. Agora tem que aproveitar o Serra da Brinjela. Porque disse que tinha pé de berinjela aqui. Você sabe onde é a casa do Popó? Da casa de Popó pra baixo disse que tinha pés de berinjela, era uma madeira essa berinjela. Por isso botou o nome de Serra da Berinjela. Já na frente tem um olho d'água que chama Olho D'água Amarelo. Esse Nome é porque a água é amarela. É clara, mas aquela é vermelha mode pedra porque ali vem da rocha lá de baixo do chão, né?.

REISADO E SAMBA DE PALMA

Ah! Naqueles tempos nós assistimo muitos, camarada.

14. Comunidade distante aproximadamente 13km da sede de Jaguarari e Há uns 25km da Serra de Cima

Tirava uma noite num Samba de Palma, tirava uma noite no Reis. Dia, assim, de fim de ano, né?! A gente começava numa casa e quando o dia amanhecia já tava na outra, cantando um Reis, brincando um Samba e o pau quebrando, camarada.

Oxe, oxe! Num tem mais nada, nem na Semana Santa não tão mais rezando, na Sexta da Paixão. Não rezam mais, parou tudo. Antigamente rezava! A Sexta-feira Santa todinha, começava da quinta, na quarta e nós saía na sexta. Quando era sexta alí, umas 4 horas da manhã, nós caía fora. Botava um bocado de esteirão e nós sentava todo mundo. Ali, se cochilasse já tava na esteira. Tem um Cruzeiro que nós vai todo ano, em cima da serra. Aquilo foi nós mesmo que fizemos. Tem esse aqui do lado de cá e tem aquele do lado de lá, que é o nosso certo mesmo. Aquele de lá. É pra na Sexta-feira da Paixão a gente subir pra lá a tarde, ir pra lá.

ENGENHO

Da casa do Popó pra baixo, naquela baixa, tinha dois engenhos. O dono era o finado Eduardo. Ali era lugar de fazer mel de cana, pra fazer rapadura, esse tipo de coisa tudo. Além de outros, era os filhos dele que trabalhava lá, meus tios trabalharam lá também, papai também trabalhava lá.

AS ÁGUAS

Rapaz! A gente conversa sobre as águas, porque agora mesmo tamo apertado. Porque as água dos poços vem só um tiquinho. Passa dois, três meses sem chegar aqui. Quando aquelas bombas queimam, ou quebram, ou dá problema, a gente passa até quatro mês. Agora tem aquelas cisternas que é a ajuda nossa. As cisternas.

Oxe! As nascente seco tudo! Só tem aquele Olho D'água Amarelo rapaz. Só tem aquele. Aqui tinha mais de dez olhos d'água. Secou tudo. Um chama Caititu, secou; outro chama

Fontinha; outro chamava Quererá; Olho D'água dos Bruteiros; Olho D'água do Peri. No Junco tinha uma nascente d'água ali no Junco. Pronto. Lá onde tem uma roça, tinha uma nascente d'água. E os olhos d'água era esses, nera? Na Boa Vista, no rego que desce pro caminho do Socotó, tinha uma fonte também, mas agora não sei é do nome dela. Ah! Fonte do Benedito! Era mesmo, chamava Fonte do Benedito. Tinha essa também. Secaram tudo. Só tem aquele olho d'água (Olho D'água Amarelo).

Aqui tinha rio. O rio começava na baixa do Popó pra vim pro terreno de vocês, que eu não sei de quem é dono da roça aqui em baixo (do Joaquim Novaes). Que as águas iam rendendo de cabeça abaixo, ai fazia como que é um rio, né? Era direto, nunca seco não. Agora acabou tudo. Acho que foi mode o tempo. Não teve dois anos de seca? Pois foi quando sumiu, naquele tempo. Hoje nada de água. Até a cachoeira tá q'nem isso aqui. Tá seco, torrado.

AS ÁRVORES DA SERRA



Figura 36: Imburuçú¹⁵, uma das maiores árvores da Serra (MARQUES, 2019)

15. Como esta árvore é conhecida na comunidade.

Pela Serra, descambando naquelas mata tem o Murici, tem o Couro de Boi, tem o Amargoso, tem o Catuabo, tem o Caboclo, tem a Quina, tem a Cheirosa, tem o Pau de Uruvalho e vamos para frente! Tem a Vassourinha, tem o Cambuí, deixa eu ver... pera aí... tem o Juá, tem a Braúna, tem a Aroeira, tem o Pau-Ferro. Ói! Se for pra falar em madeira nós vamos tirar o dia (risos). Ali tem aquela Brejeiro. Brejeiro é pau próprio pra nascente. Onde tem Brejeiro, significa que tem nascente, água. Tem aquela madeira que nasce no lugar d'água, como é? Me passei no nome dela rapaz, me esqueci agora... perto das águas, em quase todo lugar tinha, acho, ainda tem uns pé ai. Tem a Vermelha e tem a Ibiúba. Tem a Copiuba, tem a Imbaúba. Tudo é madeira, deixa eu ver... Tem aquelas bicha ali da serra, ali no Olho D'água tem muito...Cuipuna. Tem três tipo de Cuipuna. Tem o Carquejo. De primeiro, hoje em dia a gente tá comprando na serraria, que é a Quina, o Couro de Boi, o Catuaba, o Caboclo, essas ai a gente usa pra casa, né? Pra fogo é qualquer lenha, qualquer madeira dessa aqui serve para lenha. Pra estaca é a Candeia... Caneludo, que é a Canela de Véio, que nós chama, é bom pra cerca.Pra cerca, Ave Maria! A Candeia ou a Canela de Véio, os dois. Que tem de dois: tem do branco e tem do preto, tudo serve pra madeira. E pé de Ipê? Cês conhece Ipê? Ipê é o bicho! Tem de dois: tem o amarelo e o roxo. O Ipê é o Pau D'arco.

Eu entendo muita coisa rapaz! É que agora nós tamo trabalhando. Só se nós tivesse sentado num local para eu ficar lembrando e passando, mas deixa pra outra hora!

5.5. ANTÔNIO ANDRELINO DA SILVA (TANGARÁ)



Figura 37: Tangará (BRUNA, 2020)

Meu nome é Antônio, Antônio Vermelho. É porque eu sou vermelho mesmo. É Antônio vermelho registrado em todo país (risos). Sou tocador. Oxe! Ave Maria! Eu toco até numa cuia. Sou conhecido como Tangará. Caça ai que eu tô ai (pedindo para acessar a internet). Tô até puxando uma sanfoninha!

Nasci no Olho D'água Amarelo, lá na frente. Ai viemos para cá. Sou filho de um cearense lá da Barra do Jardim do Crato. O nome dele é Raimundo Andrelino da Silva. Minha mãe é do Cariri, Alzira Leite da Silva. A avó dela foi cabocla braba. Era braba e foi amarrada num pau no meio do terreiro, amansada, dando de comer todo dia e ela amarrada de corda. Era avó dela. Muito bom né? Era a mãe da Vêa Teodora. Ave Maria! conheci demais a Vêa Teodora. Conheci muito ela, era minha avó.

A MÚSICA

Rapaz! Em noventa e cinco eu fui para o Sítio do Meio e tinha uma sanfona. Lá faziam corrida de argolinha, num sabe? Ai o que é que acontece? Eles faziam aquela corrida de Russiano e Japonês, ai me chamavam e eu ia tocar lá em noventa e cinco. Eu fui dez vez tocar a festa. Eu fui as dez vez e era gente numa vontade danada. Nunca teve uma confusão e até hoje nunca teve e eu ainda toco, nunca teve uma pessoa para sofrer sendo festa que eu toque. Ai eles fazem aquelas corridas, procura aqueles outros povo, pra não ser só aquele, ai dava desacerto: um brigava, rachava a cabeça do outro, torava a perna do outro, era num sei o quê. Ai uma mulher foi e disse assim: “Menino, a gente não deixa mais de chamar Tangará, porque toda festa que ele vem aqui nós fica até oito horas da manhã, o povo dançando a vontade e nunca tem uma confusão.” Eu digo: “Dona Zezé, isso ai é gente que sai com pensamento de casa pra ser amigo de todo mundo e pensa em Deus, mas aqueles que só pensa no dinheiro, é o que acontece.”

Eu tenho meu grupo, eu tenho meu conjunto. Trio Tangará. Ai passo uns cinco anos eu tocando com o nome Trio Tangará, depois Banda Tangará do Forró. É o que tá na internet, pode procurar que tá ai.

Ai eu toquei, né? Toquei esses ano lá, amanhecia o dia até oito hora. Ai eu tava tocando um dia numa festa de corrida e o povo guentou até o dia amanhecer. Quando foi oito hora do dia, ainda tinha oito mulher dançando e eu puxando o fole da oitenta baixos, oitentinha verde que eu tinha. Ai uma mulher disse assim: “Ave Maria, esse home não vai parar não?” Ai as outra disseram: “Esse ai vai fazer a gente perder a tanga.” Ai botaram o nome de Tangará (risos). Foi por isso que nasceu o nome de Tangará em noventa e cinco.

Ai eu toquei mais dois anos. Eu tinha um conhecimento com Tito Rocha de Bonfim que trabalhava na Rádio Caraíba, ai

eu fui lá duas e meia da tarde, e aí o Tito Rocha, eu em entrevista com ele, disse assim: “Tangará, não mude o nome mais não, você aprofunda com esse nome aí que é a sua sorte.” Eu ainda tentei um ano com O Raio do Sol, mas não ia pra frente. Aí ficou Tangará, e Tangará é conhecido em todo país e no mundo. Nos Estados Unidos, um rapaz levou o cd meu pra lá. Petrolina conhece. A região de Jaguarari conhece. Toquei para duas mil pessoas em Itiúba, Cecília Petrino, prefeita de lá de Itiúba. Em Campo Formoso cantei pro Zé Santana, João Campelo, Pedro Gonzaga, Adolfo Menezes e esse povo que chama Zefa Borges, toquei pra eles tudo lá. E aqui por essa região de prefeito de Jaguarari, pode contar os prefeitos que passaram aí tudo conhece Tangará. Já peguei dinheiro deles tocando em São João, em festa, tira gosto, toquei pra eles ali assando milho. E eu tocando e o povo dançando e o povo comendo milho ali debaixo daquela palhacinha.

Eu tenho meus instrumentos: tenho sanfona, tenho banjo, conhece banjo? Toco muito banjo. O povo aqui conhece, arrasto 500 pessoas num desfile tocando banjo com meus três ajudantes. E aí tem banjo, tem sanfona, tem triângulo, tem pandeiro, tem zabumba e tenho dois microfones e as caixas. Só as caixas é 1200 de som e tenho um aparelho de 1400, também tenho uma mesa de 16 canais, eu toco. Aí quando precisa, é só chamar: Tangará do Forró. Todo prefeito aqui da região conhece.

A FESTA DO REISADO

Tocava e toco nos Reisados. Eu vim uma vez, tinha 500 pessoas me acompanhando, eu agradeço muito você, gostei muito! Eu vinha num desfile bem aí com 500 pessoas e nós “arrematemo” na sua casa¹⁶ (casa de Juracy). Gostei daquele dia. Gostei óia! E o povo me conhece. Eu faço pai latir no banjo. Se o tocadour não é muito bom, eu no banjo eu quebro ele. E a

16. Referindo-se ao desfecho do reisado da Serra de Baixo na casa de Juracy Marques no ano de 2018.

sanfona minha é boa, é italiana de 120 baixo. Ela tá ai, é amarela, italiana. Eu ganhei ela, veio de Mauá pra mim, faz 15 anos agora em janeiro desse ano que nós tamo (2019). Tá lá boa, a hora que quiser tocar com ela, tá pronta.



Figura 38: A Sanfona do Tangará (BRUNA, 2020)

O NOME SERRA DA BERINJELA

Aqui é muito vendaval, viu! A Berinjela? Eu fui um cara batalhador pela comunidade, eu trabalhei quatro ano e meio fazendo reunião e trabalhando com o Padre Luís, até missa eu fazia. Missa se entende, celebrava, quando o padre não vinha. Trabalhei muito com o evangelho, sei trabalhar, amigo de todo mundo, arrastava cento e tantas pessoa em reunião dum lado pra outro, fazia doação, dava o poder de muitas gente precisava das coisas, pode me procurar que eu ajudava a adquirir aquilo para a comunidade. Botei quarenta e oito filtro que não existia, eu dei ao povo. Ai eu puxei a irmã Rosina de Santa Catarina, em mil novecentos e oitenta e seis. Ai montei uma farmacinha por conta dela mesmo. Eu ficava passando remédio pro povo, ali mesmo eu dava. Era doado, não era vendido não. Ai ela foi, fez uma reunião, ela disse: “Antônio, vamos fazer uma reunião?” Ai eu disse: “Bora!” Ai eu chamei o povo, e tinha cem pessoas.

Ainda não tinha o nome de Berinjela não, era tudo Serra dos Morgados, lá e aqui é uma Serra só, documentado, num sabe? Pode ter uma pessoa com cem ano, não tem um documento de Berinjela. Ai ela disse: “Como fazer um papel que venha os papel da igreja pra Serra daqui porque vem tudo com o nome tudo de Serra dos Morgados?” Porque, quando um papel da igreja ia chegar na Serra de Cima, já tava com quatro dia, com oito dia. Ai a irmã disse assim: “Como nós fazer um papel com apelido para os papel da igreja já irem diretamente pra lá, pra Serra de Cima?” Ai tinha uma véa que tinha noventa e cinco ano, ai ela disse: “Óia Pessoa! Aqui tinha um pau que chamava berinjela e ninguém conhecia o que era berinjela”. E agora? Vamos botar o nome desse pau. Eu disse: “Ah. Então bota ai”. Ai botaram o nome Berinjela pelo nome daquele pau e o lugar por causa desse papel que vinha de Jaguarari ai fundou. Não é documentado Berinjela não, é só apelido que vinha os papel da igreja, ai botaram na luz da Coelba com o nome Berinjela.

Como falei, foi no tempo da Irmã Rosina de Santa Catarina. Ai fundou o nome Berinjela mode os papel da luz, de Coelba. A Coelba botou nos papel Berinjela por causa desse apelido, mas não tem documento não, é tudo Serra dos Morgados. Toda documentação é de Serra dos Morgados, Serra dos Morgados. Ai foi assim.

5.6. DONA AMÉLIA



Figura 39: Dona Amélia (BRUNA, 2020).

Meu nome é Amélia de Souza Bonfim. Eu sou de 35 (1935), aí conte, por uns diz que eu tenho 83, outros diz que eu tenho 84. É, já completei 84 anos agora no dia 18 de Setembro. Eu digo que é 83, outros dizem que é 84, mas é 84 mesmo. Agora é que eu já passei para 85 (risos). Eu nasci no Sítio do Meio aqui perto de Juacema. O meu pai era José Panta de Souza e Generosa Gertrudes de Bonfim, ai depois passou para Souza, porque o Souza veio do meu pai, por derradeiro. Eles moraram no Sítio do Meio direto.

Depois que eu casei é que eu vim morar aqui. O meu marido era dali da Baixa dos Carneiros. E aí eu casei, morei no sítio do Meio, vim ali para um lugar que chama Mandacaru, passei quatro anos em Jaguarari, mas não gostei, era uma coisa ruim, uma falta de água medonha. Aí eu disse: não. Aí eu peguei e vim para aqui. Já tem uns 20 anos ou mais que eu morar aqui na Serra.

Tinha uma divisão bem ali, pra baixo de lá de casa, dizendo que era Jaguarari e o outro Campo Formoso, mas agora já ouvi

dizer que botaram Campo Formos mais lá pra cima e minha casa já ficou em Jaguarari. Agora eu já não sei mais não direito.

Conhecer o pessoal, posso não conhecer agora porque tem um bando de mais novo. Não sei se eram os mais velhos, mas eu sei que eu conheci um bando dos mais velhos. O véio meu sogro mesmo morava lá na Baixa dos Carneiro. Era a Joana Carneiro do Bonfim mais meu sogro lá. E o meu marido era Manoel Carneiro do Bonfim, tudo dos Bonfim.

Quando eu vim para a Serra eu já estava separada do marido. Tive oito filhos, agora só tenho sete, porque um faleceu. Eram quatro homens e quatro mulheres. Moro só com Deus na minha casinha véia. Não sei rezar não. Eu tenho vontade de aprender porque, às vezes, eu vejo umas precisão, mas eu nunca fiz coisa pra tá rezando. Mas, às vezes, tinha um animal ali engasgado e mandavam me chamar para rezar de engasgo. Eu não sei não, mas com a fé que eu tinha em Deus, quando pensar que não, aquele animal desengasgava. Umas duas vezes ou três, fiz isso. E dava certo. Não sei se foi cinco ou seis vezes que eu servi de parteira, naquele tempo. Agora não faço mais.

Eu capava frango, capava porco, capava gato. Botava os gatos dentro do saco pra capar. Agora eu não faço mais porque os dedos não me ajudam mais. Botava um gato dentro do saco, quando acabar fazia um buraquinho assim, botava os ovinhos do gato pra fora, quando acabar passava a faca, tirava os ovinhos aí soltava o gato. Um dia eu capei um da finada Nazinha que eu sorri: botamos o gato dentro do saco e o gato pulando e ela ficava: “segura o gato Pêê, segura o gato Pêê”! Até que capamos o danado do gato (risos). E era assim, tudo essas pataquadas tudo eu fazia.

Se no tempo de eu nova fosse como hoje em dia que tem o povo pra botar nos estudos, eu era uma boa enfermeira. Meu estudo foi muito pouquinho. Mal fazia meu nome e hoje em dia nem meu nome eu não faço mais que os dedos não ajudam a pegar uma caneta.

Tive poucos namoro. Não deu tempo namorar muito não que a paciência não deu. Só casei uma vez. Tive oito filhos, quatro homens e quatro mulheres. E aí me separei do marido

e não arranjei outro. Pra quê arranjar outro? Eu bem sofri com um. Pra que esses namoro por fora? Se foi ruim por dentro, por fora também não presta não.

Eu trabalhava na roça. Trabalhava plantando feijão, negócio de roça mesmo, vendia. Era do que eu vivia, era da roça, com as coisas de roça. Eu agora só tenho uma rocinha lá no covão. Mas ainda choro quando chego lá porque eu não posso fazer o que fazia, e tá com uns dias que eu não vou lá. Mas trabalhei para o lado do Boqueirãozinho, como nós chamávamos as roças de lá, que eram as roças de mamona, de feijão, de milho. Lá mesmo no Sitio do Meio.

Trabalhava para os outros também e ganhava o dia de serviço. Mesmo depois porque o meu marido era meio atrapalhado comigo e ai eu fiquei para lutar com os filhos, os oito filhos e nós vivia da roça, trabalhando nas roças dos outros. Esse povo do Covão mesmo, nós trabalhava lá nas roças, ganhando dia de serviço. Era de enxada para ganhar o dia de serviço. Quebrando a mamona, catando o feijão, plantando o milho, plantar e arrancar o feijão. Tudo isso eu fiz e gostava. Ainda hoje gosto. Fico doente, quando eu vou agora que eu não posso fazer: dou para chorar porque eu não posso mais fazer o que eu fazia (emocionada).

Eu costurava vestido, costurado calça de homem, mas hoje em dia... Era quase costureira (risos). Era meia, era meia costureira. Meurimão eu aprendi a costurar, aprendi a fazer esteira. Só nunca aprendi a fazer de chapéu. É diferente. A tira do chapéu é diferente da da esteira. O cesto, eu fazia. Panela de barro, eu fazia. Eu fazia cada pote: deste tamanho os pote. Agora o barro era coisado que tinha uns que saiam sãos, mas tinham outros que pipocavam quando botava fogo. Que era preciso a gente pisar o barro e pisar uma mistura que era ou de cacos de telha ou de outra mistura. Às vezes pisava cacos de telha, outras horas os cacos das que quebravam. Ai mistura com o barro e ficava bom. Ai vendia, que o povo encomendava. Era umas panelinhas veias male feitas, mas quando botava no fogo segurava água e o que botasse dentro (risos). Ai essas coisas, assim, eu fazia. Quase de toda coisa eu fazia um pouco, eu aprendi. Mas hoje em dia

eu não faço mais nada. Era o cesto, a esteira. Eu fazia até uma esteira que não tinha cabeceira. A gente ia fazendo ela era toda de ureula. Fazia indo e voltando e ficava só os beicinhos mesmo. Não tinha cabeceira como essas que encontra hoje na feira. E fazia com a palha do licurizeiro e a palha do Ariri. Lá no Sítio do Meio era o licurizeiro. Lá no Boqueirãozinho tinha os pés de ariri. A gente pegava os olhos do ariri, mas era pouco lá, mas era mais a palha do licurizeiro para a esteira. E aí eu só fazia essas coisas, assim, para fazer as coisas, assim, do mato. Pois é meu fio, minha história é essa.

E na enxada? Na enxada era direto. Todo dia era na roça com a enxada do lado, capinando. Às vezes papai empreitava roça, assim, para nós limpar. Nós era em cinco mulheres, foi tudo encarreado, cinco mulheres. Depois dessas cinco, nasceu dois homens. Aí depois dos dois homens nasceu duas mulheres. Sete mulheres e dois homens. Aí nós era lá na roça direto. Todo dia na roça com a enxada. Cada quem tinha sua enxada (risos). Era a Casa das Sete Mulheres (risos) e a mais velha era eu.

A LABUTA

Já teve mais pior do que agora. Ói! Tá com muitos anos e eu ainda era solteira, uma época que era ruim, foi ruim mesmo. Não tinha dia de serviço, os pais de família viviam se batendo, coitados, e o meu pai mesmo, que nós era em nove filhos, meu pai mesmo vivia com os animais e aí para o Salitre buscar rapadura para vender em Jaguarari para fazer o frango da gente comer na semana. Era o meu pai para o Salitre com a tropa de jegue para comprar rapadura para vender e nós na roça. Quando era sexta-feira, que ele chegava de lá, já da quinta pra sexta, nós era arrancando macambira para queimar para quando ele chegar para os animais comer. A vida era essa. Era dura!

Eu ajudei meu pai a tirar as cascas, nesse tempo que o povo vendia aí em Jaguarari. Era casca de Angico, que o povo tirava nesse tempo. Fazia aqueles feixes, botava no animal, nas cargas, para vim vender. Esses dormentes que tem na linha de trem, atravessado, chamava drumete/dormente. Faziam lá

nas matas, lá nos matos, prumode vender aqueles drumente/dormente pra poder comprar o pão de cada dia. Aí eu ajudava a carregar os animal. Colocava a carga em quatro ou cinco jegues.

Ainda trabalhamos cortando lenha para vender tudo para o trem de ferro que era à lenha. A gente fazia as pilhas de lenha para vender pro trem, para o trem viajar na linha, tudo isso eu fiz. Ainda juntamos, fazia aquelas pilhas de pedra, dessas que bota na linha. Agente juntava nos matos, agora ali fazia dois metros ou três metros, ou quatro metro. Era em metro, pra depois receber aquele dinheiro pra fazer o ramo da vida. Recebia aquele dinheirinho ai comprava as coisa para comer. Tudo disso eu conto. Passei.

Teve um tempo que nós ainda fomos no Salitre tirar xique-xique para comer. A gente chegava lá, cortava aquele pau de xique-xique, lavrava, lascava aquelas lasquinhas, quando acabar botava para secar para fazer o cuscuz para a gente comer. Ruim meurimão que eu queria que tu visse. Quando a gente achava um xique-xique bom, até nem tanto, mas tinha uns que eram salgado, salobo. E assim passamos uns dois meses na Laje Grande. Foi quando deu uma chuva boa, ai papai foi buscar nós: era eu, uma irmã minha e uma comadre. A comadre minha já morreu, mas a minha irmã ainda tá aí, mora em Petrolina. Ai deu essa chuva e papai foi buscar nós para fazer a plantação, plantar feijão, milho e essas coisas. Graças à Deus começou a chover, a gente começou a trabalhar e largamos esse ramo para lá. Mas por tudo isso ainda passei. E a finada minha mãe contava um caso que a seca de 32 para 33 foi a seca maior que teve. Ela dizia que tirava a farinha do licurizeiro, que chamava bró. Ainda vi ele (bró), mas não cheguei a tirar ele não, mas o xiquei-xique, nós ainda tiramos na Várzea Grande, no Salitre. E por tudo isso ainda passei. E hoje em dia, graças à Deus, tô tranqüila. Vivo da minha aposentadoria, às vezes, crio uma galinha, tinha um bocado de pintinho novo, mas o bicho comeu tudo: tinha dezoito pinto, ficaram cinco. Não sei se foi gavião, num sei se foi rapoza, num sei se foi gato, só sei que sumiram tudo (risos) e só tem cinco pra contar história (risos), e não sei se vão escapar não (risos). Não sei se esses cinco ainda vão escapar não (risos).

E minha vida foi essa. Ai casei com vinte e cinco anos. Mas antes não tivesse casado, tivesse ficado na minha labuta, mas o que tenho é que sempre arrumei meus filhos. Meus filhos e minhas filhas são muito bons comigo, uns moram em Arcoverde, outros moram em São Paulo, outros ali em Jaguarari, e dos meninos, um mora ali no Ponto Novo, o mais velho, o Elson.

OS GONÇALVES

Os Gonçalves? Eu conheci uns, mas não conheci tudo não. Eu conheci só o povo do Véio Ló, que era dos Gonçalves. Eu conheci pouco desses Gonçalves. Eles moravam lá do outro lado de lá e eu morava lá no Sítio do Meio e só depois é que eu vim praqui.

O ENGENHO DA BERINJELA

O engenho da Brinjela... Oh! do finado Eduardo... conheci, mas não alcancei não. Agora meus pais talvez... porque também meus pais era mais pras bandas de lá, pouco vinham para a Serra da Brinjela, era só mais lá para os lados do Sítio do Meio mesmo.

SAMBA

Eu gostava de Samba de Palmas, gostava de Samba de Roda. Só nunca fui dançadeira de sala porque papai não gostava, não deixava nós dançar os forró (risos). Deixava não. Uma vez nós dançamos escondidas no Catuni. Eu e uma irmã minha (risos). Nós fomos para o Catuni, foi assim que começou as corridas de argolinha. Nós íamos catar café lá no Carrapichel. Ai quando nós chegamos no Catuni começou essas brincadeiras das corridas. Quando foi de noite, um forró bom danado. Aí nós fomos se mexendo, se mexendo naqueles meios e entramos na brincadeira dançando. Mas não era para papai saber, como ele morreu e não soube (risos). As colegas que nós andáva nunca descobriram isso. Porque ele (pai) não deixava nós dançar em sala de dança e essas coisas. Até o samba mesmo, ele não era muito chegado não. Logo ele era crente.

Samba no Catuaba eu mesmo acho que nunca fui. Era só lá mesmo no Sitio do Meio. Meu primo era cantador de Samba, era cantador de Roda. O João Pité. Não sei, já ouviram falar no João Pité? Era cantador de Roda. E era bom de cantar Roda. Oh! Meu Deus! A Roda, junta aquele bando de gente e faz uma Roda Trocada. Aquela Roda Trocada é ótima! agora entra os par, num sabe!? Se entrar 10 mulheres, são 10 homens para quando trocar as rodas ter os cavaleiros tudo certo para brincar. Oh! Mais é bom viu!? É bom! Brinquei muito! Aí, depois que casei, o marido nem deixava eu brincar Roda, nem deixava eu dançar Samba e nem deixava fazer nada. Aí ficou abusado, abusado... ai foi no tempo que nos separamos e eu aproveitei: tanto dançava Roda como dançava Samba, como pulava, e hoje em dia ainda pulo ainda, se tiver que dançar Roda eu ainda danço. Ainda um dia desses uma sobrinha estava me chamando para fazer uma Roda Trocada, agora eu não sei se era na casa dela. A Rosentina, que é minha sobrinha, aquilo gostava de brincar Roda, bem assim era a mãe dela também, mas também a Rosa só vive emberequetada, coitada, mas quando a gente entra numa farra, faz que só a música: não quero sair mais não, só saiu quebrar da barra quando pegar o soli com a mão (risos

Samba? Tem umas cantigas de cantar. Eu já me esqueci. Às vez, quando eu tô mais as minhas sobrinhas, com a Rosentina, com a Jordiana e mesmo a Maria, que são tudo irmã, e são tudo minhas sobrinhas. Aí quando nós estamos nesses lugares, aí, nós, piranhas (risos). De um jeito ou de outro, tem umas músicas. E o Reis é diferente do Samba. No Samba é o povo que canta uma toada: “Oh, seu fulano.. tô aqui, já vou chegando...(risos). E aí tem os batedores de Samba”. E o que canta nas portas é o Reis, que tomen é bonito o Reis. Eu cantei Reis aí com as meninas. Ainda faz aí uns Reis, mas não é nunca como os primeiros. De primeiro, com os mais velhos, é que era bonito, mas depois foi morrendo aqueles mais velhos que é quem sabe mais das coisas e os mais novos vão procurando outras coisas.

Ah! O Zé Bléo, aquele é um sem vergonha (risos). Quando me ver é só para dizer coisa com eu. Me atentando. Fica dizendo que eu sou feia, que eu só sou isso e aquilo. Me chama de não sei o quê tanto. Ele fica falando porque eu era puxadeira das rodas.

MEMÓRIA INDÍGENA

Índio? Conheci não, mas ouvi falar, não sei se era a bisavó da avó dos meus meninos que ela era Cabocla Índia. A minha sogra contava que ela foi pegada a dente de cachorro. Pegaram e aí foram cuidar dela e o mesmo que pegou ela foi quem cuidou dela e quando acabar casou com ela. Nunca me disseram como era o nome dela.

CANDOMBLÉ E JUREMA

Aqui tinha um terreiro, o da finada Laura. Eu conhecia. Ela era até minha comadre de São João. Ainda fui no terreiro dela. Um dia ela me convidou e eu fui lá de junto dela.

Eu não sei se tenho santo não. Até agora não. Uma vez eu cheguei em São Paulo e a minha irmã é crente, nós fomos lá para a igreja dela, e lá eles abaixaram. Quando eu dei por mim, eu tava lá no negócio deles lá. Já tinha derrubado cadeira, já tinha empurrado ela, já tinha barranbarado a casa (risos). E outra vez, a primeira casa que fizeram ali (mutirão), diz que eu arruinei por lá. Eu não lembro não, os outros que contaram. Dizem que eu pisei dentro do fogo e não vi e não me queimei não. E não dei fé de nada. Fizeram a comida para o mutirão da casa de taipa aí foi quando eu manifestei. Pisei por dentro do fogo e fui me embora e não me queimei nem nada (risos). Aí depois ficaram falando, ficaram me dizendo assim dessas minhas coisas, uns praqui, outros pracolá.

E aí depois, dessa vez que eu fui lá em São Paulo, na Igreja Universal, que a minha irmã é dessa igreja, e aí nós fomos pra lá e foi quando eu me manifestei. Quando eu me acordei tava lá no altar agarrado com os pastores (risos). Já tinha derrubado lá uma duas cadeiras. A comadre Elza me contando que diziam que era pra todo mundo fechar os olhos e ouvindo aquela bagunça pensava: “será que é a comadre Amélia?” Mas com os olhos fechados, né? (risos). Umas duas vezes eu fui ali na casa da comadre Nega do Alto São João, e lá baixou também. E depois dessa coisa lá dos crentes aí nunca mais. Ai não sei, mas dizia

ela (Nega) que eu tinha Cosme e Damião e Santa Bárbara. Aí eu não podia ver tocar Santa Bárbara e nem Cosme e Damião, que era cantar e baixar em mim. E assim eu tenho tomado muito remédio dessas casas de terreiro. Eu vou lhe falar a verdade: eu vou mais nas casas de terreiro do que nos médicos, acredita? Tenho muito mais fé dessas casas de terreiro do que de médico. Eu não gosto de ir pra médico não. Logo médico é só injeção, é exame, remédio, e eu tenho medo de injeção. Eu vejo o povo com um tubo de injeção na mão (risos), me tremo toda. A primeira vez que foram me dar uma injeção, porque eu levei uma queda e descontrolei aqui o pé e me levaram pro médico: “é preciso levar injeção”. Aí laivai eu me deitando. “Não dona, não precisa se deitar não”. E foi logo ai em Jaguarari. Foi um bem moreninho que trabalhava no hospital e que dava injeção no povo. Era o enfermeiro Olímpio, bem ele mesmo. Pois é, mas ainda hoje eu tenho medo. Quando chega as vacinas dos velhos que é para dar, eu fecho os olhos, boto o braço pra lá, às vezes nem dói, mas só a cisma de injeção. E aí nesses terreiros eu gosto de ir, quem quiser achar ruim que ache, mas eu gosto (risos). Esses crentes mesmo são abusados, mas eu gosto. Gosto e tenho fé. Já tenho tomado muito remédio desse povo. Era garrafada! Tenho muita fé e sou curada. E ainda, agora, tou tomando a Jurema, gosto, me sinto bem! Ainda não não sinto nada. De melhora eu sinto que tô mio, num sabe? Mas pra dizer que eu fico tonta ou sinto isso e aquilo não. Agora das dores, graças à Deus, eu me sinto boa, viu? Gosto de vim receber a balinha pensando que era mel. Eu pensei que era mel mesmo. Que era docinho. Aí quando botei na boca veio aquele gosto da Jurema. Da resina de Jurema, tem o gosto mesmo da resina da Jurema. Ai eu disse: “Ah não é uma bala não, doce, meu Deus”, mas gostei.

Ontem mesmo eu fui pegar um baldinho de água pra molhar uns pés de bananeira, e ai quando eu me abaixei assim pra pegar o balde, chega me deu aquele choque, mas rapaz, passei o dia todinho que não podia me abaixar que chega faltava o fôlego. Digo: “Valha-me Deus”. Ai bebi um alcanfor. Pensei: será que é a coluna? Como que doía nos rins. Ai graças a Deus, hoje tô melhor. Já molhei os pés de laranjeira e de coisa hoje e não senti

muito não, mas ainda sinto que não tá normal não. Eu gosto de tomar o chá da Jurema, mas eu tô achando mais ruim porque é de noite. Porque de noite, assim, a minha vista aruina e eu fico tonta para caminhar de noite. Mas eu pensei: se eu conversasse com os meninos e fosse coisa de eu ir de dia eu gostava de vim mais de dia. Mas eu quero tá no meio de todo mundo (risos). Mas às vezes, meurimão, pra tá ocupando os outros. Se fosse coisa que viesse alguém de lá pra cá era mió. Tem um menino meu que, às vezes, gosta de me trazer. Vem me trazer, mas quando é tarde não vem buscar. Ai não pode não.

CONHECENDO O POVO

Também conheço a Conceição. A comadre Silva, que era a mãe da Conceição, era a minha colega de toda vida. A Conceição, a Zefinha que é irmã da Conceição e mesmo o Zé Bléo. E tem o Nuto, que era irmão do Zé Bléo, a Zefa do Inácio, o Miguel, que é primo carnal do meu marido. Tem a Glória, que é esposa do Miguel. Tem o Zé Lino e a mulher dele que é a Manu. Tudo é conhecido ali. Esses mais velhos conheço quase tudo, mas esse mais novos é que eu fico sem conhecer.

TEMPO DAS ÁGUAS

Alcansei aqui muitas águas. Acolá corria o que se chama Estiva mais em cima e mais embaixo o Mamão. A água descia de lá de cima dos Carneiros como a gente chama, para ir lá para a Juacema. Era muita água, quando era tempo de chuva. Teve uma vez mesmo que foi tanta chuva que carregou até um jegue (risos). Eu não sei se o jegue era piado, sei que estava no beicho do riacho e foi uma enchente muito forte que carregou o jegue e foi deixar lá não sei aonde. Lá no Sítio do Meio também teve uma que carregou foi criação (bode, cabra, carneiro, ovelha) pra dentro do riacho. Porque chovia e a criação que tava perto do riacho, quando a enchente vinha carregava. Eu alcancei tudo. Agora de um certo tempo para cá foi que mudou tudo, tudo.





